



1703-2003

Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo

Seminário da Torre d' Aguilha – Bloco Este • 2785-599 S. DOMINGOS DE RANA •
Tel. 21 4447530 • Fax 214447539 • Telem. 917300778
eduardo.ferreira@espiritanos.org • www.espiritanos.org



Estimada e Boa Amiga

Senhora Engenheira Maria de Lourdes Pintassilgo

Na continuação das conversas havidas e da marcação feita na agenda da Senhora Engenheira, venho recordar e fornecer elementos que possam ajudar a contextualizar a intervenção no XIX Capítulo Geral da Congregação do Espírito Santo que se realiza de 20 de Junho a 17 de Julho de 2004, no Seminário da Torre d'Aguilha – S. Domingos de Rana.

- Data da Intervenção da Senhora Engenheira: 25 de Junho – 6ª feira, às 11.00 H. Recordo que, conforme conversado, poderá haver alguma flexibilidade nesta data, se tal for imperioso.

- Tempo previsto de intervenção e debate do tema proposto "Relações Norte – Sul": 1h. e 30 m. Gostaríamos de contar com a sua presença para o almoço.

- Segue junto uma pasta de dados que podem ajudar a perceber o significado e abrangência deste Capítulo Geral dos Espiritanos, pela primeira vez realizado em Portugal, nos 300 anos da sua história. Documento base do Capítulo, proveniência dos delegados, mensagens jubilares dos 300 anos (também a da CEP) ... eis alguma informação que enviamos.

Reafirmando quanto estimamos que possa estar connosco num evento deste alcance ficamos unidos no empenho e oração para que este Capítulo Geral e outras buscas de novos caminhos da Missão num mundo incerto sejam momentos de graça para o "reavivai o dom que recebestes".

Com amizade

Torre d' Aguilha, 5 de Março de 2004


P. Eduardo Miranda Ferreira, CSSp.

Assembleia Provincial da Páscoa

Fraião — 13 de Abril de 2004



Preparando o Capítulo Geral 2004

Fundação Cuidar o Futuro



Documento de Estudo:

*Viver com autenticidade
o Carisma Espiritano Hoje*

Aos membros da Família Espiritana:

Estimado Irmão

O Capítulo Geral vai realizar-se no nosso Seminário da Torre d'Agulha, de 20 de Junho a 17 de Julho. Já sabemos que haverá mais de 100 participantes, incluindo capitulantes e funcionários do Capítulo. Também já começam a chegar alguns textos importantes que vão servir de base à reflexão, discernimento e partilha dos capitulantes. Um exemplar de cada um desses textos será enviado ao superior de cada comunidade para que o coloque à disposição de todos. Mas há um texto base "**Viver com autenticidade o carisma espiritano hoje**" que colocamos aqui nas suas mãos. Seria bom lê-lo individualmente. Trata-se de uma boa reflexão para este tempo da Quaresma. Partilhar essa reflexão em reunião comunitária pode ser uma forma de preparar a participação na Assembleia Provincial da Páscoa. Aí vamos dar a nossa contribuição e reflexão aos delegados da Província ao Capítulo. Por isso, contamos com um grande número de confrades nessa Assembleia. Inscreva-se através do Superior. Ao acolhermos o Capítulo Geral em Portugal, temos, de alguma forma, uma responsabilidade acrescida na sua preparação, não só do ponto de vista material e logístico, mas também do ponto de vista espiritual e vivencial.

Que este tempo de Quaresma, tempo propício à reflexão e à oração, à penitência e à partilha, nos ajude a colocar-nos em ambiente de Capítulo Geral, isto é, em ambiente de oração, para que o Espírito de Deus nos ilumine e nos conduza a uma maior fidelidade ao nosso carisma espiritano.

Unidos em Cristo

P. José Manuel Sabença

- Sup Provincial

“Reavivai o dom que recebestes” (1 Tim. 6,20)

VIVER COM AUTENTICIDADE O CARISMA ESPIRITANO HOJE

Introdução

Estamos conscientes de que esta abordagem ao Capítulo Geral acontece exactamente um ano após o encerramento do Jubileu Espiritano. Durante este tempo de graça, toda a atenção esteve centrada na celebração dos aniversários dos nossos fundadores. Reflectimos como os espiritanos de cada geração fizeram frente aos desafios que a Missão lhes apresentou, ao longo dos 300 anos de História desde a nossa fundação. Em vez de um sentimento de saudade, a celebração desses aniversários estimulou-nos ainda mais a enfrentar o desafio colocado constantemente à Congregação: o de actualizar novamente o carisma e as intuições dos nossos fundadores no contexto do mundo contemporâneo (R/E 2). É nossa convicção de que este Capítulo Geral deveria fazer avançar o processo de renovação iniciado durante o Jubileu Espiritano.

Ao longo destes seis anos, procurámos responder aos grandes desafios do último Capítulo realizado em Maynooth. “Sentimo-nos chamados a tomar opções novas e radicais... ao serviço dos mais abandonados, a uma cooperação maior de uns para com os outros, a uma vida fraterna vivida dentro do Instituto e, através de tudo isto, a uma vida espiritual autêntica.”¹ Esforçámo-nos por discernir para onde é que o Espírito nos está a conduzir e ‘fizémo-nos ao largo’ como provam as muitas e novas iniciativas missionárias. A nossa barca vai de novo atracar no porto, aqui em Lisboa, a fim de nos permitir examinar, aconselhar e tirar conclusões da experiência adquirida como Congregação ao longo desta viagem de seis

¹ Prefácio aos documentos do Capítulo de Maynooth de 1998, Pierre Schouver.

anos. A Agenda está, pois, preenchida com as vossas e as nossas experiências, vividas ao longo deste período. As respostas dadas ao questionário foram como que o eco de muitos dos nossos pensamentos e experiências de 'Conselheiros'.

De entre elas destacamos três áreas fundamentais para a Agenda de Trabalho que vos apresentamos e que constituirão o objecto de discussão e deliberação da vossa parte:

- **Redescobrir a vida apostólica espiritana no mundo contemporâneo.**
- **O rosto da Congregação sujeito a mudança constante: a nossa internacionalidade sempre crescente.**
- **A unidade que se tem de manter dentro duma Congregação cada vez mais diversificada.**

Constatamos que a análise feita em Maynooth sobre a vida e a missão da Congregação são hoje tão válidas como o foram há seis anos.

Ao estudar os vossos comentários à luz da nossa própria experiência, chegámos à conclusão clara de que já é tempo de analisar mais de perto algumas questões que afectam de maneira significativa o modo como, na prática, vivemos a visão de Maynooth. Muitos clamam pela necessidade de preencher o vazio que existe entre o projecto de Maynooth e a realidade vivida. A observação vai no sentido de pedir a este Capítulo que preste atenção, antes de mais, aos agentes da evangelização, tal como sugerem os três pontos acima mencionados. Ao apresentar-vos esta proposta, estamos convencidos de que os frutos das nossas discussões hão-de ter implicações fortes na nossa Missão 'ad gentes'; poderão identificar, e oxalá levar a uma conclusão partilhada sobre 'as areias escondidas nos sapatos', que são a causa das nossas frustrações e nos impedem de seguir mais fielmente os carismas dos nossos fundadores. É possível que tragam implicações para o campo da formação espiritana e a maneira como ela está organizada, para o estilo de vida da comunidade



espiritana, para a qualidade da nossa solidariedade e para a Congregação em geral, em todas as suas estruturas.

1. REDESCOBRIR A VIDA APOSTÓLICA ESPIRITANA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

“A vida apostólica é o coração da nossa vocação”. (RVE 5)

“O mesmo Espírito que nos chama à Missão, chama-nos, também, à comunidade”. (Maynooth 0.4.3)

1.1 Vida apostólica espiritana

A nossa vida consagrada, vivida em comunidade, está ao serviço da Missão. Dirigimo-nos “àqueles que ainda não ouviram a mensagem evangélica, os oprimidos, os menos favorecidos, onde a Igreja tem dificuldade em encontrar operários”². Reconhecemos, no entanto, que cada geração de espiritanos terá de inventar a sua tática para fazer frente aos desafios, tendo em conta as circunstâncias próprias de cada época. Acreditamos que hoje somos chamados a uma abordagem nova e a um estilo novo de Missão. Conscientes de que o Espírito de Cristo já está presente e actua nas culturas para onde somos enviados, a Missão transforma-se numa caminhada que nos enriquece mutuamente e na qual, juntos, identificamos e procuramos libertar-nos das cadeias que impedem a plena realização do Reino de Deus. Celebramos esta *‘Missio Dei’* por nós herdada, na vida sacramental da Igreja. Esta compreensão da Missão hoje, exige dos missionários uma espiritualidade mais contemplativa.

² RVE 12.



1.2 Vida consagrada espiritana

Nos relatórios que nos foram enviados, muitos confrades, inspirados pelos nossos fundadores, exprimiram o desejo de regressar a uma compreensão melhor da vida consagrada como testemunho e alicerce dos compromissos missionários. Os confrades querem descobrir de novo o lugar central da sua consagração a Deus através da vida religiosa, vivida segundo o carisma espiritano.

Hoje, talvez mais do que nunca, estamos conscientes da nossa fragilidade, dos nossos '*pés de barro*', e da necessidade que temos duma verdadeira vida de comunidade que nos ajude a permanecer fiéis à nossa vocação espiritana.

Ser espiritano, quer dizer cultivar uma atitude de abertura e docilidade às inspirações do Espírito Santo nas nossas vidas, de atenção aos sinais dos tempos, de disponibilidade para a missão segundo o aforismo '*paratus ad omnia*', quando os pedidos dos nossos legítimos superiores e as necessidades da Missão contemporânea estão em causa.³

Fundação Cuidar o Futuro

1.3 Vida comunitária espiritana

Tomámos nota da forte chamada de atenção, expressa nos vossos relatórios, para uma revisão do campo da vida comunitária a partir da realidade vivida.⁴ O primeiro testemunho da mensagem evangélica e dos valores do Reino deve ser dado na nossa vida comunitária espiritana. A nossa pregação deve ser o eco da realidade por nós vivida. Será na comunidade que adquirimos as qualidades espirituais da paciência e da tolerância na aceitação das diferenças, tão necessária no mundo contemporâneo. Mas a vida de comunidade não é algo que acontece automaticamente entre

³ Ver Directivas e Decisões, Capítulo Geral de 1968-1969, n.º 22, 28.

⁴ Relatório do Superior Geral em Maynooth 1998, n.º 4.4.3: "Muitas das respostas ao questionário para o Capítulo vêm no renovamento da nossa vida comunitária um dos grandes desafios a enfrentar".

confrades que vivem debaixo do mesmo tecto. Construir a comunidade exige esforço e a contribuição de cada membro neste processo há-de ser considerada de importância vital para a vida sã de uma comunidade e para o crescimento de cada pessoa. A autoridade tem um papel essencial a desempenhar na organização da comunidade e nas estruturas que se hão-de criar para facilitar a abertura aos outros e a partilha. Cada membro da comunidade há-de ser tomado com equidade e respeito. Isto é ainda mais importante no contexto de uma comunidade internacional e inter-cultural: deve-se ter o cuidado de garantir que os que são nomeados para pertencer a tais comunidades sejam pessoas devidamente preparadas, que tenham dado provas de aptidão para tal tipo de comunidade.⁵

1.4 Desafios

Para nós, como Congregação, um problema sério é o espírito individualista que está ganhando raízes em muitas circunscrições. Alguns confrades fazem os seus projectos sem terem em conta os projectos dos seus legítimos superiores e os dos outros membros da comunidade a que pertencem. Esquecem-se de que a Missão é qualquer coisa que nos foi entregue e não uma tarefa por nós escolhida. Alguns buscam trabalhos que os possam enriquecer pessoalmente, pondo de parte os que estão na linha do nosso carisma. Estas e outras irregularidades, se não se controlam, põem em questão a maneira como entendemos os nossos votos de pobreza e de obediência, sem falar da nossa entrega à Missão espiritana.

Ao mesmo tempo que reconhecemos as necessidades sérias de pessoal para os cargos da formação e da administração em muitas circunscrições, notamos a tentação, por parte de alguns superiores, de chamar confrades, mesmo de primeira afectação, para a sua circunscrição, saltando as normas estabelecidas. Se tais decisões são tomadas unilateralmente, sem o diálogo necessário e a licença obrigatória do superior da circunscrição

⁵ Ver Maynooth 3.8-3.15; 4.1-4.18.



para a qual o confrade fora nomeado, a estabilidade dos nossos projectos missionários pode ficar seriamente ameaçada.

1.5 A nossa Identidade espiritana

Podemos perguntar-nos novamente se a nossa vida em comum é experimentada como fonte de inspiração para a Missão ou como um simples arranjo de conveniência.⁶ O que está em questão é quem somos nós como espiritanos, que é que nos identifica como espiritanos, o que há em nós que permaneça verdadeiro em todos os continentes. Os nossos confrades jovens anseiam por que estes problemas sejam abordados. Se a falta de liderança estiver na origem de algum dos problemas acima referidos, isso quer dizer que tais problemas devem ser tratados neste Capítulo. Algumas respostas põem em questão a forma como alguns superiores exercem a autoridade, sobretudo no caso de comunidades internacionais e inter-culturais.

Fundação Cuidar o Futuro

⁶ Ver Maynooth 3.8.

2. O ROSTO DA CONGREGAÇÃO QUE SE ALTERA: A NOSSA INTERNACIONALIDADE EM CRESCIMENTO

“O Espírito chama-nos a uma conversão constante, molda as nossas vidas, quer como pessoas quer como comunidades, faz-nos participantes do mistério da morte e ressurreição de Jesus e prepara-nos para o dom total de nós mesmos para o Reino”. (RVE 10).

“Esforçar-nos-emos por incrementar a nossa solidariedade dentro de cada região e entre as regiões. Esta partilha, quer de pessoas quer de recursos financeiros, provém da nossa preocupação e respeito de uns pelos outros, como irmãos e irmãs que se sentem responsáveis pela mesma Missão”. (Maynooth 4.25)

2.1 O Mapa demográfico alterado

Em Maynooth reconheceu-se que o mapa demográfico da Congregação está a sofrer uma alteração significativa. Centrado até agora no hemisfério norte, actualmente está a expandir-se e a crescer no hemisfério sul, sobretudo em África, ao mesmo tempo que o número dos membros do hemisfério norte diminui (0.1.2). Esta alteração, tendo em conta a evolução da Missão em si mesma, quando muitas Igrejas locais de países até agora classificados de ‘missionários’ se tornam auto-suficientes em termos de pessoal, tem contribuído para uma Congregação mais diversificada. Hoje estamos espalhados pelo mundo em grupos mais reduzidos e mais internacionais do que no passado. Isto traz novos desafios à qualidade das nossas relações na comunidade, à prática da solidariedade e ao exercício da autoridade (0.2.1).

A qualidade do nosso testemunho nas áreas que acabámos de mencionar, entre outras, vai determinar a autenticidade da mensagem que proclamamos às muitas comunidades e culturas a que somos enviados.



2.2 Aspectos positivos

Em geral, nas vossas respostas, o facto de a Congregação estar a crescer na sua internacionalidade tem sido considerado como positivo. Este aspecto reflecte-se nas respostas apresentadas ao questionário enviado a quando da preparação do I/D n.º 59. Aí aparecem identificados os desafios inerentes à vida em comunidade internacional. A diminuição numérica sofrida pelas províncias do hemisfério norte tem-nos levado a uma colaboração mais estreita na elaboração de compromissos futuros. Os projectos missionários têm sido apadrinhados e partilhados pelas circunscrições por elas elaborados e o processo da regionalização não pára de avançar. Alguns confrades das províncias mais jovens trabalham nestes novos projectos em colaboração com membros provenientes da região. Nas províncias mais jovens e nas fundações, o número de membros continua a crescer, tendo como resultado que uma maioria significativa das primeiras afectações, cada ano, provém destas circunscrições. Entretanto, conscientes do seu envelhecimento e do número crescente de membros aposentados que regressam às suas províncias de origem, muitos Distritos reconheceram a necessidade de colocar os seus recursos ao serviço do crescimento das novas fundações e províncias dessas regiões.

2.3 Problemas emergentes

Embora, no geral, o quadro seja positivo, têm surgido tensões como fruto inevitável desta transição. Muitas das vossas respostas reclamam uma inculturação genuína do carisma espiritano no contexto da cultura local. Alguns dos confrades mais experimentados estão preocupados em como comunicar com sucesso a nossa herança espiritana à nova geração. A preocupação consiste em que “o Sul”, com o tempo, não venha a apreciar as raízes e a herança recebidas do “Norte”. Ao mesmo tempo, os nossos confrades do Sul estão verdadeiramente à procura de uma expressão autêntica do carisma espiritano e da identidade na sua cultura local. O perfil

económico dos países em que muitas das novas fundações e províncias nasceram faz com que a auto-suficiência, a curto prazo, seja um alvo impossível de alcançar. Alguns sentem que, apesar das necessidades das províncias do Norte, os recursos poderiam talvez ser partilhados mais generosamente. Será que a actual organização financeira da Congregação com base na solidariedade, será capaz de fazer frente às necessidades, sempre em aumento? Como poderemos equilibrar a obrigação de fazer frente às necessidades imediatas com a responsabilidade de, a longo prazo, conseguir uma independência financeira estável? Estas perguntas, ao fim e ao cabo, dizem respeito à nossa igualdade como membros da mesma Congregação e à nossa capacidade de construir o sentido da confiança e corresponsabilidade entre uns e outros.

Fundação Cuidar o Futuro



3. MANTER A UNIDADE NUMA CONGREGAÇÃO CADA VEZ MAIS DIVERSIFICADA

“Respeitando embora a sua diversidade, o Conselho Geral, salvaguarda a unidade da Congregação... supervisiona o trabalho das circunscrições e a sua fidelidade à vocação espiritana. Trabalha pelo crescimento do Instituto e promove novas iniciativas para a Missão”. (RVE 199.1)

“Os confrades não-de interessar-se verdadeiramente pelo trabalho uns dos outros e os que trabalham juntos fá-lo-ão como equipa, não como indivíduos”. (Maynooth 5.9)

3.1. A nossa Expansão constante

Em Maynooth, o Capítulo urgiu-nos a ‘fazer-nos ao largo’, em espírito de abertura à acção e ao chamamento do Espírito Santo, apesar das nossas limitações em pessoal e recursos financeiros. Durante os seis anos passados, assumimos missões novas nas Seychelles, Benin, Bolívia, Guiné Equatorial, respondendo a pedidos das Igrejas locais. Estamos para abrir uma nova missão na República Dominicana. Fomos abordados no sentido de abrir novas missões nas Honduras, Libéria e Burundi. Algumas das vossas respostas ao questionário pedem maior clareza nos critérios seguidos ao aceitar abrir uma nova missão especialmente no que diz respeito à sua sustentabilidade. Foram ainda expressas preocupações de que, por causa das diversas situações missionárias no chamado primeiro mundo, corramos o perigo de perder o zelo já tradicional pela missão ad extra. Nessas vossas respostas há uma voz a sugerir que talvez tenha chegado o momento de parar, reflectir e reforçar os trabalhos já em curso, antes de aceitar novas tarefas. Alguns receiam que, por causa da diversidade das obras já empreendidas e da natureza inter-cultural das comunidades por nós criadas, a nossa unidade como Congregação corra o perigo de se romper.



3.2 A nossa visão de missão

Visto que as Igrejas locais, em muitos países tradicionalmente 'missionários', se desenvolveram ao ponto de elas mesmas já estarem a enviar missionários *ad extra*, tornou-se necessário renovar a espiritualidade e a prática de Missão. Devido à variedade intercultural de muitas das nossas comunidades e à particularidade das circunstâncias locais, devemos admitir que são válidas as diversas abordagens à Missão. No entanto, não podemos perder de vista as orientações fundamentais e a visão de Missão tal como elas foram formuladas em Maynooth. Neste contexto, um bom número de confrades pede uma formulação mais clara do nosso carisma e identidade espirituais.

3.3 Formação para a missão

Um outro problema que surge é o da crescente diversidade das nossas comunidades e tarefas. Será tempo de pensar num modelo mais centralizado? É uma pergunta especialmente oportuna, quando consideramos a área da Formação. Há muitas observações a convidar-nos a considerar mais atentamente a maneira como formamos os nossos confrades jovens. Estamos a formar e a preparar os nossos estudantes para o modelo de Missão que foi desenhado em Maynooth? Como os poderemos preparar melhor para a vida em comunidade internacional? À medida em que por toda a parte aumenta o número de cursos exigidos pelas circunstâncias do lugar, há uma necessidade séria de mais formadores em toda a Congregação. A estrutura actual parece que se não poderá manter a longo prazo.

Têm sido propostas várias soluções possíveis, sobretudo para o segundo ciclo da formação: a racionalização das nossas casas de formação, na medida do possível, formando consórcios com outras congregações missionárias; a colocação do 2º ciclo da Formação directamente debaixo da responsabilidade do Generalato, com a possibilidade de criar um número de casas internacionais de formação. Estas casas teriam a vantagem de garantir uma melhor preparação para a internacionalidade, criar



as condições para uma abordagem mais uniforme à comunicação do nosso carisma à futura geração de espiritanos e assegurar maior estabilidade em ordem a conseguir pessoal para a formação. No entanto, a adopção de semelhante proposta teria sérias implicações de ordem financeira.

3.4 Chamada à unidade

O visual internacional, inter-cultural e intergeracional de muitas comunidades nas nossas circunscrições significa que os conflitos podem surgir com facilidade. Sem falar das diferenças provenientes da própria formação teológica, uma fonte de tensões pode ser, por exemplo, as atitudes neo-colonialistas de uns confrades para com os outros. Alguns dos nossos confrades mais jovens sentem-se vítimas de preconceitos e desconfiança, nas comunidades para as quais são enviados, sobretudo com membros de outra nacionalidade, ou outra geração. Algumas vezes sentem-se incapazes de levar a cabo a sua missão e nada sabem sobre a maneira como ter acesso aos recursos financeiros de que a comunidade dispõe para as tarefas apostólicas. Outros confrades, pela experiência tida, põem em questão a seriedade da contabilidade ao cuidado dos confrades mais jovens, sobretudo os provenientes do hemisfério sul. Alguns dos confrades mais idosos não se sentem satisfeitos e até se sentem ameaçados pela tomada do poder por parte dos confrades africanos, dentro da Congregação e têm dificuldade em aceitar as mudanças apontadas acima como inadiáveis. Podem sentir-se inseguros na realidade nova que aparece na Congregação ao dar-se conta de que, pouco a pouco, enfraquecem os laços que os uniam à sua província de origem, à medida em que o Distrito caminha para a sua supressão. O desinteresse pela vida comunitária e pelo projecto da comunidade podem ser muitas vezes o resultado de tais tensões não resolvidas; desta maneira coloca-se em perigo a unidade da nossa vida apostólica.

O Conselho Geral

Questões/sugestões para a reflexão individual e posterior partilha em comunidade:

- ❖ O que lhe sugere o título e o subtítulo deste documento: *Reavivai o dom que recebestes e Viver com autenticidade o carisma espiritano hoje?*
- ❖ **1º Capítulo:** Que aspectos essenciais do nosso ser espiritano lhe parece importante acentuar e desenvolver como resposta à situação actual da Congregação e do mundo actual?
- ❖ **2º Capítulo:** Quais as implicações de um crescimento contínuo da Congregação no hemisfério sul?
Que critérios implementari para realizar um "crescimento sustentado"?
- ❖ **3º Capítulo:** Como manter a unidade numa Congregação cada vez mais diversificada?
Que alterações seria necessário fazer e em que domínio?

ORAÇÃO PELO CAPÍTULO GERAL

Espírito Santo, tu nos convidas a reunir-nos em Capítulo para verificar a nossa fidelidade à vida espiritana e sustentá-la com o teu vigor. Nós te bendizemos por nos teres sempre acompanhado ao longo de nossos 300 anos de vida apostólica. Permanece sempre connosco na realização da missão que continuas a confiar-nos.

Que os teus dons de sabedoria e de fortaleza nos ajudem a perseverar no serviço dos pobres.

Que os teus dons de humildade e de piedade nos levem a assumir os nossos compromissos de vida religiosa.

Que os teus dons de inteligência e de discernimento nos ajudem a descobrir em comunidade os apelos que nos diriges para o serviço do Evangelho no mundo de hoje.

E que pelo fogo de teu amor continuemos a partilhar o entusiasmo missionário de que foram inundados os teus Apóstolos no dia de Pentecostes.

Amen



JUBILEU ESPIRITANO - CONCLUSÃO

- PENTECOSTES - 8 de Junho de 2003 -

* BRAGA/TORRE D'AGUILHA

“ Cláudio Poullart des Places, na festa do Pentecostes de 1703, sendo apenas um aspirante ao estado eclesiástico, começou a fundação da Comunidade e do Seminário do Espírito Santo, sob a invocação da bem-aventurada Virgem Maria, concebida sem pecado” Esta é a certidão de nascimento da Congregação do Espírito Santo, como se encontra nos registos mais antigos dos nossos arquivos. Depois da celebração da festa do Pentecostes, na igreja de St. Etienne des Grês, em Paris, Cláudio, e com ele 12 estudantes pobres, consagraram-se na capela de Nossa Senhora para levar o Evangelho aos pobres e foram depois para a casa que tinham alugado na rua des Cordiers.

Aquele pequeno grupo de estudantes pobres é hoje uma família com 3.000 membros espalhados por 60 países nos cinco continentes.

Estamos aqui reunidos não para mostrar o valor que temos como uma Congregação digna de respeito mas para louvar o Senhor e dar-lhe graças por um movimento missionário que nestes 300 anos tem sido amado por Deus e impelido pelo seu Espírito.

É a primeira vez que nos é possível celebrar um dos nossos centenários. Em 1803, porque a Congregação tinha sido dissolvida em 1792, pela onda da Revolução Francesa, os seus bens tinham sido confiscados e os estudantes foram dispersos. Os membros da Congregação tiveram que fugir: uns para a Suíça, outros para a Itália, Inglaterra e Estados Unidos. Não foi possível, portanto celebrar o primeiro centenário.

Cem anos mais tarde, em 1903, exactamente como em 1803, uma outra grave crise ameaçava o coração da Congregação. A perseguição do primeiro ministro francês, Emile Combes, um anti-clerical renhido, declarou ilegais 44 institutos religiosos, incluindo no número a Congregação do Espírito Santo. 12 casas espiritanas foram fechadas, mas a sagacidade do Superior Geral de então, Mons. Le Roy, conseguiu salvar a Congregação. A celebração deste centenário resumiu-se numa circular do Superior Geral e uma novena de oração a preparar o Pentecostes.

Hoje, pela graça de Deus, pudemos viver este centenário com a celebração de um Ano Espiritano, com diversas iniciativas, a que se associaram não só o Santo Padre como toda a Conferência Episcopal Portuguesa. O Santo Padre, depois de ter enviado à Congregação uma mensagem especial, acaba de receber todo o Conselho Geral dos Espiritanos e os bispos de Portugal, além de terem participado nas suas dioceses nas diferentes celebrações do centenário, tiveram a gentileza de escrever uma Nota Pastoral de estímulo e de congratulação.

(Obrigado Senhor Cardeal Patriarca/D. Jorge Ortega ... pela carinhosa presença neste momento e também pelo empenhamento amigo que tornou possível a referida Nota Pastoral intitulada "*fazer-se ao largo, com a Força do Espírito*").

Recordar estes 300 anos é a reavivar a memória de cerca de 15 000 missionários que deram a sua vida pela causa da Evangelização.

Celebrar 300 anos é percorrer as grandes etapas de um longa peregrinação: a missão no Extremo Oriente, quando a Congregação ensaiava os primeiros passos para as missões distantes; a missão da Acádia quando a América do Norte era o grito missionário mais urgente daquele tempo; a missão da Guiana e da América do Sul, aí onde está o povo de todas as opressões; a missão das Duas Guinés, missão do interior desse continente mistério que os exploradores acabavam de desvendar, onde a nova África despontava; a

missão da Europa em busca da sua própria identidade cristã e, ultimamente, a missão da Ásia, o continente de todas as culturas, todas as religiões, todas as pobreza e expectativas.

Celebrar 300 anos é recordar todas as situações de missão que definiram a nossa maneira de ser e nos ensinaram a ler o Evangelho: o encontro com as mais diversas culturas, a fundação de igrejas locais, a luta pelos direitos dos povos e pela sua dignidade, a opção pelos excluídos e mais abandonados, a aposta na juventude e na formação da pessoa.

Celebrar 300 anos é também fazer memória dos massacres, dos naufrágios, das mortes prematuras, dos sonhos desfeitos. Nos primeiros cem anos da sua história a média de vida dos Missionários Espiritanos foi de 30 anos; só o naufrágio do Afrique, em 1920, sepultou no mar 15 missionários com o bispo Mons. Jalabert. Em Angola só de 1961 para cá, foram mortos 7 espiritanos, 40 missões foram ocupadas e 20 fechadas

Recordar esta história é apelo a purificar a nossa memória pelos erros cometidos e ouvir a voz dos santos e profetas que nos precederam: o P. Pierre Maillard, o defensor do índios da Acádia; o P. Lanoué, o apóstolo lendário da Guiana; o P. Le Guennec e os refugiados sem terra; o Beato Tiago Laval e os escravos da Maurícia; Mons. Shanaham e os igbos da Nigéria; o Beato Daniel Brottier e os orfãos de Auteuil; o P. Joaquim Alves Correia e o serviço corajoso do Evangelho e da Democracia.

A constante que acompanhou a Missão Espiritana ao longo da sua história foi a opção pelas periferias ou como dizem as nossas fontes “os mais pobres e abandonados”. O rosto destes pobres foi-se diversificando ao longo destes 300 anos: os estudantes pobres que não tinham meios para se formarem no sacerdócio, no tempo das origens; os índios das Américas; os escravos da África; os negros do tempo colonial; as crianças da rua; a formação do clero indígena; os emigrantes, deslocados de guerra e os refugiados dos tempos actuais. A escravatura, a colonização, o liberalismo nascente, o imperialismo cultural do Ocidente foram desafios com que a Missão Espiritana teve de se confrontar.

A formação das igrejas locais e do clero indígena foi uma fronteira em que os Espiritanos investiram o melhor das suas forças. Foram eles que encheram de seminários diocesanos a África inteira. Até 1910 todos os padres nativos do continente africano, provinham dos Seminários Espiritanos, excepção feita a dois sacerdotes do Natal. Nos 150 anos depois da chegada dos Espiritanos à África, quase todos os bispos africanos tinham sido formados pelos Espiritanos.

Durante estes 300 anos os Espiritanos viveram momentos particularmente difíceis. As convulsões políticas e sociais em que a Europa se envolveu, entre as quais sobressai a Revolução Francesa, as guerras liberais e a supressão das ordens e congregações religiosas, as guerras coloniais, as duas grandes guerras mundiais, as revoluções nacionais ... com tudo isso teve que lidar a Missão Espiritana. A Congregação foi suprimida duas vezes, foi ameaçada de extinção várias vezes, foi extinta em Portugal em 1910, silenciada na Polónia e na Alemanha durante a segunda guerra mundial.

Os Espiritanos foram ainda pioneiros na promoção e dialogo cultural, sobretudo no estudo da linguística local, na antropologia, na etnologia, na botânica e na geografia descritiva. Só na literatura africana escreveram os espiritanos mais de 500 obras em 70 línguas. As obras científicas do Espiritanos em Angola, de que é justo destacar o etnólogo de renome internacional, o P. Carlos Estermann, foram estudadas e recolhidas pelos museus Botânicos e de História Natural das universidades de Coimbra, Lisboa, Paris, Londres, Berlim, Montpellier. "Monumenta Missionaria Africana", obra de altíssimo valor para o estudo da África dos séculos XVI e XVII, da autoria do historiador espiritano P. António Brásio, ficará finalmente completa com a publicação do VII volume, o que foi possível devido a uma parceria Espiritanos, Centro de Estudos Africanos da Universidade

de Coimbra e Comité Português do projecto UNESCO «A Rota do Escravo» sediada na Faculdade de Letras de Lisboa..



Os Espiritanos vieram para Portugal em 1867 com o intuito de formar missionários para evangelizar Angola. Foi em Portugal que se formaram gerações sucessivas de missionários, padres e irmãos auxiliares, que foram os grandes cabouqueiros da Igreja em Angola. De facto, foi sobretudo neste país que a sua acção missionária contribuiu de modo decisivo para a consolidação da igreja local, nomeadamente pela formação do seu clero e para a promoção humana e social do povo angolano no âmbito da educação e da saúde.

Em Portugal, sobretudo a partir de 1937, ano em que se fundou a Liga Intensificadora da Acção Missionária, o seu contributo directo na Igreja portuguesa tem-se desenvolvido sobretudo na animação espiritual e missionária das nossas igrejas, na formação missionaria da juventude e no acolhimento e assistência aos emigrantes. Ultimamente a formação de leigos para a missão e a promoção do voluntariado missionário, bem como a animação de grupos missionários de jovens nas paróquias, tem-nos merecido um atenção especial. Porém, este trabalho não teria sido possível se não fosse uma nova visão de Missão que nos faz realizar a Missão de forma partilhada com as igrejas locais onde estamos inseridos e com os Institutos Religiosos Masculinos e Femininos, particularmente os que têm a sua especificidade Ad Gentes. É por causa desta corresponsabilidade que vemos e agradecemos a presença, hoje e aqui, de alguns párocos, vários/as provinciais, assim como dos/das que fazem parte da Família Missionária Espiritana: nossos jovens em formação, amigos, colaboradores, benfeitores e leigos congregados na LIAM, JSF, MOMIP e ASES.

(- Quisemos centrar as cerimónias da conclusão do Jubileu em Lisboa e Braga. Lisboa, foi sempre um ponto de referência obrigatória para a Missão Espiritana. Como porto de partida dos missionários, quase desde o principio sentimos necessidade de aqui criar uma Procuradoria das Missões que servisse de apoio aos missionários que partiam, de acolhimento aos que chegavam e de acompanhamento do seu trabalho junto das autoridades governativas ou sanitárias. Outras casas de formação como Sintra (parte da actual cadeia do Linhó), para Escola Profissional de Formação de Irmãos Auxiliares e Carnide e Torre da Aguilha como seminários de Teologia, nasceram precisamente por se situarem na zona de influência da capital.

(A presença dos Senhor Presidente da Câmara de Cascais e da representação do Senhor Presidente da Câmara de Lisboa, que muito agradecemos, muito nos honram e nos inspiram a visitar muitos rostos que recordamos por inesquecíveis gestos de generosidade e carinho pela obra missionária. A partir das casas da Estrela, em Lisboa e da Torre d'Aguilha, em Cascais, conhecemos amigos que nunca mais esqueceremos, dedicações que fazem parte do nosso património espiritual e afectivo: autoridades eclesiásticas, entidades governativas, médicos, conselheiros, juristas, empresários, benfeitores anónimos muitos amigos, que são parte integrante destes 300 anos da nossa história. Nada do que foi feito, teria sido possível sem a sua, sem a vossa colaboração. colaboração.

- Braga é-nos particularmente grata porque foi ela que nos abriu as portas e que sempre nos amparou nas horas mais difíceis. O Colégio do Espírito Santo foi um marco na promoção de muitas gerações de estudantes. Algumas das mais insignes figuras não só desta cidade mas de todo o país, nele receberam a sua formação de base. Depois de 1920, o seminário do Fraião ficou a ser o berço que uniu indelevelmente cada um dos Espiritanos - e praticamente todos por ali passaram, - a esta cidade a quem tanto devemos. Este

movimento primeiro da Congregação do Espírito Santo em Portugal e a sua histórica presença em Braga vai ser o tema da conferência que vamos ouvir de seguida).

Mas a celebração deste tricentenário não foi "viajar" pelos Arquivos da Congregação. A fidelidade criativa aos nossos Fundadores e à nossa história, não é um regresso ao passado. Melhor seria falarmos de um "regresso ao futuro". O Espírito do Senhor abre-nos sempre à novidade de Deus. Neste Ano Espiritano quisemos também reflectir sobre os caminhos com que o futuro nos desafia. A missão define-se hoje menos por um movimento geográfico e mais por novos objectivos: o espírito de Assis, (diálogo inter-religioso), novos espaços da Justiça e da Paz, diálogo cultural feito de intervenção respeitosa, mundo da mobilidade e mudança, abertura à Ásia, enfim o reconhecimento das "sementes do Verbo" já presente nas culturas As comunidades internacionais e interculturais dão um novo rosto à Congregação. A Europa acolhe Espiritanos do Sul e os Espiritanos Europeus lançam projectos (apoio a emigrantes, toxicodependentes, sem-abrigo ...) que significam que há hoje verdadeiramente uma Missão Espiritana a realizar na Europa.

No meio destes desafios de hoje há um que é partilhado por todos os Institutos Religiosos que têm no seu carisma inscrita a dimensão missionária e, por pessoas e grupos envolvidos na dimensão missionária. No momento em que estamos na eminência de ver aprovada e assinada a Concordata revista, e em que compreensivelmente o Acordo Missionário verá o seu fim, perguntamo-nos como ficará salvaguardado e potenciado o património missionário da nossa Igreja Portuguesa e dos Institutos ou instituições que se dedicam à missionação, particularmente nos países lusófonos. Será que ao fim de séculos de tão rica história missionária, a continuidade do labor missionário, para além da sempre exigida motivação evangélica, só será viabilizada pela via da cooperação estatizante ou haverá um reconhecimento efectivo da especificidade da acção da Igreja e dos Institutos Religiosos e Missionários?

No nosso peregrinar encaramos os desafios como fazendo parte do dinamismo do nosso "regresso ao futuro". Eles habitam-nos e trazemo-los para os rezarmos também.

Um dos nossos historiadores, Henry Koren, recentemente falecido na América, escreveu em 1986 que *"entre os Institutos religiosos, poucos tiveram uma história tão extraordinária como os Espiritanos"*. Mas, continua ele, ela é extraordinária não tanto por ser uma parte autêntica da história profana, mas porque mostra bem aquilo que o Espírito pode realizar através de homens de boa vontade, apesar da sua fragilidade e incompetência, apesar dos obstáculos e contrariedades levantadas pelo refluxo da história.

Obrigado por terdes respondido ao nosso convite para virdes dar graças connosco por estes 300 anos de Missão. Rezai connosco e por nós, como o fazem os bispos portugueses no final Nota Pastoral sobre este tricentenário: *"o Espírito Santo, que no dia do Pentecostes desceu sobre os Apóstolos, derrame sobre cada um dos membros desta benemérita Congregação, a abundância dos seus dons, para de novo se fazerem ao largo"*.

Torre d'Aguilha, 5 de Junho de 2003



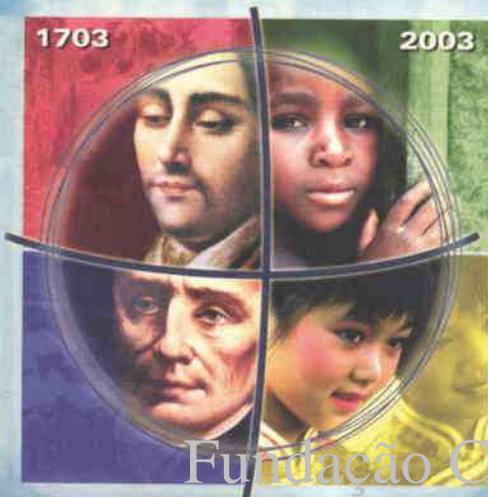
P. Eduardo Miranda Ferreira
- Superior Provincial -



LISTA DOS DELEGADOS AO CAPÍTULO GERAL 2004

P. Teodoro M. Tavares Tefé, Amazonas	P. Christian Berton França	P. Lambert Ndjana Camarões
P. Barnabé Sakulenga Angola	I. Paul Ronssin França	P. Yves-Isidore Nzoussi Rep. do Congo
P. João Francisco Angola	P. Gilles Pagès França	P. Daniel Taba Gabão
P. Paul Walsh Austrália	P. Pierre Cherfily Haiti	P. John O'Brien Paquistão
P. Remi Peeters Bélgica	P. Patrick Palmer Irlanda	P. Albino Vítor Martins Oliveira
P. Gijsbertus van Tol Brasil	P. Brendan Hally Irlanda	P. Daniel Sormani Filipinas
P. George Boran Brasil	P. Michael Begley Irlanda	P. Grzegorz Kosielski Polonia
P. José Altevira da Silva Brasil	P. Martin Keane Quênia	P. José Manuel Matias Sabença
P. Manuel Martins Ferreira Cabo Verde	P. Jean-Claude Jaquard Madagascar	P. Eduardo Ferreira Miranda Portugal
P. Serge Hogue Canadá	P. Charles Aubrée Martinica	P. Heinrich Kuckertz Rep. Sudafricana
P. Oscar Ngoy Bélgica	P. Raymond Zimmermann Maurícia	P. Jude Nnorom Rep. Sudafricana
P. Peter Marzinkowski Alemanha	P. Peter Conaty México	P. Werner Arnold Suíça
P. Philip A. Massawe Tanzânia	P. Frans Wijnen Holanda	P. Patrick Fitzpatrick Canadá
P. Vedastus Msilanga Babu Tanzânia	P. Anton Gruijters Holanda	P. Herbert Charles Trindade
P. Festo Adrabo Uganda	P. Gabriel Ezewudo Nigéria	P. James McCloskey USA
P. John McFadden Inglaterra	P. Peter Ehinmiro Nigéria	P. Michael T. Grey USA
P. Victor Cabezas Yañes Espanha	P. Vitalis IORYHUE Nigéria	P. John Kwofie Ghana
P. Philippe Sidot Etiópia	P. Chika ONYEJIUWA Nigéria	P. Peter Laast Ghana
P. Wenceslas Rabe Reunião	P. Augustine ONYENEKE Nigéria	P. Gabriel Luseni Ghana
P. Serge Ballanger Senegal	P. Remy ONYEWUENYI Nigeria	P. Leonard Ekeanyanwu Zimbabwe
P. Gabriel Myotte- Duquet França	P. Patrick Mbea França	

Missionários do Espírito Santo



MENSAGENS DAS COMEMORAÇÕES JUBILARES 1703-2003

Fundação Cuidar o Futuro

300 anos de Missão



João Paulo II



Superior Geral



Conferência
Episcopal
Portuguesa

Fundação Cuidar o Futuro

Mensagens
das
Comemorações Jubilares
1703-2003



Fundação Cuidar o Futuro

João Paulo II

Superior Geral

Conf. Episcopal Portuguesa

Fundação Cuidar o Futuro





APRESENTAÇÃO

MISSÃO ESPIRITANA – 300 ANOS

A 27 de Maio de 2003, a Congregação do Espírito Santo completa 300 anos de existência. Na verdade, foi no Pentecostes de 1703 que tudo começou. Cláudio Poullart des Places, então com 24 anos de idade, inicia nesse dia, em Paris, a comunidade do Espírito Santo, mais tarde chamada Sociedade do Espírito Santo, que tem Maria como guia. O profundo significado desta data justifica que o momento celebrativo da conclusão do Ano Espiritano aconteça no dia 8 de Junho de 2003, dia de Pentecostes.

A jovem Sociedade do Espírito Santo, oferece uma formação sólida e exigente, em ordem a preparar padres para as carenciadas dioceses de França, mas tendo bem clara a orientação missionária para as Missões Estrangeiras de Paris, no Canadá, S. Pierre e Miquelon, Guiana e Senegal.

Em 1848, ao integrar a Sociedade do Coração Imaculado de Maria, fundada por Francisco Maria Paulo Libermann para o serviço das populações negras, a Congregação recebe um segundo dinamismo missionário, que se torna visível no desenvolvimento de várias missões, primeiro na costa ocidental da África e, mais tarde, na costa oriental. A Angola os Espiritanos chegaram em 1867. Mas a paixão pelo ideal missionário faz a missão espiritana chegar a Madagáscar, Maurícia e Reunião, Estados Unidos, Amazônia e Austrália. Em anos mais recentes assumiram compromissos no Paraguai e na Bolívia. Na Ásia, a primeira fundação no Paquistão foi seguida de outras, em Taiwan e nas Filipinas.

Desde a fundação até hoje, a Congregação pode contar 14.442 Espiritanos. Presentemente conta com 3000 membros de diferentes proveniências: 1666 da Europa, 1058 da África e Oceano Índico, 160 da América do Norte, 113 da América Latina, 7 da Ásia e 3 da Oceânia.

A celebração jubilar dos 300 Anos de Missão Espiritana foi momento de graça que nos familiarizou com a herança dos Fundadores, nos fez compreender os caminhos dos homens de hoje e nos ajudou a acolher, de forma comprometida, os apelos do futuro. A peregrinação às intuições originais de Poullart des Places e Libermann foi feita em comunhão com os Espiritanos que, em mais de 60 países, tentam ser *“os advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem”*.

Os Missionários do Espírito Santo trabalham hoje em comunidades internacionais, comprometem-se com a primeira evangelização, promovem o diálogo inter-religioso, ajudam a construir comunidades cristãs sólidas, fazem-se companheiros de destino de

migrantes, refugiados e deslocados de guerra e participam em projectos de desenvolvimento. A educação e o trabalho com jovens são compromissos desde sempre assumidos. Procuram criar na sociedade e na Igreja uma grande onda de sensibilidade e solidariedade para com os povos do Sul, fazem a proposta da vocação missionária "ad vitam" a adolescentes e jovens, apoiam os missionários no terreno, cuidam dos missionários cansados e doentes e despertam os leigos para o possível apelo ao voluntariado missionário. Hoje, porque a nossa sociedade produz cada vez mais pobres e excluídos, os missionários intervêm junto de instituições onde se decidem os destinos dos povos.

As três ricas mensagens que aqui transcrevemos – Papa João Paulo II, Superior Geral, e Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) - estimulam-nos a buscar no passado o entusiasmo dos cristãos da primeira hora, a revestir-nos da inquebrantável fé dos nossos Fundadores e a contar com a Força do Espírito que foi derramado no Pentecostes e nos impele hoje a partir de novo, sustentados pela esperança que não nos deixa confundidos.

Lisboa, 9 de Maio de 2003

P. Eduardo Miranda Ferreira
- Superior Provincial -

Fundação Cuidar o Futuro





MENSAGEM DE JOÃO PAULO II

Ao Padre PIERRE SCHOUVER, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, no terceiro centenário de fundação,

Desejo transmitir-lhe as minhas ardentes saudações, enquanto se encontra reunido em Roma, juntamente com os membros do Conselho Geral da Congregação do Espírito Santo, para preparar as festividades que, durante este ano e o próximo, marcarão a vida da vossa Família religiosa. Alegro-me pelo espírito com que desejais viver estes aniversários e revigorar o vosso carisma e o vosso compromisso no campo da missão.



No próximo ano celebrareis o terceiro centenário da Congregação, fundada em 27 de Maio de 1703, por um jovem diácono de vinte e quatro anos, Claude-François Poullart des Places. No início, tratava-se de um seminário dedicado ao Espírito Santo, que tinha a Virgem Maria como ponto de referência, aberto aos estudantes pobres que o vosso Fundador destinava para o serviço às paróquias mais esquecidas do Reino de França. A jovem Congregação encontrou imediatamente uma dimensão missionária, com o envio do primeiro sacerdote para a região de Quebeque e, depressa, outros partiram para a Cochinchina, o Senegal e a Guiana. Cerca de um século e meio mais tarde, em 1848, o Padre Francisco Maria Libermann, nascido numa família judaica da Alsácia e filho de um rabino, convertendo-se à fé cristã com a idade de vinte e quatro anos, tornou-se o segundo Fundador da Congregação unindo-a à Congregação do Sagrado Coração de Maria, por ele mesmo fundada em 1841, e orientando-a de maneira prioritária para o serviço missionário no continente africano. Ainda no corrente ano, vós celebrastes o segundo centenário do seu nascimento e o centenário da sua morte.

Enquanto dou graças a Deus pela importante obra que a vossa Congregação realiza há três séculos, sobretudo no campo da evangelização em África, nas Antilhas e na América do Sul, convido-vos a permanecer fiéis à dúplice herança dos vossos Fundadores: a atenção aos pobres, a todas as pessoas socialmente necessitadas ou desfavorecidas, e ao serviço missionário, ou seja, o anúncio da Boa Nova de Cristo a todos os homens, de modo particular àqueles que ainda não acolheram a mensagem do Evangelho. Esta dupla fidelidade, reconfirmada pelo vosso último Conselho Geral alargado, realizado em Pittsburgh, levou-vos com frequência a começar a vossa obra missionária a partir da fundação de uma escola, em ordem a instruir os jovens e permitir-lhes que acedam ao conhecimento, mas também, e sobretudo, que recebam uma educação autêntica, que dê a cada um o sentido da dignidade, dos direitos e deveres que lhes são próprios. Neste mesmo espírito, como deixar de recordar a Obra dos

Órfãos Aprendizizes de Auteuil (1923) confiada à vossa Congregação? Depois do vigoroso impulso dado pelo Beato Padre Brottier, e agora sob a vossa protecção, ela continua a viver o vosso carisma missionário junto dos jovens que passam por grandes dificuldades em virtude da pobreza, da desagregação da célula familiar, do mau êxito escolar e da marginalização social. Permanecei atentos aos apelos do Espírito, para chegar aos pobres de hoje e anunciar a Boa Notícia que lhes é destinada: trata-se do próprio sinal do advento dos tempos messiânicos, como Jesus anunciou na sinagoga de Nazaré (Lc. 4,18).

No exemplo dos vossos fundadores, reconhecestes na espiritualidade da consagração ao Espírito Santo uma escola de liberdade evangélica e de disponibilidade para a missão. "(Com efeito), é sempre o Espírito que actua, quer quando dá vida à Igreja, impelindo-a a anunciar Cristo, quer quando semeia e desenvolve os seus dons em todos os homens e povos, conduzindo a Igreja à descoberta, promoção e acolhimento destes dons, através do diálogo... *Ele é o protagonista da Missão!*" (Redemptoris Missio, 29-30). Depois de ter descido sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, para fazer deles os primeiros missionários do Evangelho, o Espírito continua a animar a Igreja e a enviá-la para que anuncie a Boa Nova nos quatro cantos do Mundo. Permanecei apegados a esta devoção ao Espírito Santo, que caracteriza a vossa Família Religiosa.

O Espírito que une a Igreja e que em toda a parte a reúne para fazer dela o povo da nova Aliança, chamou-vos para a vida comunitária. Que possais estar atentos à vivência desta experiência na vossa vida quotidiana! Com efeito, a vida comum e fraternal é uma ajuda preciosa ao longo do caminho, às vezes difícil, dos conselhos evangélicos e do compromisso missionário. Além disso, para nós, contemporâneos, constitui um testemunho do amor de Cristo: "Este é o mandamento que recebemos d' Ele: quem ama a Deus, ame também o seu irmão" (1Jo. 4, 21).

Não faltam dificuldades ao longo do caminho da evangelização. De modo especial nalguns países, vós sofreis em virtude da falta de vocações, que debilita o vosso dinamismo. Contudo, esta provação não é especialmente vossa: hoje em dia, ela diz respeito a muitas dioceses e Famílias Religiosas. Todavia, esta crise toca-vos de maneira particular, porque sempre atribuístes um lugar importante às vocações, no contexto da vossa própria pastoral missionária, criando seminários menores nas Igrejas jovens que vos eram confiadas. Esta atenção especial levou-vos também a receber a responsabilidade do Seminário Pontifício Francês de Roma. Trabalhai em ordem a ajudar os seminaristas a preparar-se para o seu ministério, mediante uma formação humana, intelectual, espiritual e pastoral que lhes permita inserir-se na vida eclesial das suas próprias dioceses. Tudo isto pressupõe um conhecimento específico das Igrejas locais e um diálogo constante com os seus Pastores. Consequentemente, a diminuição do número de seminaristas e das vocações missionárias não deve atenuar

a qualidade do discernimento e nem sequer as exigências, sobretudo as espirituais e morais, necessárias para o ministério presbiteral. Com efeito, o anúncio do Evangelho aos homens e às mulheres do nosso tempo exige testemunhas fiéis, animadas pelo espírito de santidade, que sejam sinais para os seus irmãos, mediante a força da sua palavra e, acima de tudo, a autenticidade da sua vida.

Caros Irmãos em Cristo, não esqueço o verdadeiro nome da vossa Ordem: "Congregação do Espírito Santo, sob a protecção do Coração Imaculado de Maria". Peço à Virgem, Mãe do Senhor, e Rainha dos Missionários, a sua benévola intercessão para vós e inclusivamente para os numerosos membros da vossa Congregação, espalhados pelo mundo inteiro ao serviço do Evangelho. Que a Virgem bendita seja sempre um exemplo e um modelo espiritual para vós! Oxalá o seu "sim" ao Senhor constitua a regra da vossa vida! A todos concedo, do íntimo do coração, a Bênção apostólica.

Vaticano, 20 de Maio de 2002.

João Paulo II



Fundação Cuidar o Futuro

MENSAGEM DO SUPERIOR GERAL

COM A FORÇA DO ESPÍRITO

Irmãos e Irmãs,

Vamos celebrar os momentos significativos da nossa história espiritana. O Ano especial decidido pelo Capítulo de Maynooth é uma oportunidade única para a renovação espiritual. Queremos voltar à inspiração das nossas origens para actualizá-la, respondendo de maneira criativa aos desafios do nosso tempo. O sentido desta espécie de refundação está condensado no logotipo escolhido. Ele evoca a barca do documento de Maynooth. Convida-nos a embarcar para uma nova viagem. A vela é impelida pelo sopro do Espírito. Não se trata de "viajar" pelos arquivos da Congregação. Se olhamos o passado, é como uma preparação para uma longa travessia, para nos fazer ao largo, com a força do Espírito.

1. Uma barca na tempestade

"Jesus subiu para uma barca com os seus discípulos. Disse ele: "passemos à outra margem do lago". E partiram. Durante a travessia, Jesus adormeceu. Levantou-se então um vento forte sobre o lago. A barca enchia-se de água, e eles corriam perigo. Aproximaram-se então d'Ele e despertaram-no dizendo: "Mestre, Mestre! Vamos morrer!" Ele levantou-se e ordenou aos ventos e à fúria das águas que se acalmassem; estes pararam e logo veio a bonança. Disse depois aos discípulos: "Oni le está a vós a fé" (Luc. 8, 12-25).

Jesus leva os seus discípulos para a outra margem do lago, considerada como terra pagã. Nos três Sinópticos, a atenção volta-se toda para Jesus. Primeiro, Ele sobe para a barca e os discípulos seguem-no (Mat.8, 18-25). Convida-os a fazer-se ao largo. Quando a tempestade se levanta, enquanto ele dorme, eles chamam-no: "Mestre, Mestre", com este grito de fé na Sua autoridade, que a palavra grega utilizada evoca. Jesus manifesta o seu poder. Faz-se a bonança.

O relato reflecte o após Páscoa, quando Jesus atravessou a paixão e a morte para entrar na plenitude da vida. Para Lucas nos Actos, Jesus continua a sua presença e a sua acção através dos discípulos. Com Ele, com a força do seu Espírito, eles podem passar também pela provação e tornarem-se suas testemunhas mesmo nas piores situações. Assim aconteceu com Paulo e os outros missionários do início do cristianismo. Estará Ele também connosco? Estamos nós prontos para uma nova e difícil caminhada? Seremos mesmo capazes de O chamar com toda nossa alma? Como está a nossa fé?

2. Iniciar uma operação verdade

É a hora de iniciar uma operação verdade para ultrapassar a rotina e a superficialidade e viver plenamente. No Conselho Geral, a partir do CGA de Pittsburgh, par-



tilhámos o que pensamos sobre o estado da Congregação e a maneira de orientar o Ano Santo. Foi uma maneira de ir mais ao fundo, naquilo que é o quotidiano da Congregação e na sua inspiração. Aqui ficam alguns elementos:

Num mundo de rápidas mutações, de diversidade cultural, de secularização, de complexidade e de especializações, temos a impressão de andar à deriva. Esta situação é, porém, um espaço para a liberdade, exigindo escolhas pessoais. Para não sermos apanhados pelas armadilhas do mundo, devemos conhecer-nos a nós mesmos, com as nossas riquezas e fraquezas, a fim de integrarmos, na nossa vida real, a nossa visão espiritana. Temos vivido guiando-nos demasiado pela nossa própria cabeça. O antigo estilo de formação salientou os grandes ideais, negligenciando a nossa condição concreta com as nossas necessidades e feridas. Alguns confrades deixaram a Congregação; ficamos chocados, em certa medida, pela questão da pedofilia. Isso coloca-nos face à nossa própria vulnerabilidade.

É preciso aprender a fazer as nossas escolhas pessoais com verdade, mas sem esquecer o apoio da comunidade e da Congregação. Não nos tornamos livres sozinhos. Precisamos do outro. Ora, nota-se que há uma falta de comunicação entre nós. Muitas vezes não sabemos quase nada dos confrades que vivem connosco. Faz-nos falta a comunicação mútua para termos uma espiritualidade comum que influencie a nossa vida e o nosso trabalho.

Há um certo mal-estar que, de vez em quando aparece, e que se refere à vivência da fé nas nossas vidas. Tem a fé alguma repercussão, por exemplo, sobre a maneira como os nossos confrades vivem as situações difíceis? De que modo a oração os ajuda a reagir bem? Cada um, pessoalmente, deve ir às verdadeiras fontes: a oração pessoal e comunitária, a leitura da Bíblia e a Eucaristia celebrada em ligação com a nossa vida, o contacto com as pessoas que verdadeiramente sejam testemunho. É preciso deixar o Senhor falar-nos ao coração. Uma espiritualidade prática é importante, particularmente para aqueles que se sentem desiludidos, deprimidos por experiências de guerra, de fracasso... Poderíamos, por exemplo, encontrar meios de infundir mais confiança, tornando acessíveis, nas nossas casas, textos dos fundadores. Alguns reencontraram sua inspiração nas orientações dadas por Libermann aos missionários. Na "operação verdade", devemos prestar uma particular atenção à nossa vida de fé.

3. Onde está a nossa fé?

A nossa Congregação fez o seu *aggiornamento* depois do Vaticano II, por meio de sucessivos Capítulos e pela elaboração da nova Regra de Vida. Os desafios do mundo moderno fazem com que esse *aggiornamento* ainda não tenha acabado. Em relação aos mais desfavorecidos, o mundo actual dá a impressão de ser um barco à deriva, levado pela força anónima da lei do mercado global, que é a lei do mais forte. Os meios de comunicação social mostram-nos, lado a lado, as sociedades do consumo frenético, marcadas pelo stress, e os países onde abunda a miséria, o caos e o medo. A

angústia provocada pelos recentes acontecimentos estendeu-se ao mundo inteiro. Sentimo-nos muito limitados quando tentamos chamar a atenção e actuar sobre as forças do mundo globalizado, e ficamos inseguros.

A dificuldade vem, também, de nós mesmos. Talvez o nosso *aggiornamento* tenha sido superficial e, ao fim de contas, naquilo que devia ser novo encontramos as mesmas fraquezas antigas. Tomamos consciência de que nos falta qualquer coisa de essencial para viver uma verdadeira vida espiritana. No espaço em que vivemos e no meio que nos envolve, agimos como se tudo dependesse de nós, como se por nós mesmos nos pudéssemos realizar e livrar-nos das dificuldades. A tradição cristã é vista, muitas vezes, como uma herança de convicções e de valores onde cada um pode ir servir-se e fazer o seu menu. Somos marcados, em maior ou menor escala, por estas atitudes.

Ora, no cerne da tradição cristã genuína, Jesus, depois da Páscoa, torna-se presente como uma presença real e viva na fé dos discípulos, nas suas relações fraternas, no testemunho que eles dão d'Ele. Ele compromete-os numa aventura que ultrapassa os seus horizontes. A força do Seu Espírito é real e criativa em suas vidas. Na nossa experiência actual temos de viver a confiança na iniciativa do amor incondicional que nos precede. Para além das nossas capacidades e competências, há aquilo que não nos podemos dar a nós mesmos: a presença viva de Jesus connosco. Seremos nós capazes de O chamar com toda a nossa alma?

Só a reflexão nos leva a admitir uma fonte origem de tudo. Diante da grande variedade de propostas de sentido nas culturas e religiões, temos de discernir, hoje mais que no passado, qual é a verdadeira origem e de que modo ela se liga a nós. O rosto de Jesus não deve diluir-se em ideias vagas. A confiança que temos n'Ele vive-se ao nível do coração, que é o centro das nossas decisões, assim como dos actos e atitudes que dele dimanam. A presença do Senhor não nos vem unicamente da tradição cristã original. Ele apresenta-se sempre vivo, de novo, na vida das suas testemunhas. Ele inspira-nos pelo carisma dos nossos fundadores e interpela-nos pelo testemunho heróico dos nossos confrades.

4. Testemunho dos nossos fundadores

Descobrimos a força do Espírito de Cristo no testemunho de todos aqueles que fizeram a nossa história até hoje. Libermann e Poullart des Places são testemunhas da confiança absoluta em Deus e da docilidade ao Espírito Santo. Poullart deixa-se conduzir pelos acontecimentos inesperados. Caminha humildemente na presença do seu Deus. Ele escreve em "Reflexões sobre as Verdades da Religião":

"Que digam tudo o que quiserem, que me aprovem, que zombem de mim, que me tratem de visionário, de hipócrita ou de homem de bem, tudo isso doravante me deve ser indiferente. Procuo o meu Deus. Ele deu-me a vida só para o servir fielmente... Só Deus me ama sinceramente e me quer fazer bem. Se lhe puder agradar, sou muito feliz; se lhe desagradar sou o homem mais miserável do mundo. Tudo ganhei se vivo em graça; tudo perdi se a perco".

Para Libermann, Deus está presente na nossa história; mesmo que os acontecimentos pareçam desenrolar-se sem Ele, não deixa de estar presente para aí exercer a sua bondade misericordiosa. Escreve ele à comunidade do Cabo das Palmas, a 15 de Janeiro de 1844:

"Não vos assusteis nunca com as dificuldades que tiverdes de suportar. Elas não vos devem desencorajar. Não vindes em vosso nome; não sois vós que fazeis o trabalho, é ele que vos envia, não estais sós, ele está sempre convosco, se fordes fiéis. Portanto não sejais pusilânimes nem fracos na fé. Um apóstolo de Jesus Cristo não pode nunca ser vencido pelos obstáculos. Suportai-os com paz, com paciência, mas perseverai sempre nos vossos projectos solidamente úteis à glória de Deus e à salvação das almas. Cedei por algum tempo aos obstáculos e dificuldades que não podeis superar naquele momento, esperai com confiança a hora de Deus, sede fiéis e essa hora chegará. (N.D.6, p.3-8).

5. A força do Espírito de Cristo no meio de nós hoje

Embora a Congregação enfrente situações difíceis, suas próprias limitações e fraquezas, somos testemunhas da força serena de muitos, da sua perseverança e iniciativas apesar dos seus fracassos e decepções; somos testemunhas da sua presença simples no meio das pessoas e da sua vida fraterna na diferença das culturas, e ainda do seu sentido de responsabilidade e da sua preocupação de renovação espiritual. O seu testemunho é sólido e reanima a nossa fé durante as visitas que vamos fazendo. Estes frutos do Espírito muito reais mostram que o Mestre está conosco nas tempestades.

Reconhecemos também a presença do Espírito para lá das fronteiras da Igreja antes do anúncio explícito do Evangelho. Assim como Jesus se dá a conhecer a partir da Escritura e da Eucaristia, fala-nos também através dos outros povos. Aparece-nos na pessoa dos mais pobres e impressiona-nos profundamente pela sua humildade e confiança.

O Ano Espiritano é o tempo favorável para experimentar nas nossas vidas o amor insondável de Deus e encontrar uma maior confiança. É o tempo para reaprender a celebrar cada dia a novidade de vida que Cristo dá pelo Espírito Santo. A nossa alegria não é somente a das festas que passam. Ela vem da liberdade interior reencontrada, da amizade e do perdão, recebido e oferecido.

Durante este Ano Espiritano, a pergunta decisiva de Jesus põe-se de novo: *"Quereis vós também retirar-vos?"* Vamos responder como Simão Pedro: *"Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens palavras de vida eterna. Nós acreditamos e sabemos que tu és o Santo de Deus"*. (João, 6, 67-69). Somos nós seus verdadeiros discípulos para ser suas testemunhas? Como iniciar nesta fé todos aqueles que se relacionam com a Congregação? Como tornar-nos mais crentes e creíveis face aos desafios de hoje?

6. Propostas concretas para todos os Espiritanos

- Convidamos cada espiritano a um "tempo de deserto" durante as primeiras semanas do Ano Espiritano, ao menos um dia, para olhar a sua vida diante de Deus,

para lhe dar graças, pedir perdão, renovar a nossa confiança, suplicar, olhar para o futuro.

- Depois, poderiam encontrar-se em comunidade (se ela é pequena) ou em pequenos grupos (para as grandes comunidades) para partilhar a vossa reflexão de fé. A partilha poderia alargar-se depois a toda a circunscrição ao longo doutros encontros ou celebrações.
- A vossa partilha poderia começar por um olhar para os nossos fundadores: como é que eles influenciaram a minha vida, de uma maneira ou doutra?
- Estes dois momentos deveriam ser o início de um caminho que nos levasse mais adiante, tendo como meta a indispensável renovação de toda a Congregação. Como o Ano Espiritano vai durar 16 meses, é bom ter etapas nesta caminhada.
- A nossa caminhada não deveria perder-se nas pequenas coisas, asfixiando-nos com problemas secundários, mas centrar-se na nossa experiência fundamental e nos grandes desafios que encontramos.
- Na nossa meditação lembremo-nos das dimensões essenciais da nossa vocação. Como viver a solidariedade com os mais pobres, a começar pelos lugares onde trabalhamos, e depois a uma escala mais ampla? Como promover o nosso renascimento espiritual? Como promover a amizade, a vida fraterna entre nós, na nossa vida cada vez mais internacional e inter-cultural?

Demos graças a Deus pela nossa Congregação, por tudo o que ela realizou, por todos os nossos confrades e pelo que eles são e foram para nós. Partilhemos as alegrias e as esperanças, as preocupações e ansiedades dos homens e mulheres do nosso tempo. A nossa vocação não é retirarmo-nos do mundo, mas, com o sopro do Espírito, amá-lo e viver nele activamente o desígnio do amor de Deus. Ora, isso exige que, em tempo oportuno, escutemos o apelo do Mestre a nos retirarmos com Ele para um lugar isolado.

Que o Senhor esteja com cada um de vós e vos comunique a força do seu Espírito.

Roma, Pentecostes de 2002.

Em nome do Conselho Geral,

Pierre Schouver, CSSp
- Superior Geral -

FAZER-SE AO LARGO, COM A FORÇA DO ESPÍRITO

OS 300 ANOS DOS MISSIONÁRIOS DO ESPÍRITO SANTO

1. Os Missionários do Espírito Santo celebram os 300 anos da sua história. Para assinalar este marco jubilar, o último Capítulo Geral desta Congregação decidiu celebrar um “Ano Espiritano” entre o dia de 2 de Fevereiro de 2002 - dia do aniversário da morte do seu segundo Fundador, P. Francisco Maria Libermann - e o Pentecostes de 2003.

Esta comemoração, no dizer do seu Superior Geral, o P. Pierre Schouver, em carta dirigida aos membros da Congregação, tem como objectivo “voltar à inspiração das nossas origens, para a actualizar, respondendo de maneira criativa aos desafios do nosso tempo... Não se trata de “viajar” pelos arquivos da Congregação. Se olharmos o passado, é como uma preparação para uma longa travessia, para nos fazermos ao largo, com a força do Espírito”.

A Igreja em Portugal e a própria sociedade portuguesa, que ao longo de mais de cem anos vem beneficiando da riqueza da sua acção, não podem ficar alheias à celebração deste efeméride. Com a presente Nota Pastoral, os Bispos portugueses associam-se ao jubilo e à acção de graças dos Missionários Espiritanos, agradecendo o seu serviço à Igreja, salientando a actualidade do seu carisma e estimulando-os a continuarem a consagrar a sua vida ao anúncio do Evangelho e à promoção humana dos mais desfavorecidos.

2. A Congregação do Espírito Santo foi fundada no dia de Pentecostes de 1703 por um jovem de Rennes (França), Cláudio Francisco Poullart des Places, que trocou a toga de advogado pela carreira eclesiástica, em vista de ser ordenado sacerdote. O Fundador começou por abrir um seminário consagrado ao Espírito Santo e destinado à formação de estudantes pobres, candidatos ao sacerdócio. Este seminário, em obediência às orientações do Concílio de Trento, pretendia formar clero para as paróquias mais abandonadas da França e para os postos mais humildes para os quais era difícil encontrar obreiros. Depois, voltou-se para a primeira evangelização em terras longínquas, à medida que esta se revelara a grande prioridade missionária no tempo colonial.

Cerca de um século e meio mais tarde, o jovem Francisco Maria Libermann, nascido numa família judaica da Alsácia (França) e convertido ao cristianismo com 24 anos de idade, fundou em 1841 a Congregação do Coração de Maria - conhecida por “Obra

dos Negros” - que viria a unir à do Espírito Santo em 1848. Tornou-se, deste modo, o segundo Fundador desta Congregação que orientou definitivamente para a primeira evangelização, especialmente no continente africano.

3. O Papa João Paulo II, na mensagem que dirigiu ao Superior Geral dos Espiritanos, a propósito deste centenário, congratulando-se com a obra que a Congregação vem realizando há três séculos, sobretudo no campo da evangelização na África, nas Antilhas e na América do Sul, convida os Espiritanos a “permanecerem fiéis à herança recebida dos seus fundadores, a saber: a atenção aos pobres e a todas as pessoas socialmente necessitadas ou desfavorecidas e o anúncio da Boa Nova de Cristo a todos os homens, de modo particular àqueles que ainda não conhecem a mensagem do Evangelho”.

Esta dupla finalidade carismática continua a ser uma urgência para o nosso tempo, pois, como diz João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, “o número daqueles que não conhecem a Cristo e não fazem parte da Igreja, está em contínuo aumento” (n. 3). Segundo a herança que receberam dos seus Fundadores, os Espiritanos são especialmente consagrados ao Espírito Santo. A sua espiritualidade exprime-se, antes de mais, “no viver em plena docilidade ao Espírito e em deixar-se plasmar interiormente por Ele para se tornarem cada vez mais semelhantes a Cristo” (RM 82).

É esta disponibilidade apostólica, de que Libermann tanto falava e de que o Coração de Maria é o modelo mais perfeito, que os mantêm sempre nas fronteiras da missão, lá onde as necessidades da Igreja são mais urgentes.

4. No percurso da missão espiritana, ao longo destes 300 anos de história, importa destacar algumas intuições que marcaram a missão moderna e estão na base da visão missionária do Concílio Vaticano II.

- **O homem como caminho da missão** (cf. João Paulo II, Carta Encíclica *Redemptor Hominis*, 12). O Venerável Padre Libermann, na sua visão missionária, está particularmente atento ao crescimento da pessoa em todas as suas vertentes e ao apoio familiar e sociológico de que a fé precisa para crescer e se consolidar. As grandes linhas de força do seu projecto missionário serão a escola, a formação profissional e agrícola e o amparo familiar. A missão espiritana será um laboratório onde se formará o homem novo, protagonista da sua própria história.

- **A missão como encontro de culturas**. Libermann recomendava aos seus missionários que se “despojassem da Europa, dos seus costumes, do seu espírito, que se fizessem negros com os negros, para os formar não à maneira da Europa, mas segundo a sua própria identidade cultural” (Carta à comunidade de Dakar e do Gabão, de

19/11/1847). Este diálogo cultural manifestar-se-á sobretudo através do estudo da linguística local, da antropologia e da etnologia, da botânica e da história natural, em que os missionários foram verdadeiramente pioneiros.

- **A fundação de igrejas locais.** O projecto missionário que Libermann apresentou à Santa Sé, em 1846, propunha-se fundar uma igreja local, com um clero e um laicado autóctones, capazes de caminhar por si mesmos. A implantação de uma igreja local implicava a promoção de um conjunto de valores que lhe servissem de suporte permanente: a aprendizagem da língua, a formação de um clero autóctone, a criação de escolas e oficinas, a preparação de líderes e leigos qualificados, a promoção dos valores das culturas locais. Os Espiritanos foram, efectivamente, pioneiros na fundação de seminários diocesanos em terras de missão e no empenho de inculturação do Evangelho, do ecumenismo e diálogo inter-religioso.

5. Os Espiritanos vieram para Portugal em 1867 com o intuito de evangelizar Angola. De facto, neste país, a sua acção missionária contribuiu de modo decisivo para a consolidação da Igreja local, nomeadamente pela formação do clero, e para a promoção humana e social do povo angolano no âmbito da educação e da saúde.

A partir de 1937, com a fundação da Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM), foram dos agentes mais activos no despertar do espírito missionário do povo português, sobretudo entre os leigos que, integrados em movimentos e grupos - com destaque para o Movimento Missionário de Professores, os Jovens sem Fronteiras, o Voluntariado Missionário, o Serviço Espiritano de Solidariedade - partilham a espiritualidade e a missão desta Congregação tricentenária. A sua história ficou marcada por figuras que se tornaram pontos de referência para a missão da Igreja, como D. Moisés Alves de Pinho (Arcebispo de Luanda), D. Daniel Gomes Junqueira (Bispo de Nova Lisboa/Huambo), o P. Joaquim Alves Correia (corajoso defensor dos direitos humanos) e D. Agostinho Lopes de Moura (um dos fundadores da LIAM e Bispo de Portalegre e Castelo Branco), sem esquecermos o grande missionário e cientista de renome mundial, P. Carlos Estermann.

Ultimamente, os Espiritanos portugueses têm diversificado a sua presença por outros países como Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Brasil, Paraguai, México, Guiné-Conacri, Taiwan, bem como entre as comunidades portuguesas na diáspora. Em Portugal - país em que se vai realizar, em 2004, o próximo Capítulo Geral da Congregação - a sua presença tem sido particularmente activa na animação missionária, na imprensa, na assistência pastoral aos emigrantes africanos, no âmbito da Justiça e da Paz, na promoção e partilha da renovação da espiritualidade missionária no nosso país.

6. Os Bispos de Portugal, ao darem graças a Deus por estes 300 anos de dedicação e generosidade, exortam os missionários do Espírito Santo a que, numa fidelidade criativa às intuições dos seus Fundadores, permaneçam atentos aos apelos do Espírito que os chama e envia aos pobres do nosso tempo (Lc 4, 18) e sejam escola de uma *espiritualidade de comunhão*, segundo o carisma missionário que lhes é específico, correspondendo, deste modo, “ao grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo” (João Paulo II, Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte, 43).

O Episcopado faz votos para que esta Congregação, num dinamismo de fidelidade criativa, dê mais visibilidade à missionariedade da Igreja (cf. João Paulo II, NMI 40-41). O Espírito Santo, que no dia do Pentecostes desceu sobre os Apóstolos, derrame sobre cada um dos membros desta benemérita Congregação, a abundância dos seus dons, para de novo *se fazerem ao largo*.

Fátima, 8 de Maio de 2003.

Conferência Episcopal Portuguesa

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro



300 anos de Missão
Missionários do Espírito Santo

www.espiritanos.org



Fundação Cuidar o Futuro

2000 anos
de evangelização
300 anos
de missão
espiritana

Fundação Cuidar o Futuro

2000 anos

de evangelização

300 anos

de missão espiritana

Fundação Cuidar o Futuro



2000 anos de evangelização, 300 anos de missão espiritana

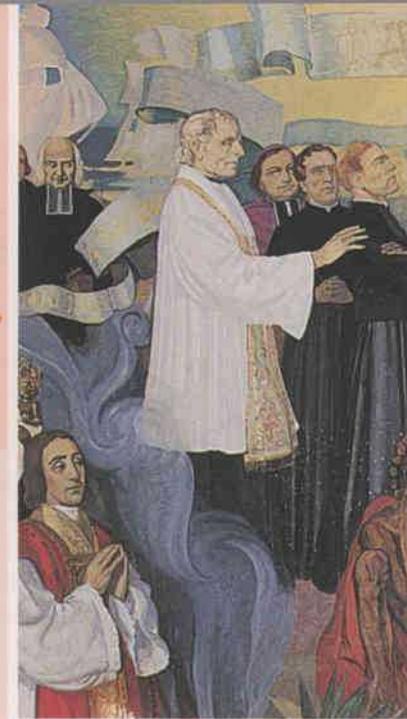


300 anos
de missão
espiritana!

27 de Maio de 1703, festa do Pentecostes, na Igreja de Saint-Étienne-des-Grès, em Paris. Uma dúzia de estudantes pobres, aspirantes ao sacerdócio, rezam aos pés da Virgem Negra de Paris, Nossa Senhora do Bom-Sucesso. Entre eles, Cláudio Francisco Poullart des

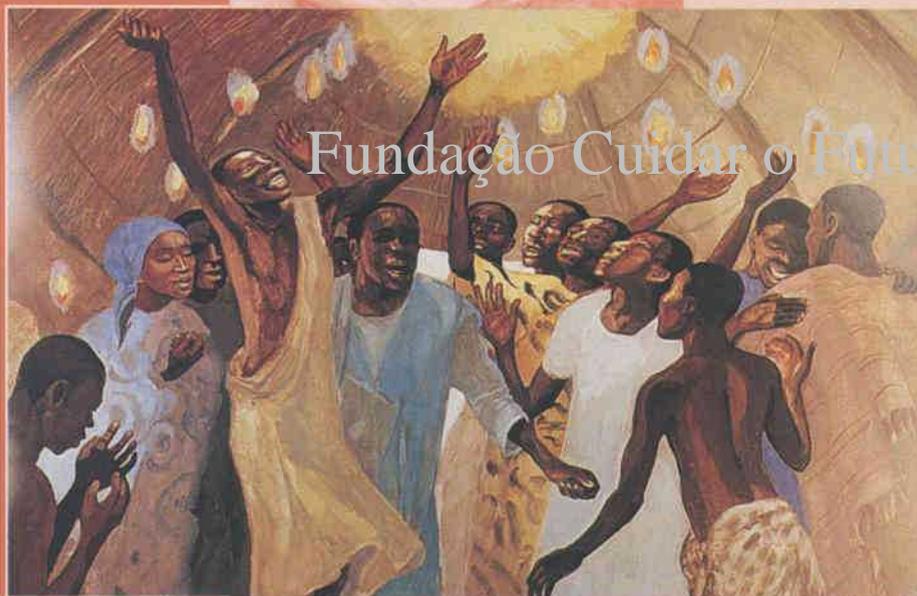
Em 1848, quarenta missionários do Sagrado Coração de Maria, nova congregação fundada em 1841 pelos Padres Libermann, Le Vavas seur e Tisserant, sentem-se plenamente bem na Congregação do Espírito Santo. Começa uma nova etapa para esta Congregação. Em 2003 celebraremos o trabalho de tantos espiritanos que, no meio de lágrimas e alegrias, semearam igrejas que hoje dão frutos tão consoladores

O Espírito
de Deus
enviou-me
a levar
a Boa Nova
a todas as nações



"Desde os tempos apostólicos, a missão da Igreja prossegue sem interrupção no interior da família humana universal. A primeira evangelização confinou-se sobretudo à região do mar Mediterrâneo. Ao longo do primeiro milénio, as missões partidas de Roma e de Constantinopla, levaram o cristianismo a todo o continente europeu. Ao mesmo tempo dirigiram-se para o coração da Ásia, até à Índia e China. O fim do século XV, com a descoberta da América, marcou o começo da evangelização deste grande continente, ao sul e ao norte. Ao mesmo tempo, enquanto que as costas subsaharianas da África recebiam a luz de Cristo, S. Francisco Xavier, padroeiro das Missões, chegava ao Japão. Ao dobrar o século XVIII e XIX, um leigo, André Kim, levou o cristianismo à Coreia; neste tempo, o anúncio do Evangelho alegria a península indochinesa, bem como a Austrália e as ilhas do Pacífico. O século XIX conheceu uma grande actividade missionária entre os povos da África. Toda esta actividade deu frutos que duram até hoje, na vida do Povo de Deus".

João Paulo II,
Tertio millenio
adveniente, 1994.



Fundação Cuidar o Futuro

Places, seu contemporâneo, amigo e líder. Acabam de se consagrar ao Espírito Santo. Mais que um simples momento de devoção, a consagração de todos é o acto fundador da primeira comunidade do Seminário do Espírito Santo. Crescimento e desenvolvimento, rotura e restauração, formação e envio de missionários para a França e estrangeiro, marcam os primeiros 150 anos da sua história.

2000 anos
de evangelização!

Os 300 anos da Missão espiritana são a nossa participação nos 2000 anos de evangelização. Apresentando à Igreja e aos cristãos um itinerário para a preparação do terceiro milénio, João Paulo II traça as grandes etapas da missão da Igreja:

Luz sobre o mundo

Por ocasião do Concílio Vaticano II, os Padres conciliares lembraram o cumprimento da Missão de Jesus Cristo através dos séculos. Ela chama todos as pessoas, Judeus e Gentios, a serem o novo Povo de Deus. Com efeito, aquelas que crêem em Cristo... tornam-se deste modo "uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo adquirido por Deus, os que outrora não eram um povo, agora são o povo de Deus" (1ª Ped. 2, 9-10).

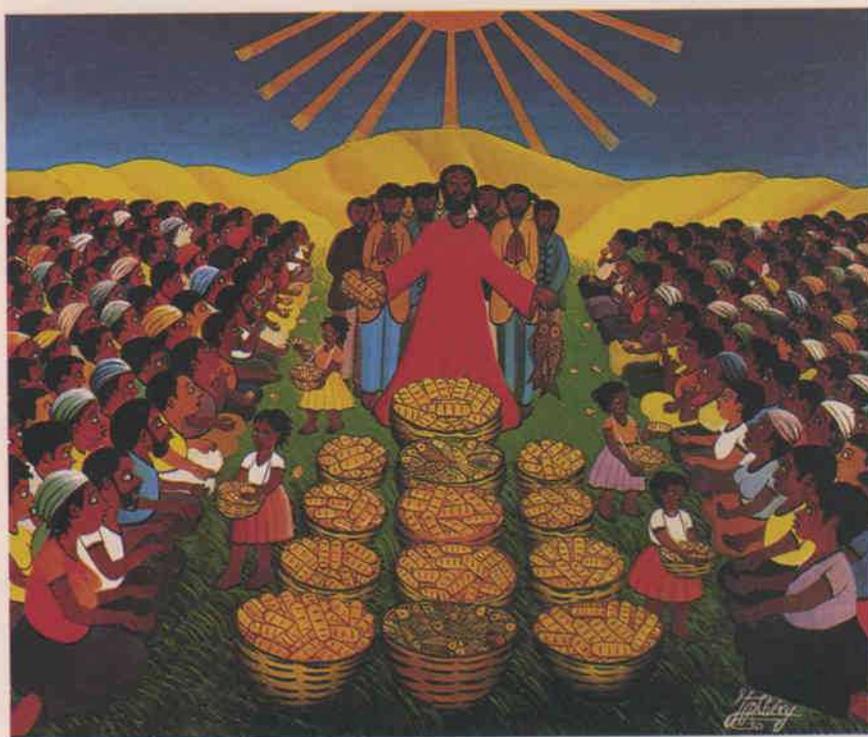
"A condição deste povo é a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, no coração de quem, como num templo, habita o Espírito Santo".

"A sua lei é o novo mandamento do amor, amar como Cristo nos amou" (Jo. 13.34).

"O seu destino, enfim, é o reino de Deus, inaugurado na terra pelo próprio Deus".

"Eis porque este povo messiânico... constitui o germen mais forte de unidade, de esperança e de salvação para todo o género humano. Estabelecido por Cristo para comungar na vida, caridade e verdade, ele é nas suas mãos o instrumento de redenção de todos os homens; ele é enviado ao mundo inteiro como luz do mundo e sal da terra" (Mat.5. 13-16).

Assim como os missionários do Sagrado Coração de Maria se integraram na Congregação do Espírito Santo em meados do século XIX, assim os nossos 300 anos se integram plenamente nos 2000 anos de evangelização. Esta publicação presta homenagem aos espiritanos que semearam a Boa Nova na América, Ásia, África, Oceania e Europa durante três séculos. Dá graças a Deus pelas suas obras realizadas por tantos missionários escolhidos e enviados entre as nações.



Olhar sobre uma Congregação que se renova



O fim do Império colonial e o Concílio Vaticano II (1962 - 1965) inauguram uma nova era da missão. A vida dos missionários, o seu apostolado ao serviço das igrejas locais e do mundo, modificam-se. A Igreja católica começa o seu "aggiornamento" e a nossa Congregação a sua renovação.

Cristo, a Igreja e a evangelização

A evangelização está ligada a Cristo e à Igreja. O seu objectivo é o anúncio do Reino de Deus em favor de todas as pessoas. Na abertura da 3ª sessão do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI lembrava aos Padres conciliares: "A Igreja não é em si mesma o seu próprio fim, mas deseja ser totalmente de Cristo, em Cristo e por Cristo; totalmente também das pessoas, entre as pessoas e para as pessoas".

eles, ensinam-nos a sua língua e costumes. A Boa Nova do Reino incultura-se nesta oralidade. A comunidade missionária é uma presença que desenvolve "uma incubação do mistério cristão no génio" dum povo, "para que depois a sua voz original... se levante, harmoniosa, no coro das outras vozes da Igreja universal".

Renovação da actividade missionária

O desenvolvimento das comunidades cristãs manifesta a nossa corresponsabilidade com as igrejas locais e a missão universal. "O contexto em que os nossos confrades trabalharam ao chegar à costa leste da África em 1862 é o de escravatura... Hoje não é o mesmo... Passamos do ministério junto dos escravos, a um ministério junto dos refugiados, dos jovens e das vítimas da Sida".

Fundação Cuidar o Futuro

O serviço missionário Norte-Sul está definitivamente encerrado. **"Atingimos uma curva decisiva na história da Missão do Terceiro Mundo: um ponto de não retorno..."**. Começou uma nova época: a da Missão pelo Terceiro Mundo que se desenvolve harmoniosamente a partir do passado para um futuro novo. As Igrejas do Terceiro Mundo receberam da Providência divina uma grande tarefa: ser no Terceiro Mundo o Reino de Deus e proclamá-lo... Ao mesmo tempo elas são chamadas a anunciar o Reino de Deus para lá do Terceiro Mundo, no mundo inteiro.



O Papa Paulo VI visitando um hospital de crianças em Kampala em 1969.

Modificar o seu estilo de vida

Viver no meio de um povo como comunidade missionária, é deixar-se educar por ela e, ao mesmo tempo, testemunhar os valores evangélicos que nos animam. Visitando as pessoas, o nosso estilo de vida modifica-se. Os pigmeus, como qualquer outro povo, têm um "estilo de vida próprio, como expressão e como transmissão". Convivendo com

A Igreja e a vossa igreja

"Nenhuma comunidade vive fechada em si mesma; está ligada à Igreja universal, à única Igreja. A vossa está enxertada na grande árvore da Igreja, onde durante 100 anos introduziu a sua seiva, o que lhe permite agora produzir os seus frutos e tornar-se por sua vez missionária junto dos outros".

Há numerosas comunidades cristãs que têm alguma vitalidade mas que não produzem frutos. Uma paróquia viva da Guiana tem consciência de "estar ensimesmada, separada do conjunto dos baptizados, e pouco aberta às outras populações constituídas por imigran-

tes, de etnias afro-americanas e ameríndias. Os missionários acompanham a esperança desta paróquia que quer tornar-se uma igreja mais fraterna e mais acolhedora".

A nossa vocação espiritana

Enviado pelo Pai e consagrado pelo Espírito Santo, Jesus Cristo veio salvar todas as pessoas. Ele continua hoje no mundo esta missão de que a Igreja é sacramento. No coração do povo de Deus e entre outras vocações, múltiplas e diversas, suscitadas pelo Espírito Santo, nós, espiritanos, somos chamados pelo Pai e escolhidos e enviados para anunciar, no seguimento de seu Filho, a Boa Nova do Reino.

Uma congregação que se renova

Os missionários, e nós espiritanos, vivemos entre os povos e igrejas que nos acolhem. O nosso trabalho e as nossas obras contribuem para a vinda do Reino de Deus e da sua justiça. Ao longo de 300 anos de serviço missionário, colaboramos na fundação das novas igrejas. Hoje, estas igrejas têm numerosas vocações e são solidárias com a actividade missionária da Igreja. A Congregação renovou-se pela adesão de novos membros originários das igrejas do Hemisfério Sul. Os confrades africanos e latino-americanos alargam a diversidade da família espiritana. Estimulam também uma nova busca de comunhão missionária entre nós. Apresentam o verdadeiro rosto da Missão universal da Igreja e dão-lhe novo incentivo.

Batismo duma criança por um ministro leigo, numa Comunidade de Base brasileira.

Os Espiritanos e o Congresso de Manila

Vivemos e trabalhamos nos cinco continentes. As nossas opções contemporâneas para a evangelização unem-se às descritas no Congresso Internacional sobre a Missão, realizado em Manila, de 2 a 6 de Dezembro de 1979:

"De momento, limitamo-nos a assinalar que o coração da evangelização-hoje orienta-se para edificar a Igreja local, como caminho essencial para o diálogo. Fazemo-lo:

- através duma inculturação mais audaz, mais criativa, que será ao mesmo tempo o fruto dum discernimento responsável;
- através da solidariedade e partilha com os pobres, e a defesa dos direitos humanos;
- pelo diálogo inter-religioso, feito com toda a seriedade possível;
- através da criação de comunidades eclesiais de base, criando estruturas de verdadeira corresponsabilidade e ministérios diversos, carismáticos e diaconais;
- através duma educação que se torna evangelização, nas escolas e em outras formas de educação e formação;
- exercendo um verdadeiro ministério através dos media".

A comunidade missionária é um testemunho do mistério cristão. Deixando-se guiar pelo Espírito, os missionários são levados a viver e a trabalhar onde, por eles mesmos, nunca sonharam chegar.



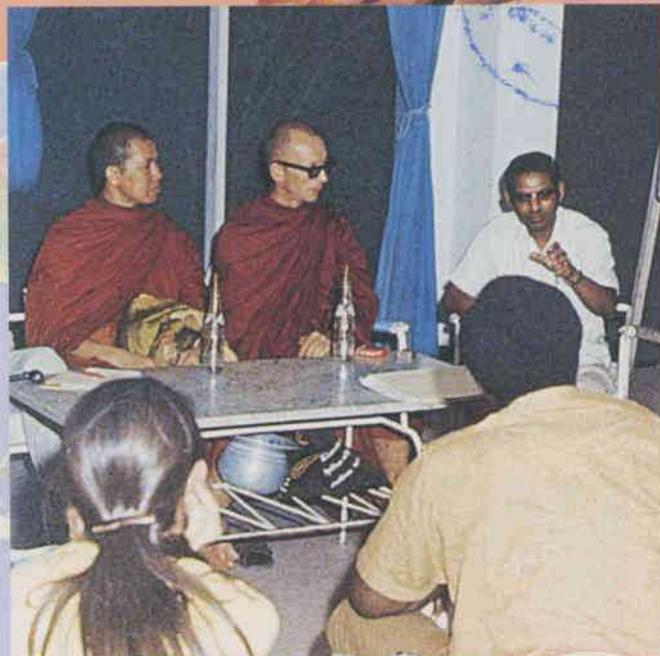
Fundação

À descoberta das riquezas e diversidades

Países, línguas e culturas exprimem a riqueza e diversidade da humanidade. Estas particularidades não são obstáculo ao anúncio do Reino de Deus entre as nações. Muitas vezes os missionários vivem num mundo religioso não cristão. É a situação religiosa vivida por um terço dos habitantes da ilha Maurícia que são cristãos. Os outros dois terços são hindus e muçulmanos.

Nos anos 80 abrimos um centro de acolhimento, levados pelo desejo de reunir mais depressa os cristãos, hindus e muçulmanos de boa vontade, para uma melhor compreensão mútua. Poucos cristãos estavam preparados para tentar semelhante aventura; alguns sentiram-se abalados na sua fé. Os nossos amigos hindus e muçulmanos mostravam-se muito reticentes. Contudo um pequeno grupo decidiu ir mais longe no serviço duma missão entendida como diálogo com os "que acreditam diversamente".

O caminho do encontro e do diálogo percorre-se mais lentamente, afim de que possa nascer a estima recíproca e a confiança. Pela pluralidade religiosa, os missionários aprofundam o mistério cristão. A sua vida de fé purifica-os dos preconceitos, dos mal entendidos e do racismo.



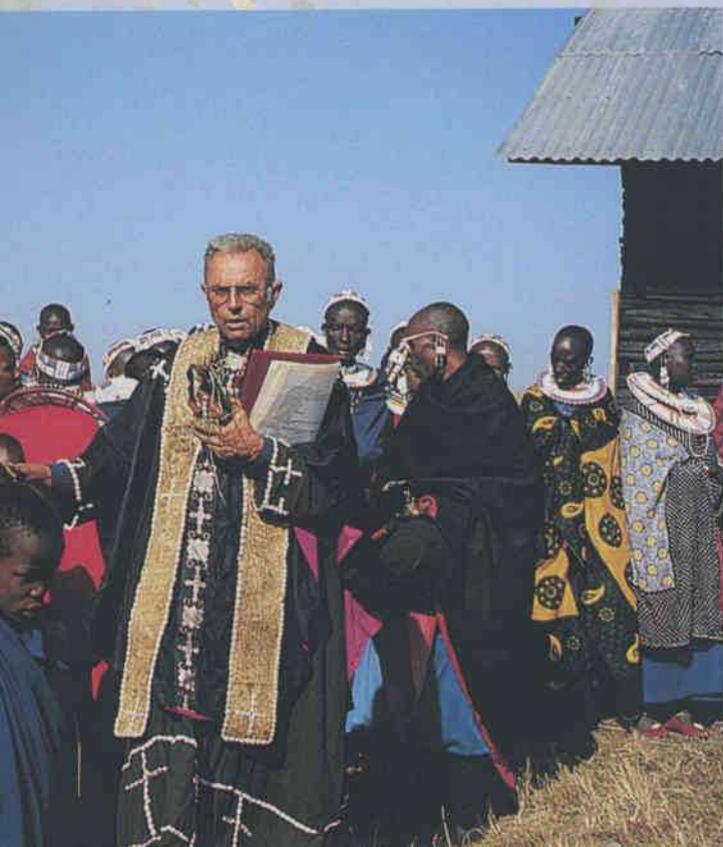
Encontro de membros de religiões diferentes.

Na origem de novas comunidades cristãs

As comunidades missionárias estão muitas vezes na origem da criação de comunidades eclesiais de base (CEB). As CEBs enraízam-se nos meios populares. Em São Paulo, uma comu-

nidade eclesial de base viu uma situação de degradação moral e social. Parecia que a corrupção material devia conduzir à corrupção espiritual. "Os habitantes desta favela precisavam não só da força da fé mas também de água potável para beber. Graças aos responsáveis, encorajados pelo padre da comunidade, a água começou a correr. Então todos celebraram "à moda brasileira" esta vitória da fraternidade e da coragem com cânticos, danças e uma esperança inquebrantável no Senhor da História".

As comunidades eclesiais de base criam espaços de solidariedade, material e espiritual, afectiva e educativa. As CEBs alimentam-se da Palavra de Deus. Dão visibilidade à esperança cristã. Ajudam os seus membros a abandonar todas as formas de racismo entre eles e à sua volta. Denunciam também as estruturas sociais que incessantemente causam injustiças: privação dos bens fundamentais para uma vida digna (alimento, casa, trabalho, educação e saúde); privação dos direitos jurídicos e cívicos porque não são respeitados pelas autoridades; privação dum salário por um trabalho realizado para um patrão que rouba; privação do direito à terra para pequenos camponeses expropriados e perseguidos pelos grandes proprietários; abuso de crianças e adultos pelos organizadores da prostituição e os negociantes de droga...Tantas causas que enterram os pobres na escumalha criada pela sociedade.



Inculturação criativa num país Massai.



As degradações humanas e as suas causas aviltam a dignidade das pessoas e os seus direitos mais elementares. Viver como missionários com e para estas populações, é abrir-lhes um caminho de esperança. Por Jesus Salvador e no seu seguimento, os missionários libertam os oprimidos; trabalham pelo respeito da sua liberdade e dignidade.

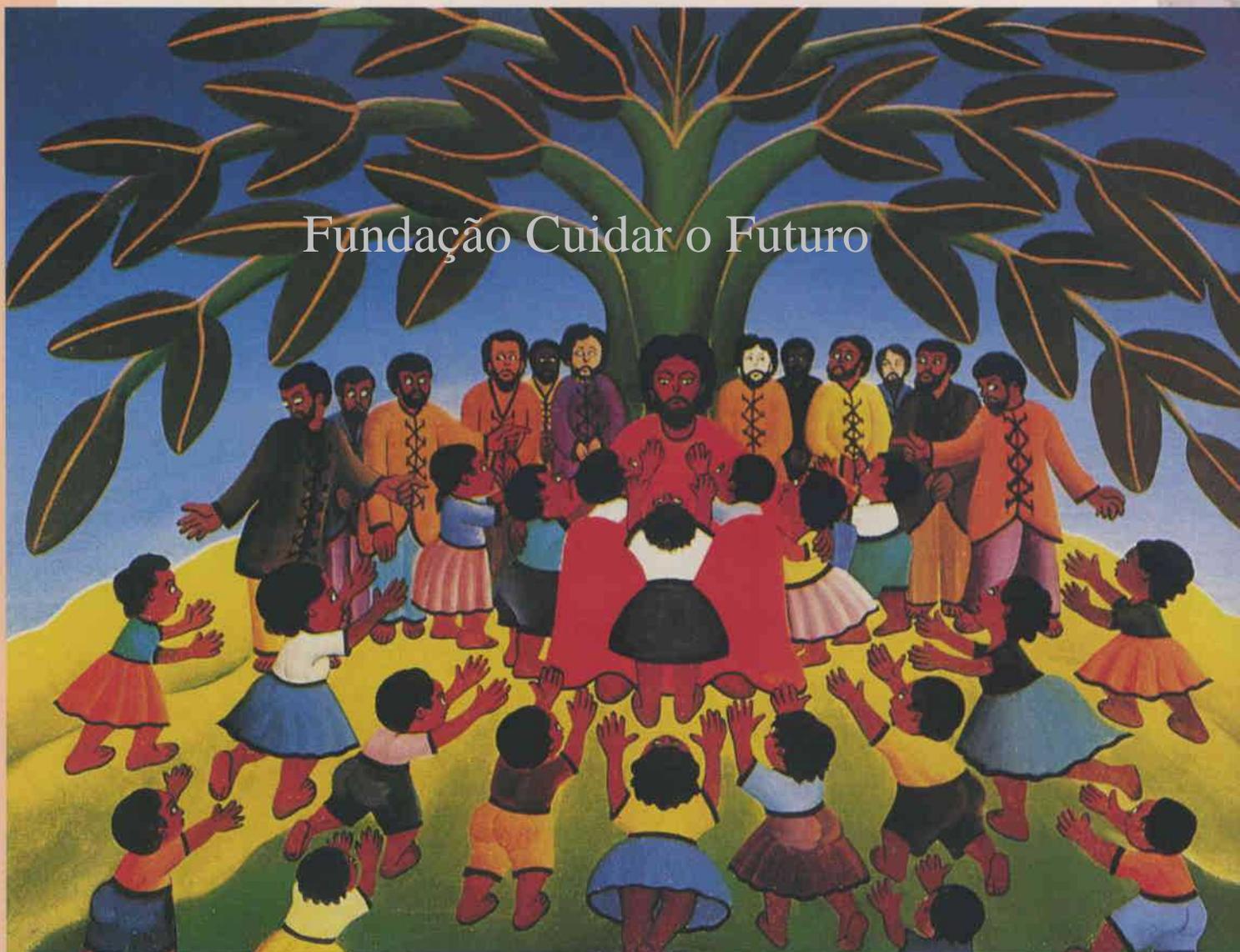
O anúncio da Boa Nova faz-se denunciando as injustiças sociais. A comunidade missionária é porta-voz dos sem voz, dos indocumentados, dos explorados e exilados. Hoje os missionários utilizam os media para denunciar os mecanismos das novas formas de pobreza e escravidão. Informam a opinião; e, se julgam que uma pressão internacional ajuda a promover mais justiça e paz, denunciam as grandes corrupções.

Amor por este mundo

O Evangelho anunciado testemunha antes de mais o amor de Deus agindo neste mundo. Por Cristo e pelos seus seguidores, assume as angústias das pessoas. Sem uma união prática a Cristo que é o Caminho, a Verdade e a Vida, a comunidade missionária testemunharia os seus próprios recursos humanos e trabalharia em vão. A Regra de Vida espiritual diz-nos que "somos segregados" para responder, de uma maneira criativa, às necessidades da evangelização do nosso tempo, vivendo junto dos oprimidos individual ou colectivamente e junto daqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho.

A fundação da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria mostra claramente este "ser posto à parte" dos dois fundadores, o P. Cláudio Francisco Poullart des Places e o P. Francisco Maria Paulo Libermann. Os dois responderam de maneira criativa aos apelos da missão dos séculos XVIII e XIX.

Fundação Cuidar o Futuro



*O mesmo Cristo e o mesmo Evangelho,
para que todos os povos pertençam ao Reino de Deus.*

Fundação do Seminário do Espírito Santo



Mudança de aspiração

Paris, princípio do século XVIII. A Sorbona, o Seminário de S. Sulpício e o Colégio Luís-o-Grande, dirigidos pelos Jesuítas, são três lugares de formação teológica para os candidatos ao sacerdócio. No começo do ano académico em Outubro de 1701, os Jesuítas acolhem um dos seus antigos alunos do Colégio de Rennes, Cláudio Francisco Poullart des Places. Depois de ter obtido a licenciatura em Direito em Nantes, em 1700, Cláudio renuncia a uma carreira de jurista cheia de ambiciosas promessas, para estudar teologia. No Colégio Luís-o-Grande, paga as despesas de outros estudantes que aspiram ao sacerdócio. Uns são internos; a família assegura-lhes uma bolsa para pagar a pensão, os estudos e outras despesas que os estudantes têm. Outros são externos, porque não têm recursos familiares para pagar o internato.

Amizade com Grignon de Monfort

Em Rennes, Cláudio estudou humanidades e filosofia. No colégio, encontra Luís Maria Grignon de Monfort, seis anos mais velho, e tornam-se amigos. Os dois reencontram-se em Paris no Verão de 1702. Luís Maria comunica-lhe o seu projecto: a fundação de uma simples sociedade de bons padres que se aperfeiçoem sob o estandarte e protecção da Virgem Maria. Quanto a Cláudio, está em vésperas da abertura duma pequena comunidade de estudantes pobres.

Um ano mais tarde os dois amigos voltam a encontrar-se em Paris. Luís Maria convida Cláudio a unir-se a ele para fundar uma sociedade de homens apostólicos. Embora nesta época Cláudio sonhe ser missionário e mártir, não se sente disposto a tornar-se co-fundador desta sociedade. Quer prosseguir a sua obra em favor dos estudantes pobres. Mas diz ao seu amigo que se Deus lhe der a graça de ser bem sucedido, Grignon de Monfort pode contar com os seus missionários. "Prepará-los-ei e estarão ao seu serviço. Deste modo ambos ficaremos satisfeitos".

Assembleia de Amigos

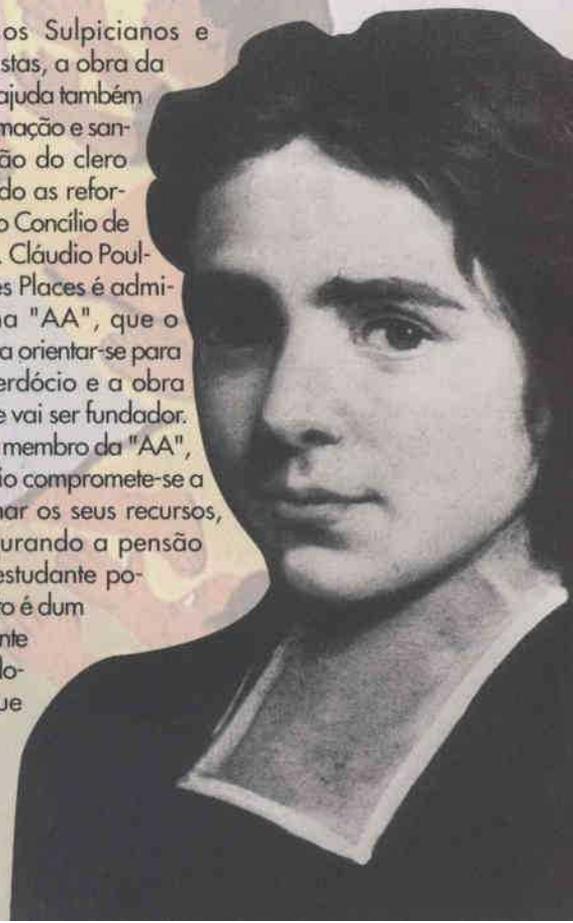
A pobreza e a miséria e os hospícios para doentes indigentes, são uma realidade nas ruas de Paris. Fundam-se congregações de piedade e os seus membros comprometem-se a trabalhar em favor dos desfavorecidos. Uma dessas é a Assembleia de Amigos (AA). Comprometem-se a ter uma vida de piedade e a praticar a caridade em segredo, sem alarde.

"Não há maior prova do amor que temos por Deus e por Jesus que o amor que temos pelo nosso próximo, o qual por uma substituição gloriosa de Jesus agonizante, tomou o seu lugar na terra para ser o objecto mais próximo e mais imediato das nossas afeições. E como entre os nossos irmãos, os mais miseráveis são os mais queridos ao nosso pai e à nossa boa mãe, eles serão também o objecto das nossas afeições, os doentes, os cloróticos, os aflitos, aos quais acrescento os pecadores... Os mais miseráveis são os pecadores que não vivem na graça de Deus; são também os que devemos olhar com mais compaixão e tratar com mais cuidado".

Com os Sulpicianos e Lazaristas, a obra da "AA" ajuda também na formação e santificação do clero segundo as reformas do Concílio de Trento. Cláudio Poullart des Places é admitido na "AA", que o ajuda a orientar-se para o sacerdócio e a obra de que vai ser fundador. Como membro da "AA", Cláudio compromete-se a partilhar os seus recursos, assegurando a pensão dum estudante pobre, isto é dum estudante de teologia que não pode



Renúncia
à ambição
de uma carreira
profissional
para seguir
uma vocação
inspirada pelo
Espírito Santo



pagar o internato. Já no princípio do ano académico 1702-1703, projecta reunir "quatro ou cinco estudantes que se encarrega de alimentar sem que isso dê nas vistas". Assim, perto da Sorbona e do Colégio Luís-o-Grande, alguns estudantes pobres sobrevivem e têm melhores condições de vida e estudos, graças à bolsa familiar de um deles.



Fundação do Seminário do Espírito Santo

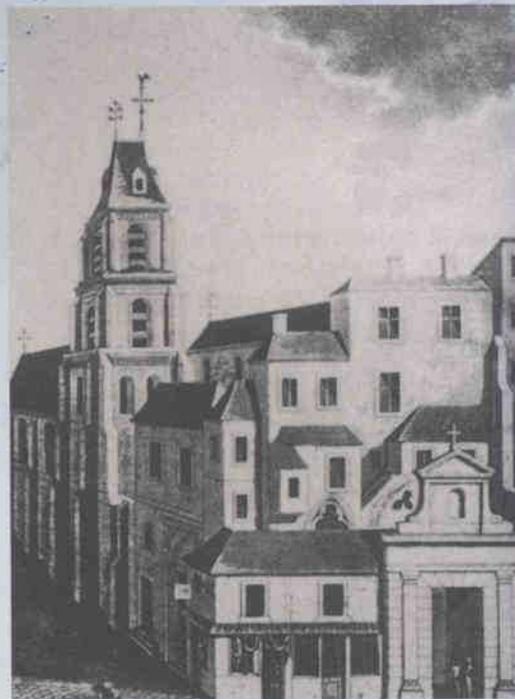
O pequeno grupo aumenta e doze estudantes pedem a Cláudio para formarem com ele uma comunidade de estudantes de teologia. No Pentecostes de 1703, na Igreja de Saint-Étienne-des-Grès, consagram-se ao Espírito Santo sob a protecção da Imaculada Conceição. Guiado pela Providência e com a aprovação do seu confessor, Cláudio torna-se o fundador do Seminário do Espírito Santo. Ainda não tem 24 anos e não é padre! Nas férias do Natal de 1704, por ocasião dum retiro, escreve: "há já mais de três anos que o Senhor, por uma misericórdia extraordinária me tirou do mundo".

Seis anos de direcção

Estes clérigos pobres beneficiam duma grande e sólida formação teológica junto dos Jesuítas. Cláudio Poullart encoraja-os a viver o seu sacerdócio com uma vida pobre entre os pobres. Renunciando voluntariamente a benefícios lucrativos, eles serão os apóstolos das almas abandonadas. Em 1705, o Seminário tem um corpo de directores, "os Associados" para que dirijam em conjunto a obra. Cláudio é ordenado padre a 17 de Dezembro de 1707. Sucumbe a uma pleurisia em 2 de Outubro de 1709. Tem trinta anos. Segundo a sua vontade é sepultado, como os pobres, na campa comum do pequeno cemitério de Saint-Étienne-du-Mont, à sombra da capela da Virgem.

A Virgem Negra de Paris. Nossa Senhora do Bom Sucesso.

Ao cimo do Bairro Latino, em Paris, a Igreja de Saint-Étienne-des-Grès, destruída durante a Revolução Francesa.



O Seminário, solidamente fundado sobre a pobreza e o amor das almas abandonadas, tem cerca de 70 estudantes. Em poucos anos, dá a melhor resposta ao Concílio de Trento sobre a formação de padres e lança o núcleo duma família religiosa, a Congregação do Espírito Santo, presente hoje nos cinco continentes.

O espírito da fundação de Cláudio Poullart des Places

Desde a sua fundação, o Seminário de Cláudio Francisco Poullart des Places distingue-se pelas seguintes características: pobreza dos estudantes, gratuidade da formação, estudos sérios e prolongados, mística da pobreza e disponibilidade apostólica.

Para ser admitido no Seminário do Espírito Santo não basta ser pobre; é preciso ter obtido boas notas num exame de admissão e, entre outras condições, ter aptidão para as ciências. Os estudantes pobres recebem a mesma formação que os alunos da Companhia de Jesus em Luís-o-Grande: três anos de filosofia, quatro de teologia e, para os mais dotados, dois anos de estudos suplementares.

Ser pobre é também aceitar a condição de vida dos pobres. No decorrer de todo o século XVIII, os responsáveis do Seminário vivem sempre de "expedientes": Pierre Caris, o pai que alimentou os pobres estudantes durante mais de quarenta anos, entregasse à Providência para abastecer a sua mesa: "Luto quanto posso para pagar as minhas dívidas e não sou capaz de me livrar delas...".

A diocese de Paris abriu o processo de beatificação de Poullart des Places em 1989.

A Congregação do Espírito Santo



Aceitar os ministérios para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros

Aprovação legal

Em 1734, o segundo sucessor de Poullart des Places, P. Bouic apresenta ao rei e ao arcebispo de Paris as Regras e Constituições da Congregação e do Seminário do Espírito Santo, sob a protecção da Virgem Imaculada.

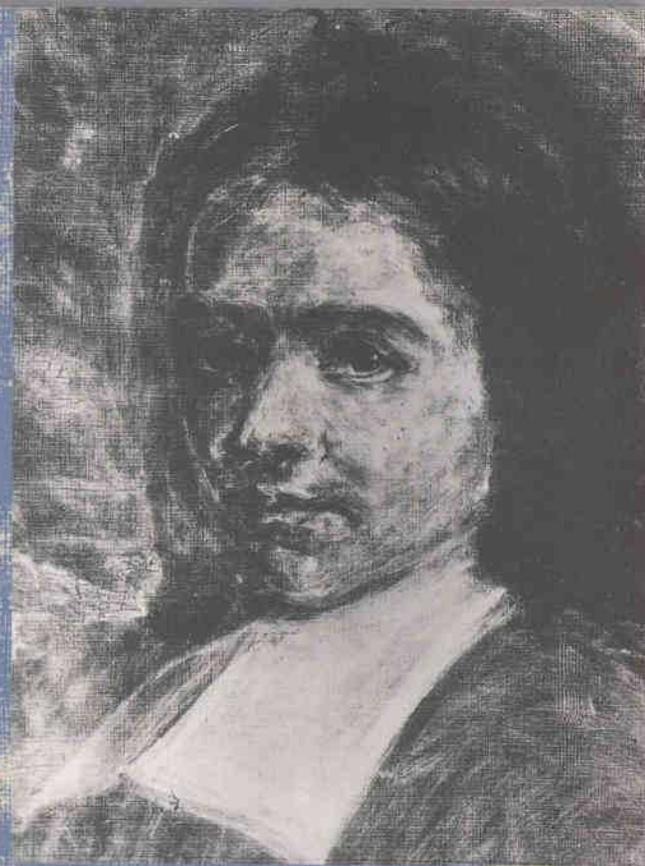
"A Congregação tem por fim formar "clérigos pobres" no zelo pelos princípios da vida da Igreja e no amor das virtudes, sobretudo as da obediência e da pobreza, a fim de que estejam nas mãos dos bispos prontos para tudo: a servir nos hospitais, a evangelizar os pobres e mesmo os infiéis, a aceitar, mais ainda a amar de todo o coração e a escolher de preferência os ministérios mais humildes e mais custosos para os quais a Igreja dificilmente encontra obreiros."

Colaboração com os Monfortinos

Ao longo deste século, em cada três Monfortinos um era espiritano. O espírito desta união e colaboração entre a Missão de Grignon de Monfort e o Seminário do Espírito Santo de Poullart des Places durará mais de um século. Até meados do século XIX, os membros da Companhia de Maria, antes de se chamarem "Monfortinos" tinham o nome de "espiritanos", nome dado aos antigos alunos do Seminário do Espírito Santo.

Exercendo ministérios não lucrativos

Os bispos deste século têm dificuldade em encontrar titulares para os postos sem benefício: a direcção dos seminários, o ministério nas cidades da província, a direcção das religiosas e outros empregos semelhantes



Cláudio Francisco Poullart des Places aos 19 anos. Esboço de Jouvenet.

No ministério da formação de padres

Associados espiritanos dirigem o Seminário do Espírito Santo, o Seminário de Meaux e o de Verdun. Dois outros espiritanos são superiores do Seminário de Sens e do Seminário de Quimper. Um outro é nomeado director do Seminário de Pondichéry em 1781.

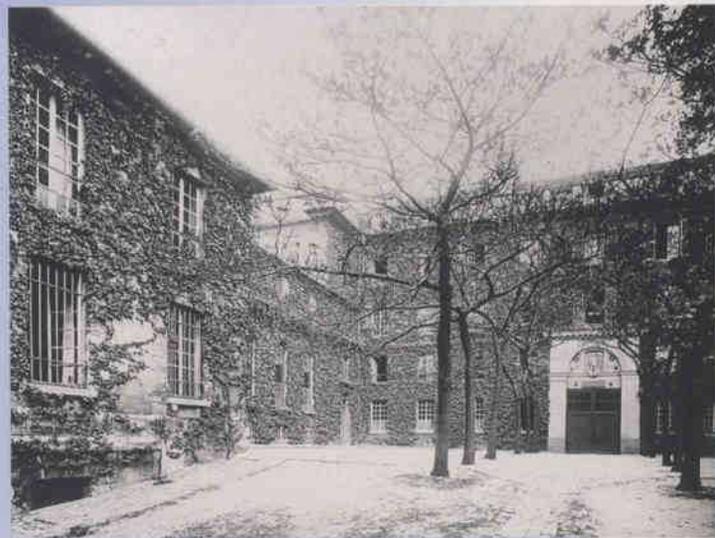
Na missão junto dos mais abandonados

Vários espiritanos entram na Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris para exercer um apostolado em terras longínquas. Em 1733, Guillaume de Rivoal é enviado para o Extremo Oriente e vários outros espiritanos o seguiram. Outros espiritanos vão para a América do Norte: em 1732, François Frison de la Mothe parte para o Canadá. Em 1737, quando Jean François Le Loutre chega a Acádia, é acolhido por um espiritano, Pierre Maillard, o apóstolo dos Micmacs, de quem aprendera a língua e pô-la por escrito. Deixou-nos uma gramática e um dicionário, um livro de oração, hinos e sermões.



Cerca de 1750, as Missões Estrangeiras de Paris têm seis bispos, entre os quais quatro espiritanos. Em 1768, o abade da Ilha de Deus escreve ao Cardeal Castelli, Prefeito da Propaganda: "Há trinta e oito anos que sou vigário geral de todas as missões francesas e selváticas da vasta e imensa diocese de Québec, na América setentrional, e só nomeei indivíduos educados e formados no Seminário do Espírito Santo e todos ultrapassaram as nossas esperanças, sem que nunca nenhum nos tenha desapontado".

no Canadá, no Extremo Oriente e na África. O imperador Napoleão reabriu três institutos missionários entre os quais o dos espiritanos em 1804. Depois de graves conflitos com o Papa Pio VII, suprime-os de novo em 1809. Depois da abdicação de Napoleão, Luís XVIII restabelece os Lazaristas e os Espiritanos.



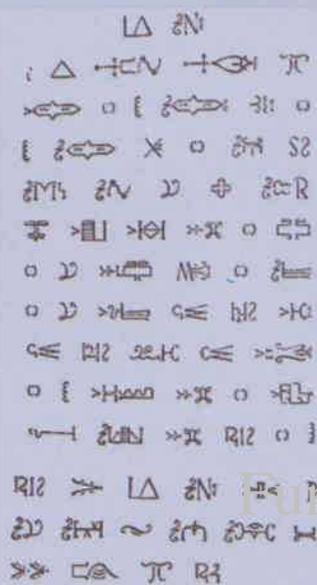
Seminário do Espírito Santo em Paris.

Roma aprova a Regra e os Estatutos da Congregação do Espírito Santo em 1824. A revolução de 1830 provoca uma nova crise. Pela terceira vez o Seminário é fechado. 67 seminaristas dispersam-se. Um antigo ministro das colónias chama a atenção para o perigo de secar a fonte de recrutamento do futuro clero colonial e das suas consequências: "de propósito privaram-se as colónias do único estabelecimento que pode tornar menos perigosas as transições doravante inevitáveis na situação dos escravos e nos direitos das pessoas de cor".

vontade de Deus. Têm a mesma actividade, caminham no mesmo sentido; ora não está na ordem da divina Providência suscitar duas sociedades para uma obra especial se uma pode bastar". Em Novembro de 1848, acaba a sociedade do Sagrado Coração de Maria. Todos os seus membros são incorporados na nova Congregação do Espírito Santo. O P. Libermann torna-se o décimo sucessor de Cláudio Francisco Poullart des Places.

O Seminário abre novamente as suas portas mas por pouco tempo. A cólera alastra em Paris. O Seminário é requisitado para hospital e só pode retomar as suas actividades em Abril de 1835.

OP. Maillard (1735-1762), espiritano, viveu entre os índios até à sua morte. Estudou a língua micmac e compôs, entre outros, a primeira gramática. Aqui, os Dez Mandamentos.



Novas responsabilidades

Antes da supressão dos Jesuítas, o Seminário do Espírito Santo formou cerca de oitocentos espiritanos. Depois da sua supressão em 1773, a Propaganda (Roma) encarrega a Congregação do Espírito Santo das Prefeituras apostólicas das ilhas Saint-Pierre et Miquelon, da Guiana e de S. Luís do Senegal.

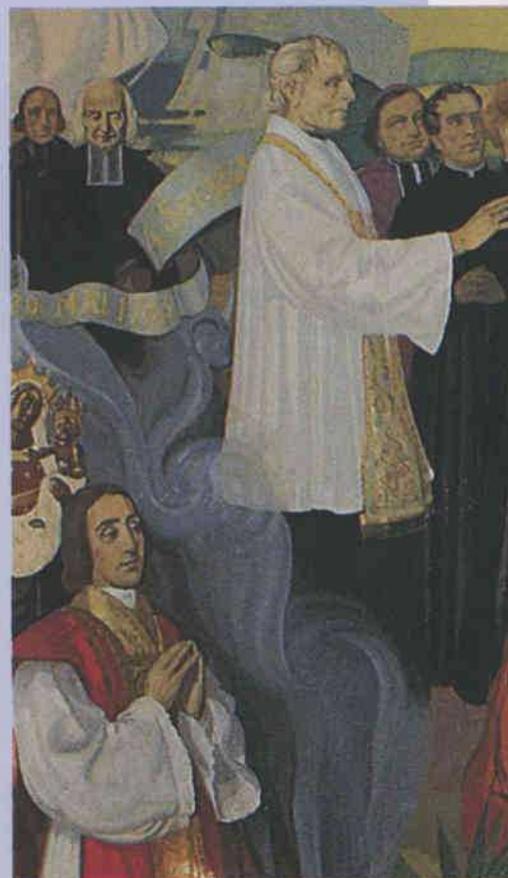
Morrer para renascer

Em 1792, os revolucionários confiscam o seminário. A Congregação do Espírito Santo é suprimida. Os seus membros dispersam-se. No decorrer deste século XVIII, o Seminário formou mais de 1300 padres; uma centena deles atravessou os mares para servir

Deus dispõe

Estas tempestades políticas e estas provas provocaram várias extinções e renascimentos da Congregação do Espírito Santo. Em 1848, a Providência robustece-a mais uma vez.

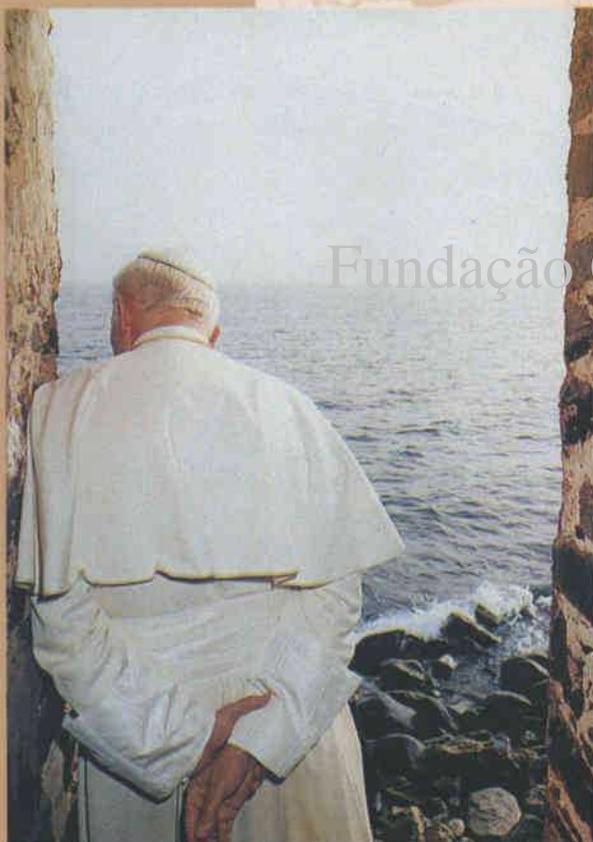
Pela sua opção pelos mais abandonados, a Congregação do Espírito Santo está preparada para se fundir com os membros duma jovem família religiosa missionária, fundada em 1841 pelo P. Libermann: a Sociedade do Sagrado Coração de Maria que está ao serviço dos Negros. Os seus primeiros missionários, enviados para Bourbon e Senegal, aí encontram os espiritanos. Elabora-se o projecto de unir as duas sociedades e é concretizado em 1848. Para o P. Libermann esta união das duas sociedades aparece-lhe "na ordem da



Retomada da Missão no século XIX

Goreia, centro
 do comércio de
 escravos

Quando o Papa João Paulo II visitou o Senegal em 1992, atravessou a enseada de Dacar para ir à ilha de Goreia e fazer uma peregrinação à casa dos escravos.



O Papa João Paulo II, meditando em frente da Ilha de Goreia, lugar simbólico do tráfico de escravos, na costa africana do Oceano Atlântico.

"Estes homens, mulheres e crianças foram vítimas dum comércio vergonhoso, no qual tomaram parte pessoas baptizadas mas que não viveram a sua fé. Como esquecer os enormes sofrimentos infligidos, com desprezo dos direitos humanos mais elementares, às populações deportadas do continente africano? Como esquecer as

vidas humanas aniquiladas pela escravatura? Convém que se confesse com toda a humildade este pecado do homem contra o homem, este pecado do homem contra Deus".

Tráfico de
 escravos

Goreia é um destes lugares, na costa africana do Atlântico, onde crianças, meninas, mulheres e homens foram vendidos como escravos pelos negreiros. O negociante de escravos vive na parte superior da casa. Larga construção em quadrilátero; ao andar superior, pode-se subir por uma escada em quarto de círculo. Andar de todos os privilégios obtidos pelo tráfico de negros. O andar inferior, no plano do pátio de baixo, é o lugar da detenção: cela para as mulheres, para os homens, para as moças, para as crianças, cela de pesagem. Os negreiros impõem normas de saúde para que um escravo possa chegar vivo à outra costa do Atlântico. Um peso mínimo é necessário. Perder um escravo ao longo da travessia, é perder dinheiro. No momento do desembarque, é preciso vender bem os seus escravos.

"Vítimas dum
 comércio
 vergonhoso"

Desde o princípio do século XVI, isto é, pouco tempo depois da descoberta de Cristóvão Colombo, o primeiro negreiro deixa a África em direcção à

América. Depois deste primeiro tráfico de Negros, cerca de 20 milhões de Africanos são capturados, vendidos várias vezes e deportados para serem mão de obra gratuita ao serviço dos seus novos patrões.

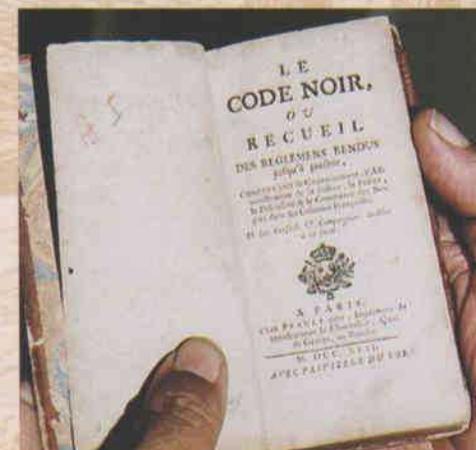
No final do século XVII, as suas condições de vida são tão desumanas que levaram à publicação de um decreto real francês: o "Código Negro" de Colbert. Pretende assegurar um mínimo de protecção aos escravos das colónias francesas na América! Nele se pode ler:

"Declaramos que tudo o que os escravos têm pertence ao seu patrão.

o escravo que tiver ofendido o patrão, a patroa ou o marido da patroa ou seus filhos com ferimentos ou efusão de sangue, no rosto, será punido de morte.

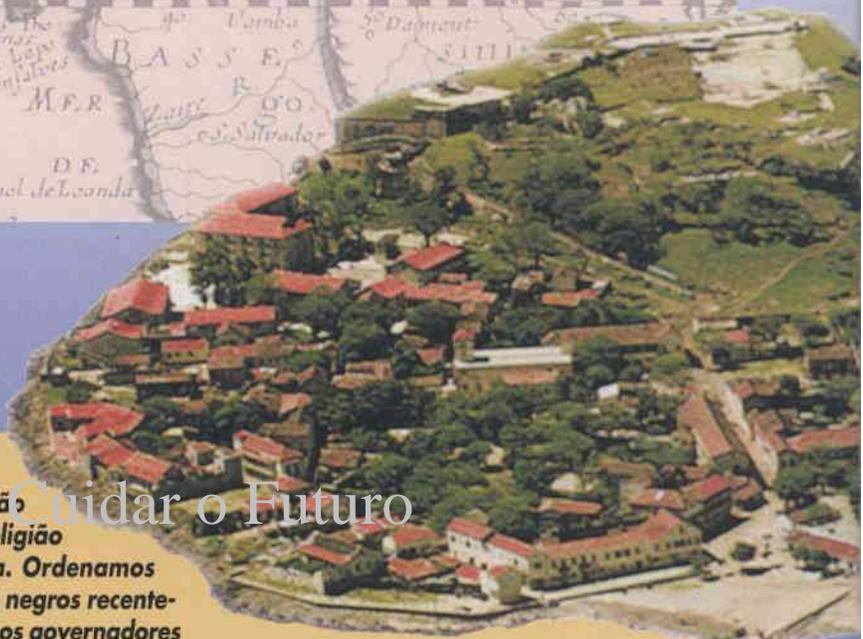
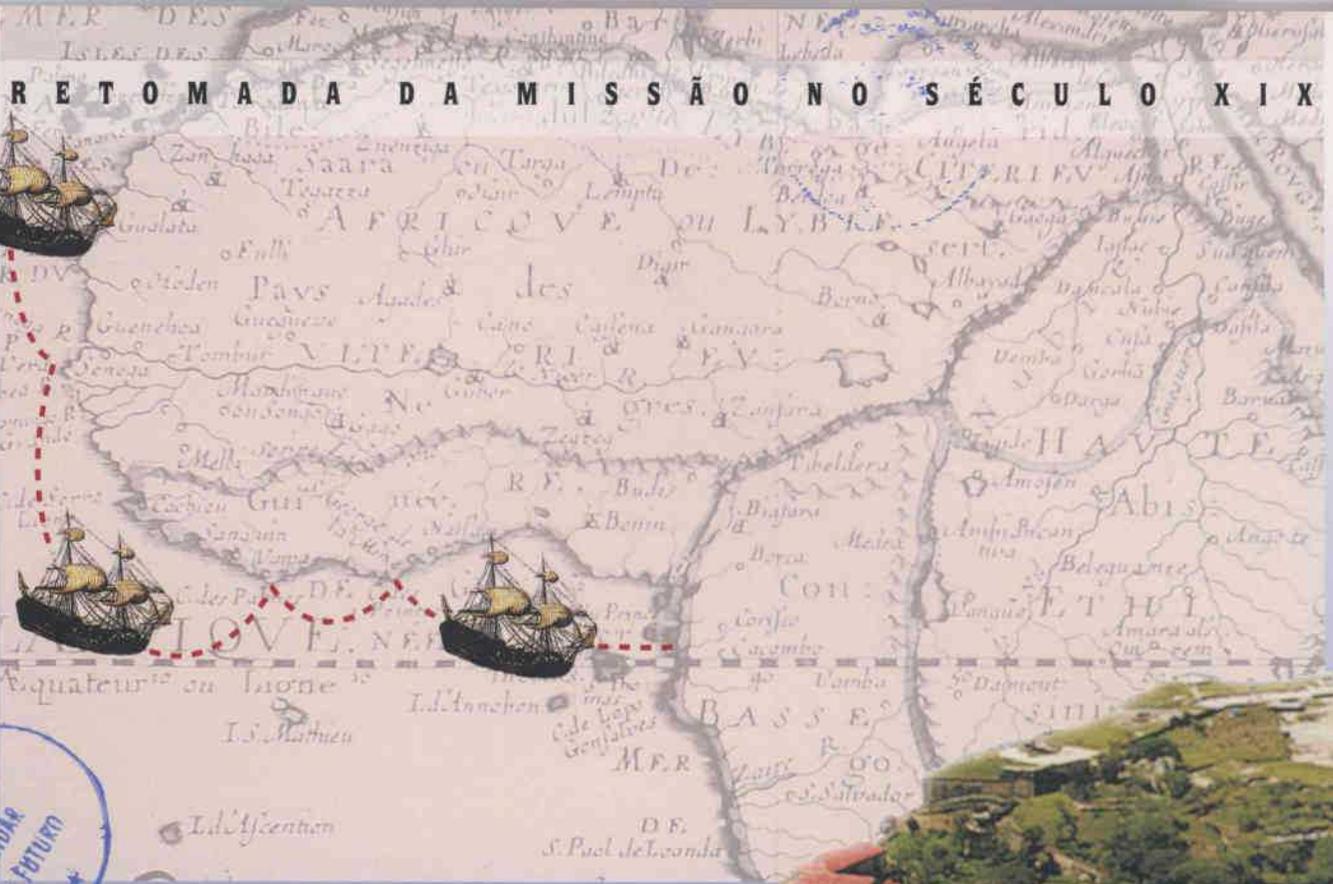
Só os patrões, quando julgarem que os escravos o merecem, os podem mandar prender, açoitando-os com vergastadas. Estão proibidos de os mutilar ou torturar.

Declaramos os escravos objectos, ... e como tais podem ser partilhados igualmente pelos co-herdeiros.



O Código Negro de Colbert, 1685.

RETOMADA DA MISSÃO NO SÉCULO XIX

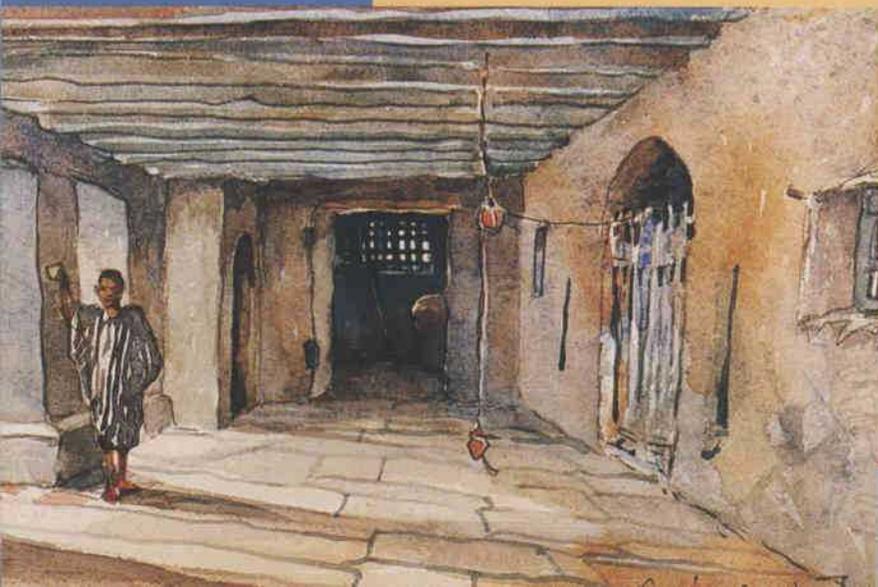


Todos os escravos que estiverem nos mares e ilhas serão baptizados e instruidos na religião católica, apostólica, romana. Ordenamos aos habitantes que comprem negros recentemente chegados, que avisem os governadores e intendentos das ditas ilhas o mais tardar no prazo de oito dias, sob pena de multa; eles darão as ordens necessárias para os mandar instruir e baptizar no tempo devido.

Este código nunca foi respeitado. Durante séculos os ocidentais e os árabes acostumaram-se à escravatura, já conhecida nas sociedades antigas. A abolição deste tráfico aviltante de pessoas humanas começou pelos fins do sécu-

lo XVIII pelos anglo-saxões imigrados para os Estados Unidos. Os estados ocidentais dominantes incluem a abolição da escravatura no seu programa político. Mas é preciso esperar pelos meados do século XIX para que os poderes europeus decidam perseguir os traficantes de escravos e abolir a escravatura.

Local da casa dos escravos na Goreia.



Movimento de libertação dos escravos

Pelos fins do século XVIII, a guerra da independência das colónias inglesas da América do Norte (1776-1783) inicia um importante movimento de libertação. Ele atinge também os escravos negros tanto nos novos Estados americanos como na Inglaterra. Este primeiro movimento de libertação repatria antigos escravos sob autoridade dos Estados da União para a Libéria e sob a autoridade da Inglaterra para a Serra Leoa.

O movimento para a abolição da escravatura preocupa os patrões do tráfico de negros e os grandes proprietários. A libertação dos escravos significava o fim dos seus privilégios e dos seus direitos. A retomada da Missão no século XIX está incluída neste movimento anti-esclavagista.

Ao virar do século, multiplicam-se os apelos para obter missionários na Europa. As igrejas protestantes fundam sociedades missionárias.

Como evangelizá-los, se o anúncio da Boa-Nova não os liberta? A Missão compromete-se neste processo da sua emancipação. Ela não pode evitar o conflito com os grandes proprietários e traficantes. Este movimento de libertação desenvolve-se com a vinda de missionários protestantes e católicos para a costa africana.

Declínio e renovação das actividades missionárias católicas

Do lado dos católicos, a supressão dos Jesuítas em 1773 e as perturbações políticas dos países ocidentais originam uma baixa importante das actividades missionárias.

A Revolução Francesa e as suas consequências na vida da Igreja produzem também os seus efeitos neste declínio missionário. São proibidas as congregações missionárias. O relacionamento conflituoso entre Napoleão e Roma bloqueia qualquer nova actividade até à queda do imperador.

Numerosas crianças foram resgatadas pela Madre Javoubey e suas irmãs. O seu relicário.

Fundação Cuidar o Futuro

A ilha de Goreia na baía de Dacar.

Movimentos protestantes

Missionários protestantes acompanham o repatriamento de antigos escravos na África. Asseguram-lhes um apoio e um ambiente favorável. A igreja anglicana vai integrá-los nas igrejas que os seus missionários fundam na Serra Leoa; o mesmo fazem os protestantes americanos, integrando-os nas suas igrejas fundadas na Libéria.





Um sinal precursor do renascimento da Missão é o envio, pela Madre Javouhey, das primeiras Irmãs de S. José de Cluny para Bourbon (na ilha da Reunião) em 1817, para o Senegal em 1818, para a Guiana em 1822, para a Martinica em 1824, para S. Pierre e Miquelon em 1826, para Pondichéry em 1827.

Em 1822 os protestantes da França fundam a Sociedade das Missões Evangélicas. No mesmo ano, Pauline Jaricot funda a Associação da Propagação da Fé, em Lyon. Estas fundações despertam um interesse novo e popular pelas Missões. A partir de 1825 as notícias recebidas dos missionários são publicadas na revista "Annales de l'Association de la Propagation de la Foi". Nasceu o renascimento missionário do século XIX. Reticentes ao princípio, os bispos franceses nele se comprometem quinze anos mais tarde, no tempo em que Francisco Libermann funda os missionários do Sagrado Coração de Maria.

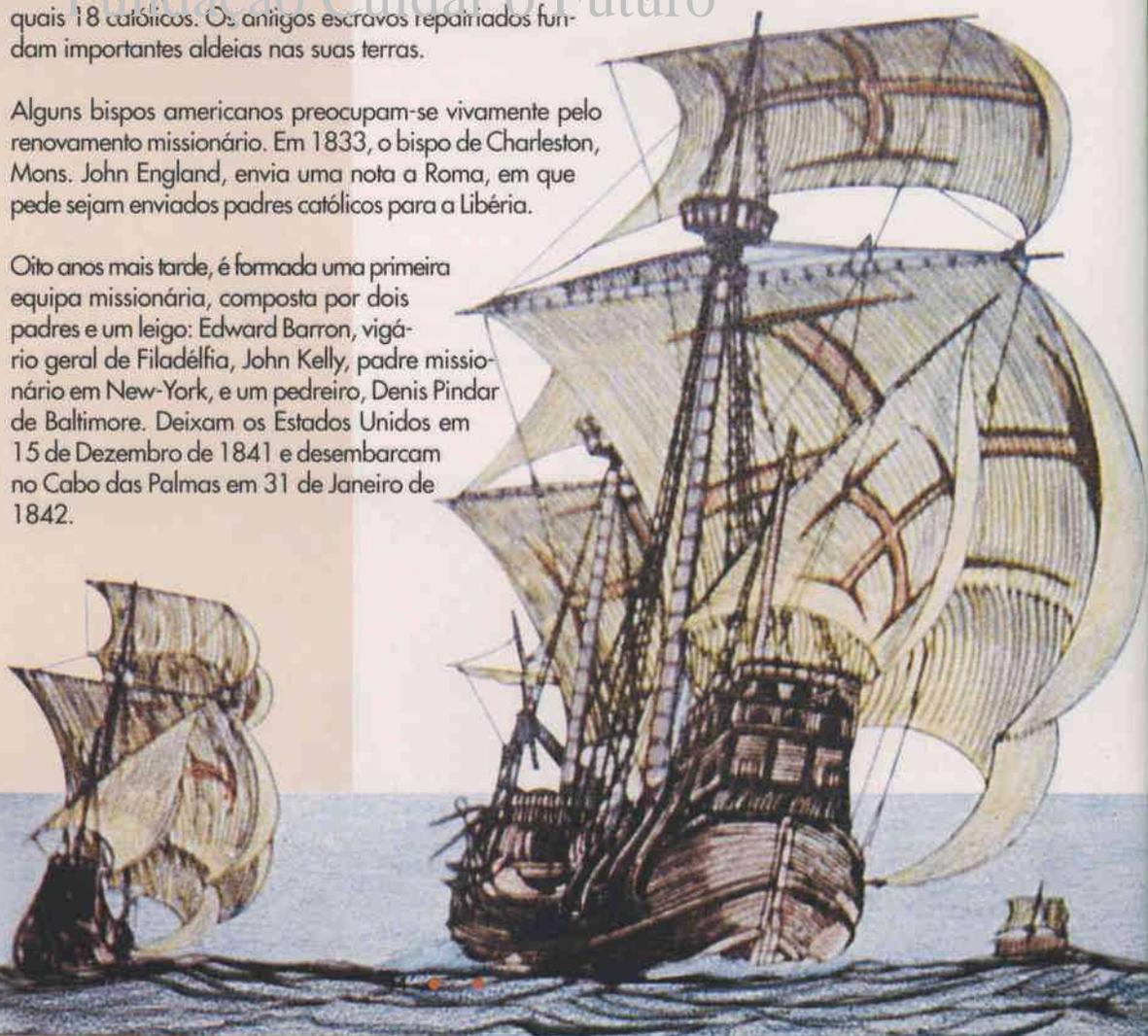


Compromisso americano

Desde 1837 que a Sociedade de colonização de Maryland está instalada no Cabo das Palmas. Estabeleceu-se em Harper para onde deslucam mais de 500 americanos, entre os quais 18 católicos. Os antigos escravos repariados fundam importantes aldeias nas suas terras.

Alguns bispos americanos preocupam-se vivamente pelo renascimento missionário. Em 1833, o bispo de Charleston, Mons. John England, envia uma nota a Roma, em que pede sejam enviados padres católicos para a Libéria.

Oito anos mais tarde, é formada uma primeira equipa missionária, composta por dois padres e um leigo: Edward Barron, vigário geral de Filadélfia, John Kelly, padre missionário em New-York, e um pedreiro, Denis Pindar de Baltimore. Deixam os Estados Unidos em 15 de Dezembro de 1841 e desembarcam no Cabo das Palmas em 31 de Janeiro de 1842.



A Obra dos Negros



A missão Barron estabelece-se entre Harper e as aldeias. Respondendo ao apelo de Mons. Barron feito ao P. Libermann, os primeiros missionários do Sagrado Coração de Maria chegam à Goreia em 10 de Outubro de 1843. A sua sociedade missionária é recente: três estudantes, Francisco Maria Paulo Libermann, Frederico Le Vavas seur e Eugénio Tisserant encontram-se no Seminário de S. Sulpício de Issy-les-Moulineaux em 1836. Fundaram a Obra dos Negros em 1841.

Um apelo comum

1802 na Alsácia, 1811 em Bourbon, 1814 em S. Domingos. Três famílias alegraram-se com o nascimento de um filho: Jacob Libermann, o filho do rabino; Frederico Le Vavas seur, o filho dum rico fazendeiro de cana de açúcar; e Eugénio Tisserant, o filho dum farmacêutico francês, marido duma haitiana.

Jacob Libermann, o mais velho dos três, pertence a uma família

judia de Saverne, no Baixo Reno; o segundo, a uma família abastada, católica mas pouco praticante, em Bourbon, no Oceano Índico; e o mais jovem, nascido dum casal mestiço em S. Domingos, no mar das Caraíbas.

A partir do seu encontro em 1836, no Seminário sulpiciano de Issy-les-Moulineaux, nos arredores de Paris, desenvolve-se entre os três uma missão e uma vocação comum.

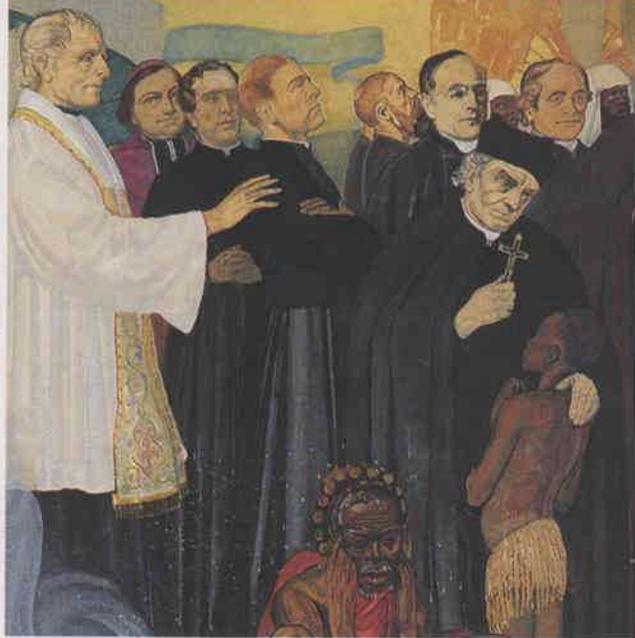
Issy-les-Moulineaux, ponto de encontro

Passados 10 anos, o filho do rabino é cristão. Baptizado na vigília do Natal de 1826, Jacob torna-se Francisco Maria Paulo. Menos de um ano depois do seu baptismo, em 1827, entra em S. Sulpício para se preparar para o sacerdócio, mas por razões

de saúde tem de renunciar. No entanto fica com os Sulpicianos e vive próximo dos seminaristas filósofos de Issy. Ajuda o económico e participa na formação espiritual dos seminaristas.

Em Issy, Frederico Le Vavas seur começa o segundo período de permanência em França. O seu pai queria que ele estudasse na Escola Politécnica de Paris. No Verão de 1830, confia-o a um missionário de Bourbon entrando em França, Nicolau Wärnet, membro da Congregação do Espírito Santo. Os estudos científicos não motivam Frederico. Interrompe-os para começar a estudar Direito. Mas ao fim do primeiro ano, volta a Bourbon. Encontra a sua família rica com a exploração e a comercialização da cana do açúcar.

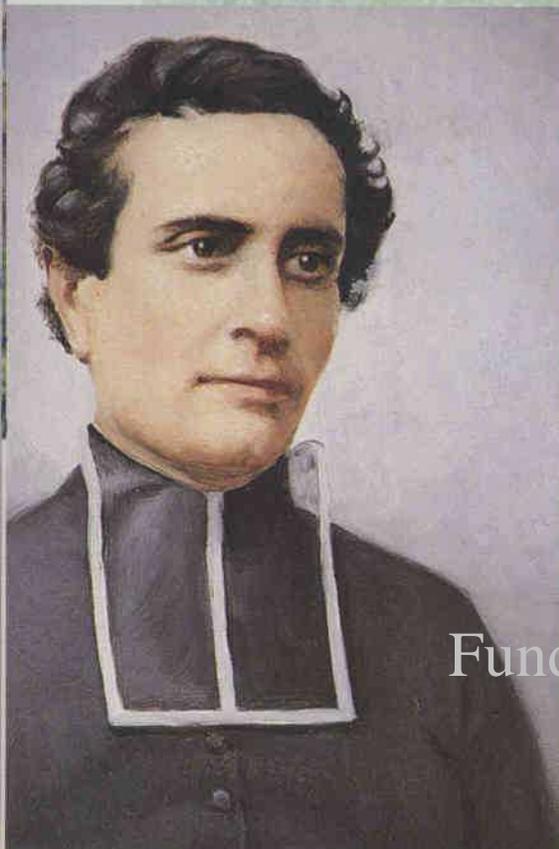
O trabalho nas plantações é muito duro. Os escravos cansam-se como animais de carga. O descanso é unicamente o tempo necessário para recuperar das fadigas do dia. Frederico fica profundamente tocado pela miséria dos crioulos que trabalham nas plantações. A sua vida torna-se um apelo para deixar definitivamente o futuro rico e promissor que lhe assegura a família. Quer ser padre para estes crioulos. Regressa a Paris e pede para ser admitido como seminarista em Issy-les-Moulineaux. Chegado em Junho de 1836, encontra pela primeira vez Francisco Libermann.



Casa da família do rabino Lázaro Libermann, em Saverne (França).



Eugénio Tisserant é o filho duma mãe haitiana e pai francês. O seu avô materno, o general Beauvais, foi um dos últimos comandantes franceses a residir no Haiti, antes do acesso à independência desta primeira República negra. Ele e a sua família conhecem a escravatura praticada pelos patrões, e o princípio do movimento anti-escravagista. Certamente ficou marcado pelas cenas com que os patrões e os seus subordinados humi-



Eugénio Tisserant.

lhavam os escravos. Entra em Issy ao mesmo tempo que Frederico.

O projecto da Obra dos Negros

Desde os seus primeiros encontros, Frederico e Eugénio partilham com Francisco a vontade de agir para acabar com o desprezo, a violência e o ódio que sofrem os escravos em Bourbon e no Haiti. Querem dar-lhes uma existência digna e livre.

Neste mesmo ano de 1836, o P. Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias em Paris, durante a celebração da missa tem uma inspiração: "consagra a tua paróquia ao Santíssimo e Imaculado Coração de Maria". Fá-lo, e a paróquia transforma-se num lugar

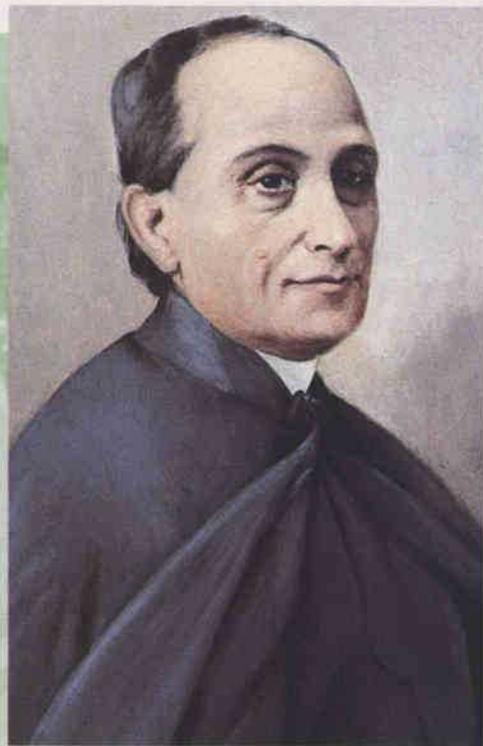
de peregrinação nacional e internacional.

Frederico e Eugénio recorrem a Nossa Senhora das Vitórias e ao P. Desgenettes, para que se funde uma obra em favor dos Negros. São necessários cinco anos para que se funde a Sociedade do Sagrado Coração de Maria em Setembro de 1841.

Francisco Libermann sente-se rejeitado pela família por causa da sua conversão, excluído do clero por causa da epilepsia. Sem eira nem beira, Libermann vive numa extrema pobreza. Adere à causa de Frederico e Eugénio, mas não vê como entrar no seu projecto. Só lhe resta pedir a Deus que abênçoe a sua futura fundação.

Em Agosto de 1837, Libermann deixa Issy para se juntar ao noviciado dos Eudistas em Rennes. Permanece em ligação com Le Vavas seur. A obra projectada em favor dos negros obriga-os a manterem correspondência e a visitarem-se. Em Março de 1839, Frederico escreve a Libermann para lhe pedir conselho. Libermann responde-lhe como se a futura obra não lhe dissesse directamente respeito. Contudo, a 28 de Outubro deste mesmo ano, Deus dá-lhe algum sinal. Deixa de invocar em Rennes a 30 de Novembro. Vai a Paris. Frederico e Eugénio põem-no em contacto com o P. Desgenettes. Em Nossa Senhora das Vitórias, Maria encarrega-se dos seus assuntos. A decisão está tomada. O projecto da Obra dos Negros deve ser apresentado à Propagação da Fé, em Roma.

Libermann deixa Paris e passa o mês de Dezembro em Lyon. Chega a Roma no princípio de Janeiro de 1840 e aí permanece um ano. Redige uma nota apresentando a fundação da Obra dos Negros e remete-a ao Cardeal Prefeito da Propaganda; depois entrega-se à Providência. Medita e escreve um comentário dos doze primeiros capítulos do Evangelho de S. João. Faz uma peregrinação a pé a Assis e a Loreto. De regresso a Roma, Libermann recebe uma aprovação condicional para a fundação da Obra dos Negros: o Cardeal Prefeito pede-lhe que seja ordenado padre antes de começar a fundação. Não tem mais crises de epilepsia. Vai para o Seminário Maior de Estrasburgo em Fevereiro de 1841 para aí se preparar para o Subdiaconado, Diaconado e Sacerdócio.

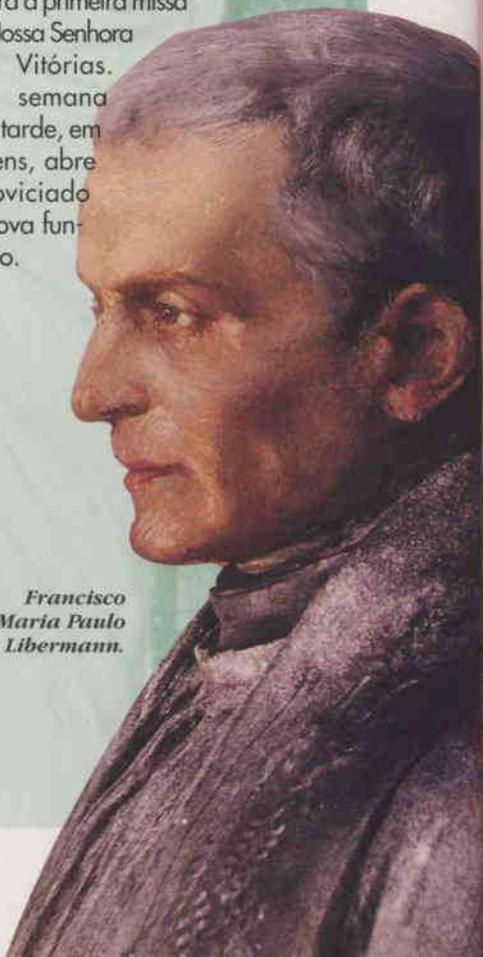


Frederico Le Vavas seur.

A fundação do Sagrado Coração de Maria

Ordenado padre por Mons. Mioland, bispo de Amiens, a 21 de Setembro de 1841, visita o P. Desgenettes e celebra a primeira missa em Nossa Senhora das Vitórias. Uma semana mais tarde, em Amiens, abre o noviciado da nova fundação.

Francisco Maria Paulo Libermann.



O Sagrado Coração de Maria, envio e animação



Missão das Duas Guiné

Há já doze anos que os três primeiros missionários irlandeses vindos dos Estados Unidos estão no Cabo das Palmas. Logo à chegada são atingidos por febres. O responsável da missão, Mons. Barron vem à Europa para encontrar outros missionários. Não encontra nenhuma ajuda previsível para 1843. Desamparado, visita o pároco de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris. O P. Desgenettes entra em comunicação com o P. Libermann. Nove meses mais tarde um grupo de sete missionários do Sagrado Coração de Maria e três jovens deixam o porto de Bordéus. Chegam ao Cabo das Palmas no princípio do Advento de 1843.

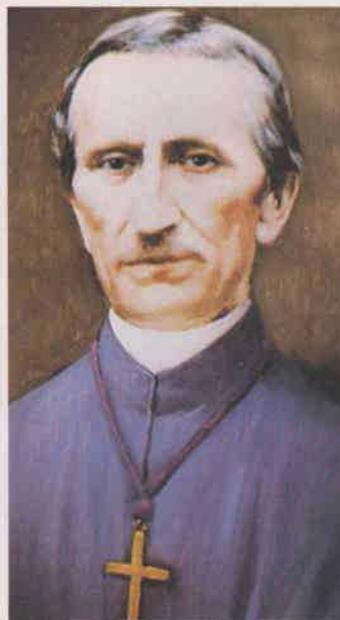
Mons. Barron continua a procurar missionários na Irlanda. Natural de Waterford, passa aí o inverno de 1843-44. Recebe más notícias das Duas Guiné: dois missionários do Sagrado Coração de Maria e o leigo americano, Denis Pindar, morrem. Desanimado, o segundo padre americano John Kelly volta aos Estados Unidos em Janeiro de 1844.

Entre os dez primeiros missionários postos à disposição de Mons. Barron, sete morrem vítimas de doenças tropicais durante o primeiro ano. Em Agosto de 1844, dentre os quinze primeiros missionários vindos para a costa oeste da África, cinco irlandeses e dez franceses, só resta o P. Bessieux na missão do Cabo e o Irmão Gregório em Grand-Bassam. Os dois embarcam a bordo de um navio francês que se dirige para o Gabão. Na escala em Libreville resolvem parar e ficar aí. Neste 28 de Setembro de 1844 começa a Missão na África Central. O P. Bessieux tem a convicção que estão lá para "trabalhar na salvação das almas e dar-lhes a conhecer uma religião que os pode fazer felizes".

Noviciado e primeiros envios

A 27 de Setembro de 1841, o P. Libermann abre o noviciado do Sagrado Coração de Maria em La Neuville-les-Amiens. Acolhe aí dois seminaristas que estão em vésperas da sua ordenação sacerdotal. O noviciado é a última preparação antes do envio em missão.

No fim de 1841, o grupo fundador apresenta uma regra de vida provisória. Em Fevereiro de 1842, Frederico Le Vasseur é enviado para os pobres negros de Bourbon. Eugénio Tisserant, vigário na paróquia de Santo Ambrósio em Paris e subdirector da arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias, vem para La Neuville três meses antes de se juntar à missão do Haiti no fim do ano de 1842. A jovem fundação recebe um novo apelo missionário em Dezembro de 1842.



Mon. Jean Rémi Bessieux, Vigário apostólico das Duas Guiné.

Primeiro noviciado do Sagrado Coração de Maria, em Neuville-les-Amiens.

Dificuldades no Haiti

No Haiti, o P. Tisserant é nomeado Prefeito apostólico. Os "delatores da raça africana" opõem-se-lhe permanentemente. Regressando a França em Maio de 1845, Roma nomeia-o Prefeito Apostólico da Guiné. Embarcando em Toulon no fim de Novembro, o navio naufraga ao largo das costas de Marrocos. Os marinheiros e os passageiros, entre os quais o P. Tisserant morrem no naufrágio a 7 de Dezembro.

A Obra dos Negros

O clima das Duas Guinés é hostil aos missionários. O campo apostólico, aberto com tanto entusiasmo, parece fechar-se. Quando estas notícias chegam à comunidade de La Neuville, todos os seus membros pedem ao P. Libermann que vá à Guiné. "Longe de nos desencorajar, escreve ele, esta notícia dá-nos uma vontade maior".

O interesse pela Missão junto dos negros reforça-se. Uma nova geração de missionários é dada à Igreja universal. Libermann e os seus confrades resistem às provas e assumem-nas. Não são homens excepcionais mas homens unidos à Missão de Cristo, unidos a Cristo pelo Coração de Maria.

Animação da Missão

O P. Libermann continua a exercer o seu carisma de fundador. A sua confiança está em Deus que conduz a história dos homens. Ele discerne a sua Vontade nos acontecimentos do momento e consulta pessoas com uma experiência missionária, como Mons. Luquet e a Madre Javouhey.

É o próprio Libermann que anima a Congregação. Escreve aos seus confrades; comenta aos noviços a regra provisória dos missionários apostólicos; redige um relatório para a Propaganda em Roma.

A dois confrades que partiam para a África em 1845, escreve-lhes para Bordéus, onde vão embarcar para o Gabão, via Goreia:

"Ides começar esta importante missão. Não conteis com as vossas forças, com a vossa prudência, com a vossa própria actividade. Só em Deus e Maria deveis colocar a vossa confiança. Não sejais impacientes na vossa empresa. Deixai amadurecer as coisas e não procureis colher o fruto antes de estar maduro; procurai em todos os momentos e em todas as circunstâncias, seguir a marcha da Providência. Analisadas bem as coisas e com o único desejo de agradar a Deus e de procurar a sua glória, tomai com audácia a vossa tarefa e executai-a com grande confiança em Deus".

Aos noviços de La Neuville, Libermann comenta assim o dom da vida apostólica:

"A vida apostólica encerra em si mesma a perfeição da vida de Nosso Senhor, sobre a qual é modelada; mais que qualquer outra vida, ela faz-nos conformes a Jesus Cristo... A Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Maria é uma associação de padres que, em nome e como enviados de Nosso Senhor Jesus Cristo, se devotam totalmente a anunciar o seu santo Evangelho e a estabelecer o seu Reino entre as almas mais pobres e mais abandonadas na Igreja de Deus.

"Devem considerar-se apóstolos enviados por Nosso Senhor Jesus Cristo. Eis porque devem ter profundamente gravada nos seus corações e anunciá-la por toda a parte, a Palavra do Evangelho; dar a conhecer os santos mistérios e a sua divina Vontade àqueles que os ignoram; atrair a Ele almas que se perdem e encher de amor e de santidade os que estão no bom caminho.

Naufrágio ao largo da costa marroquina onde morreu o P. Tisserant.





A luta de Libermann

"O nosso divino Mestre envia-os para as almas pobres; por isso só podem empreender missões que sejam as mais abandonadas. Terão sempre diante dos olhos que estão consagrados às almas abandonadas, considerando-se como seus servos, tendo só pensamentos, desejos e ocupações para a sua salvação..."

"Devem considerar-se sempre inferiores e infinitamente indignos duma tão grande vocação e absolutamente incapazes de realizar as grandes e divinas funções. Hão-de pôr toda a confiança no Mestre que os envia, e procurarão fazer o que puderem para corresponder o mais perfeitamente possível aos grandes desígnios de Deus sobre eles".

Libermann expressa as objecções feitas contra a Obra:

"Várias pessoas procuraram a princípio afastar-nos desta empresa; quiseram persuadir-nos que o nosso zelo e os nossos esforços eram uma perda de tempo e que nunca alcançaríamos resultados favoráveis. Esses povos, diziam eles falando dos negros, nunca saberão conduzir-se eles mesmos, nem perseverar nos bons sentimentos que se procura inspirar-lhes. São estúpidos, incapazes, sem coração, são ladrões e indóceis de modo que nem à custa de vergastadas se pode atingir o fim, são corruptos e viciados por natureza; por isso é inútil gastar energias para nada alcançar".

Libermann não se deixa abalar por esta linguagem colonialista. A partir dos primeiros anos de experiência missionária e dos testemunhos dados pelos membros do Sagrado Coração de Maria, ele desmente formalmente estas afirmações, apresentando o Haiti como exemplo:

"Contra esta asserção temos, antes de tudo, como exemplo, setecentas mil testemunhas na ilha do Haiti. Este povo nasceu escravo e por consequência foi, desde a origem, desprezado sob todos os aspectos. Há cinquenta anos que não recebe nenhuma instrução religiosa; só tem debaixo dos olhos escândalos públicos dos seus padres, cuja grande maioria são mercenários que, sem o esconderem, não do srce d'áo qe lris is Cristo e das coisas mais sagradas um objecto de tráfico... E este povo resiste a tudo e fica ligado à Igreja com uma constância admirável..."

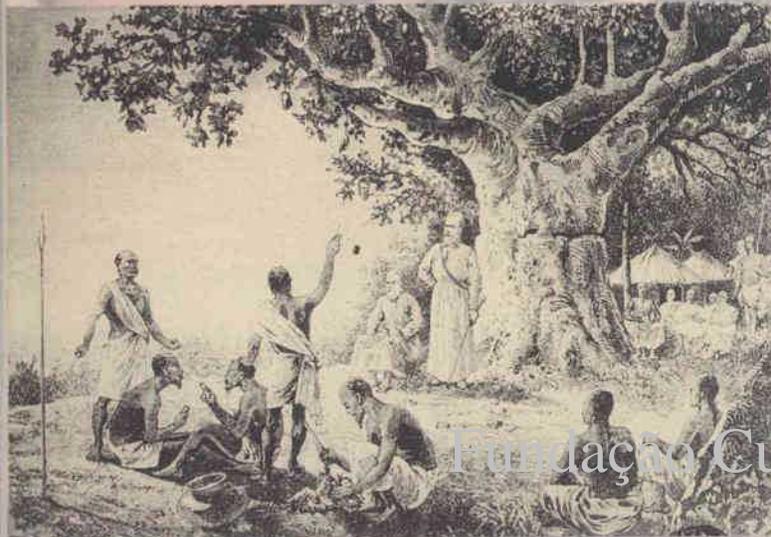
"É verdade que no Haiti a maior parte dos negros de católicos só têm o nome e algumas práticas exteriores e, mesmo a sua religião, está misturada duma multidão de práticas supersticiosas e de certos ritos idolátricos.

"Mas é preciso pensar que é moralmente impossível ser de outro modo; que se apresente um povo de escravos tirado de regiões selvagens e idolátricas da África recebendo uma educação e levando uma vida de escravo, isto é, vivendo no trabalho contínuo, na ignorância, no aviltamento, no embrutecimento, abandonado sob todos os aspectos intelectuais, morais e religiosos; que se apresente um povo semelhante, subitamente libertado do jugo que o oprimia, libertado dos tiranos que o maltratavam, abandonado a si mesmo e à sua liberdade sem limites e sem freio; que se junte a isso o medo de recair sob o poder destes patrões, e então se compreenderão todas as fases de miséria e horror que existiram nesta desgraçada ilha".

Libermann continua o seu discurso a favor dos negros:

"Nas colónias, entrega-se aos infelizes negros o trabalho odioso e repugnante, que eles abandonam quando a vergasta não os força mais..."

"Nas colónias, o branco não trabalha; despreza o mais pequeno trabalho manual, que deve ser feito pelos escravos".



Desafiando os perigos na floresta equatorial para anunciar o Reino de Deus aos mais desfavorecidos.

Em 1846, Libermann envia ao Cardeal Prefeito da Propaganda em Roma, um relatório sobre a Missão junto dos negros:

"Vemos em toda a Europa um movimento espontâneo para socorrer a raça negra e para a levantar da sua baixa. Vemos várias sociedades, tanto comerciais como humanitárias, dela se ocuparem activamente, e os governos mais poderosos da Europa empreenderem a sua civilização, e nela empregarem recursos consideráveis. Olhamos este movimento universal como a acção do próprio Deus e admiramos a divina providência que depois de ter deixado esta pobre gente durante tão longo tempo nas trevas e na desgraça, põe de repente em movimento tantas energias para delas a fazer sair. Não podemos dissimular quanto este movimento, provocado pela sua bondade, poderia tornar-se pernicioso e desastroso para as suas almas. Os empregados dos governos, os agentes de comércio e os sequazes das sociedades humanitárias, quase todos o refugo das nações europeias e inimigos da Igreja, espalhando-se no meio destes povos, só podem levar a devastação às almas enquanto procuram alguns alívios para as misérias do corpo".

Libermann não é nem ingênuo nem sonhador. Os seus confrades em missão reconhecem também defeitos inerentes aos negros. Depois do exposto sobre a situação dos negros, ele propõe que a missão se construa sobre bases sólidas e estáveis, fundadas em elementos próprios da terra; as suas fundações deverão tomar de seguida a forma regular das outras igrejas.

"Para ser bem sucedido com a fraqueza dos nossos recursos, não basta certamente ir ao acaso com a santa ideia de converter os infiéis... É preciso ter um espírito visionário a presidir ao projecto e tempo para a execução dos pormenores que exigem muita paciência e perseverança".

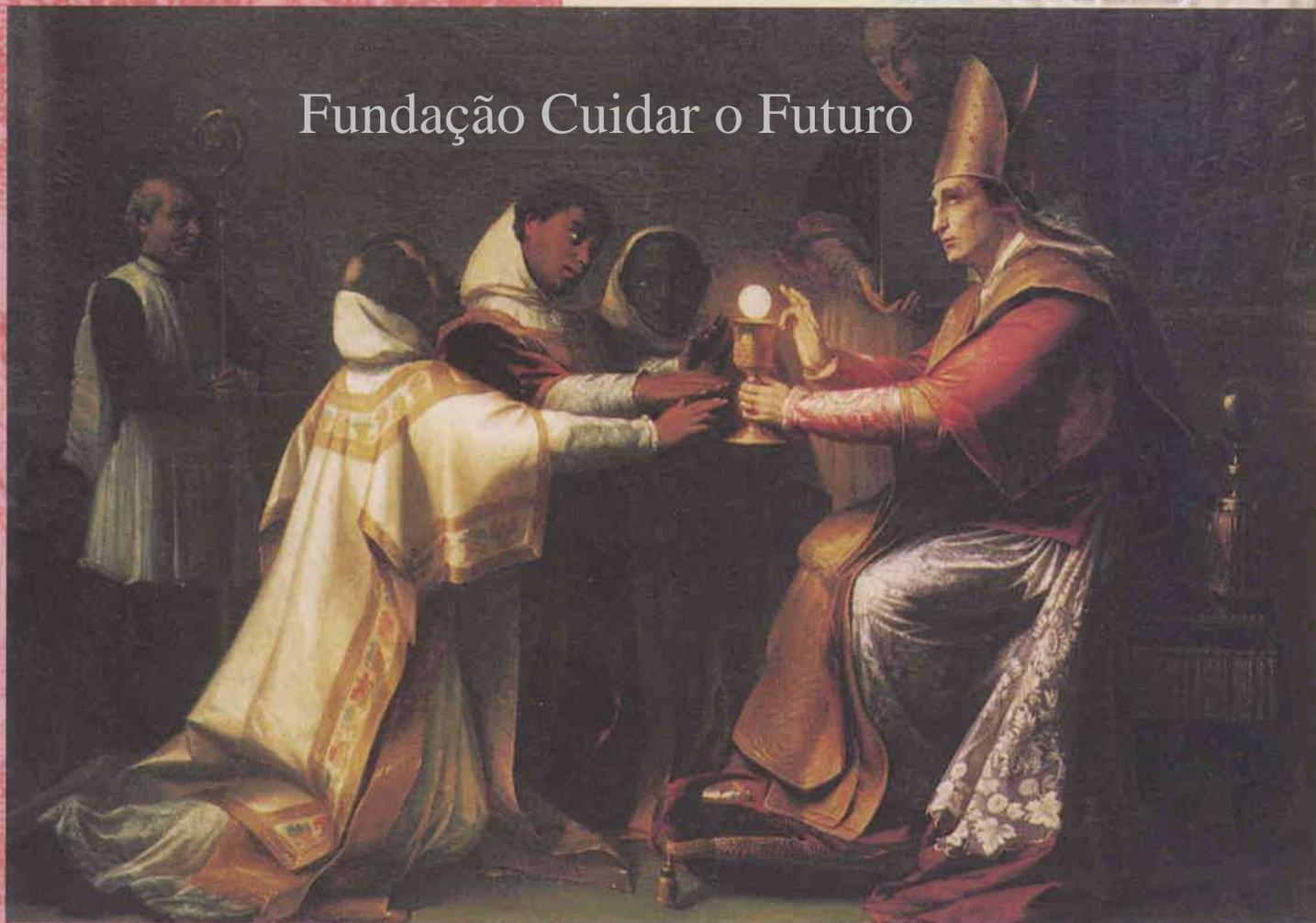
Na sua estratégia missionária, Libermann sabe que tudo é votado ao fracasso, se não há um plano apostólico, uma organização permitindo realizá-lo e missionários que perseverem na sua execução. Apresenta como meio essen-

cial a formação dum clero indígena. Já se tinha pensado nisso em 1820. Mons. Baradère, espiritano, prefeito apostólico em S. Luís do Senegal, escreve: "o único meio de evangelizar os negros é ter padres indígenas". Há um ano que S. Luís do Senegal tem uma comunidade de Irmãs de S. José de Cluny. A Madre Javouhey faz-lhes uma visita em 1822. Graças à sua influência, três jovens senegaleses, David Boilat, Arsène Fridoil e Jean-Pierre Moussa, vêm a Paris e estudam teologia no Seminário do Espírito Santo. A 19 de Setembro de 1840 são ordenados padres nesse mesmo Seminário.

Promover um clero autóctone torna-se uma prioridade permanente no apostolado espiritano ao serviço das futuras igrejas locais.

Ordenação no seminário do Espírito Santo dos três primeiros padres senegaleses, David Boilat, Arsène Fridoil e Jean-Pierre Moussa (da esquerda para a direita).

Fundação Cuidar o Futuro



O espírito de Libermann



O espírito apostólico adquire-se pela prática da vida missionária

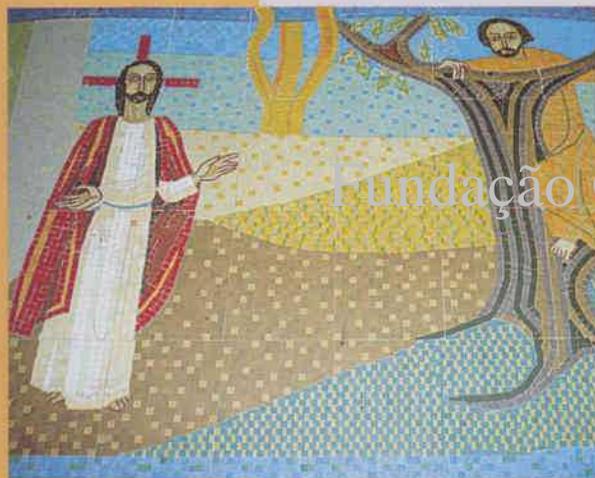
O futuro da árvore está nas suas raízes

Viver e agir como missionário, é viver segundo o carisma dos nossos fundadores. "Não basta ser enviado; é preciso também possuir o espírito da sua missão". Este espírito apostólico alcança-se com a prática da vida apostólica.

Viver o mistério pascal

A vida missionária não é só enterrar-se e enraizar-se no trabalho, mas dar a sua vida para que nasça uma vida nova. Na vida missionária verifica-se o facto de que são uns que semeiam e outros que recolhem (Jo. 4.37).

Para Libermann "os missionários estão encarregados de construir os fundamentos dum futuro edifício; eles semearão e a colheita virá depois deles. O trabalho dos que cavam os fundamentos e constróem debaixo da terra, não parecem belo nem agradável; os que vierem depois, edificarão e construirão sobre os seus fundamentos a casa de Deus e gozarão da sua beleza; eles desbravam e semeiam com lágrimas e paciência, outros recolherão com alegria; eles plantarão com trabalho e fadiga e os que os seguirem regarão com facilidade e verão com alegria o fruto das suas plantações".



"A vida apostólica é a vida de amor e santidade que o Filho de Deus levou na terra, para salvar e santificar as almas, e pela qual se sacrificou continuamente à glória do Pai para a salvação do mundo".

Fazer-se tudo para todos

Evangelizar é antes de mais partilhar a vida das pessoas que os missionários evangelizam. É fazer-se tudo para todos.

"Despojai-vos da Europa, dos seus costumes, do seu espírito; fazei-vos negros com os negros (africanos com os africanos) para os formar convenientemente, não os creiais da Europa, mas deixai-lhes o que lhe é próprio; sede para eles como os servos devem ser para o seus mestres, nos usos, maneiras e hábitos, e isso para os aperfeiçoar, santificar e deles fazer pouco a pouco um povo de Deus. É o que S. Paulo chama fazer-se tudo para todos, para todos ganhar para Jesus Cristo."





Vinde
após mim
e farei de vós
pescadores
de pessoas

Comunidade e apostolado

O apostolado missionário espiritualano enraíza-se na vida comunitária.

"Esforçai-vos, meus muito amados irmãos, por serdes um só coração e uma só alma, a fim de que a bênção de Deus esteja no meio de vós. Lembrai-vos sempre desta palavra de amor do Salvador: nisto conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros... O espírito de simplicidade e acolhimento construirá a vida de comunidade espiritana".

Qualidades apostólicas

O envio em missão sem o espírito apostólico não tem futuro.



"Sê apóstolo. Não é pela vivacidade do zelo que se alcançará tudo; é preciso juntar a paciência, a doçura, a constância e a fidelidade em se manter diante de Deus no meio das penas, resistências e contradições. A magnanimidade apostólica é poderosa para a salvação das almas".

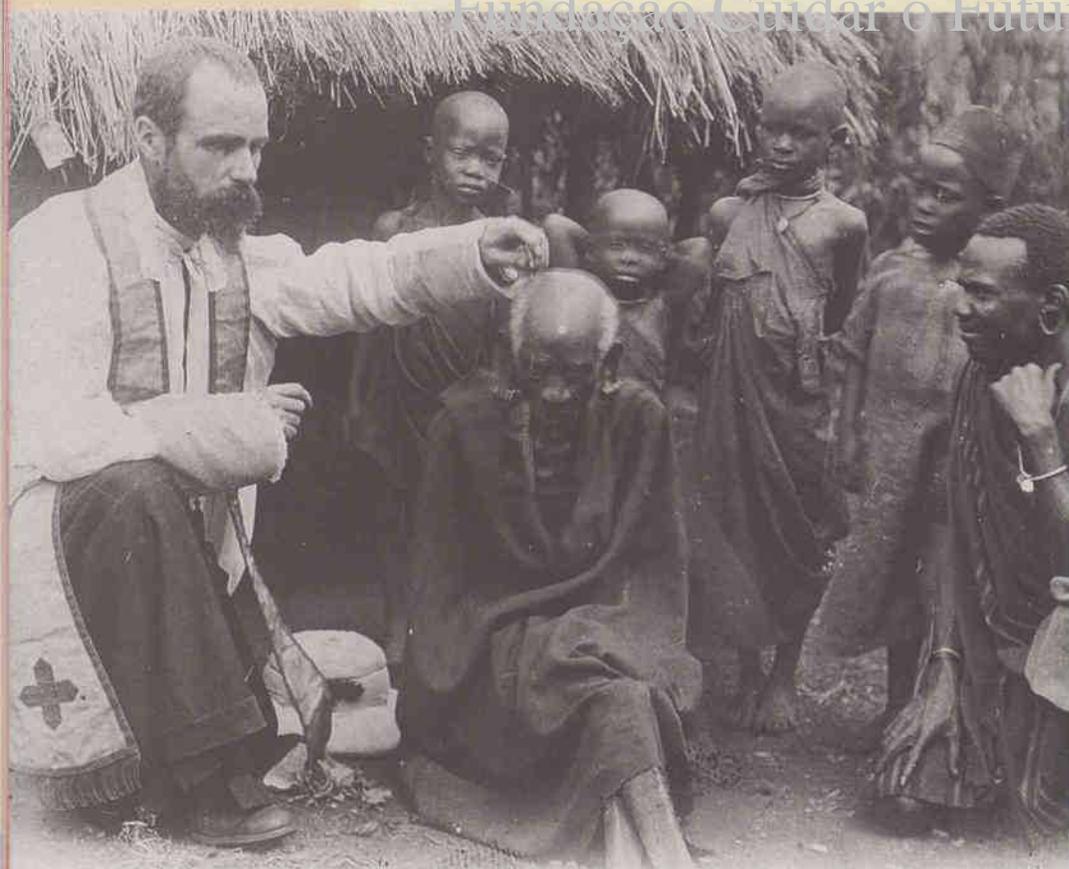
Ação e contemplação

O P. Libermann aconselha os seus irmãos a viver uma oração apostólica. Chama-os a ultrapassar a dualidade 'ação-contemplação' vivendo a "união prática" que é uma fidelidade habitual ao Espírito Santo.

"Sede fiéis às inspirações do Espírito Santo, fidelidade tornada como um instinto do coração "naquele que realizou o sacrifício de si mesmo a Deus a fim de estar livre para se ocupar dos outros".

Com força e doçura, constância e fidelidade, Libermann leva a Congregação do Sagrado Coração de Maria a viver numa grande disponibilidade à ação do Espírito. O essencial não é a fundação, mas o serviço apostólico junto dos mais pobres. Eles também são herdeiros do Reino de Deus.

Fundação Cuidar o Futuro



Junto

de 80.000 crioulos da Maurícia



A ilha Maurícia é uma encruzilhada de nações. No coração do Oceano Índico, cruzam-se as estradas do Ocidente e do Oriente. Hindus, muçulmanos e cristãos misturam-se.

Descoberta pelos Portugueses no século XVI, foi colonizada pelos holandeses em 1598; em 1710 abandonam-na por causa dos piratas que incessantemente assolavam a vida dos colonos. Em 1721, instala-se aí a Companhia francesa do Leste da Índia e começa a plantação da cana de açúcar. A prosperidade do comércio do açúcar aumenta o número dos escravos trabalhando nas plantações.

e organizam uma sociedade de privilegiados. Vivem contrariados por não poderem dominar totalmente os trabalhadores, seus escravos. A opção política para com os antigos escravos é moralizá-los educando-os e integrando-os na comunidade anglicana.

Nova fonte de informação: o jornal

Neste tempo, uma novidade vem demarcar a sociedade entre letrados e ignorantes: os jornais, com os seus redactores e leitores. Os novos jornais da Maurícia informam e formam a opinião dos leitores. A situação social da colónia é habitualmente comentada. Artigos e cartas abertas tomam a defesa ou denunciam a população crioula acabada de sair da escravatura. As condições de vida que lhes são impostas conduzi-los-ão ao desaparecimento a longo prazo. Crimes, delitos, embriaguez, preguiça dos crioulos são do conhecimento público.

Função inglesa da Colónia inglesa

A seguir ao Tratado de Paris em 1814, os britânicos sucedem-se aos franceses. Continuam e desenvolvem as plantações e a produção do açúcar. A seguir à abolição do tráfico de escravos no império britânico em 1807 e à abolição da escravatura em 1834, os fazendeiros viram-se para a Índia para substituir os antigos escravos por trabalhadores indianos. A produção da cana de açúcar aumenta mais de 130% em 80 anos.

A meados do século XIX, numa população de 140.000 habitantes, 80.000 escravos libertos mergulham na miséria. Os fazendeiros formam uma classe minoritária e dominante; ocupam as terras e fazem trabalhar prioritariamente os indianos nas suas plantações; enriquecem rapidamente



Retrato do Padre Laval.

Uma carta aberta

No começo de 1847, a redacção dum jornal local "Le Cernéen" publica uma carta dum leitor. O seu autor escreve como "verdadeiro cristão". Dá recomendações a dois padres católicos, Laval e Comerford.

Estes dois padres "deviam prevenir os crioulos contra a demasiada importância que dão ao culto exterior...Deveriam incessantemente alertar o espírito e a consciência dos libertos com a parte moral da nossa religião. Para falar só daqueles

Os escravos libertos tornam-se "aprendizes" vivendo na miséria



Mon. William Collier, beneditino inglês,
Vigário Apostólico da Ilha Maurícia.

Um inglês, bispo da Maurícia

Inquieta com a situação dos crioulos mauricianos, baptizados catolicamente, a Santa Sé nomeia Vigário apostólico um beneditino inglês, Mons. William Collier. Em fins de Outubro de 1841 ele escreve:

"Não podia imaginar que um país cristão pudesse cair numa semelhante degradação moral. Os europeus por vezes desconhecem a sua religião, mas estas gentes (esta larga população negra) são exactamente como os habitantes da China ou de Kamtchatka. Como podia ser de outro modo? Ninguém teve nunca a menor pena deles. Estão abandonados como animais de carga. O que me admira, mais ainda que a sua ignorância, é que apesar da negligência que têm sofrido, têm ainda vontade de ser instruídos... Quando cheguei encontrei aqui oito padres. Mandeí embora três e há ainda outros três que não posso pô-los fora".

que trabalham no interior das nossas casas... ausentam-se quando o seu serviço é mais necessário, desobedecem, mentem, bebem, não estão prontos a horas. Se alguma coisa pode diminuir de praxs e, er sívelmente o nicl, é seguramente a intervenção do padre católico que tem todo o poder sobre eles. Esta intervenção também teria o efeito de levar a um trabalho produtivo e honroso muita população crioula que passa na ociosidade ou no exercício de miseráveis e estêreis actividades, todo o tempo decorrido depois da sua emancipação".

Este correio e outras cartas abertas publicadas pelo jornal mostram bem o que os proprietários pensam dos crioulos mauricianos. A Igreja católica evangeliza-os e operam-se mudanças de comportamento.

Envio dum padre normando

Mons. Collier procura padres missionários para a Igreja que lhe foi confiada. Vem a Paris e visita o Superior Geral de S. Sulpício que o põe em contacto com Frederico Le Vasseur. A Obra dos Negros está em fundação e Le Vasseur pensa logo num antigo do Seminário, Tiago Désiré Laval, pároco de aldeia na Normandia há dois anos. Laval tinha-lhe expresso "o seu desejo de ser servidor de Jesus Cristo entre estas gentes tão desprezadas". Pede ao seu bispo autorização para partir para a Maurícia para ser "missionário dos pobres negros". É-lhe concedida, confia a administração dos seus bens a Libermann e deixa a França para sempre.



Um médico que se torna padre-missionário

Tiago Désiré Laval nasceu em 1803. Estuda na faculdade de medicina de Paris de 1825 a 1830, num contexto social que enaltecia a deusa "Razão" em detrimento da fé em Jesus Cristo. Indiferente quanto ao aspecto religioso, Laval exerce generosamente o seu serviço de médico nas aldeias da Normandia, durante cinco anos. Curando os doentes, abre-se a um desejo espiritual e a uma nova vocação: ser padre. Retoma os estudos no Seminário de S. Sulpício em 1835. Deu conhecimento disso aos três futuros fundadores da Obra dos Negros: Frederico Le Vasseur, Eugénio Tisserant e Francisco Libermann. É ordenado padre em Evreux, a 2 de Dezembro de 1838. Pároco de aldeia durante dois anos. Junta-se aos libertos mauricianos em 1841. São cerca de oitenta mil pessoas analfabetas, sem instrução religiosa. Muitas estiveram na prisão. Laval está só no meio desta gente pobre; os outros padres não se preocupam de maneira alguma com os pobres negros; baptizam os filhos e é tudo.

Em Julho de 1842, escreve ele ao P. Libermann: *"A Maurícia é um país muito pobre e num estado lastimável... Trabalho desde as 9 horas da manhã até às 10 da noite, catequizando estes pobres abandonados, confessando-os; baptizei uns sessenta, casei um grande número e dei a primeira comunhão a uns quarenta... Aqui é preciso fazer tudo; ninguém nos ajuda, bem ao contrário"*.

Para comunidades cristãs adultas

Em apenas dez anos, o P. Laval consegue fundar comunidades cristãs animadas por catequistas, homens e mulheres, seus "conselheiros e conselheiras". A sua opção pastoral prioritária é preocupar-se com os libertos e a sua formação cristã. Confessa-os, dá-lhes responsabilidade e catequiza-os. Escolhe entre eles homens e mulheres que dêem testemunho duma vida de baptizados e forma uma primeira geração de catequistas crioulos. Com eles forma uma rede de catequis-



tas, atingindo toda a ilha.

Por um laicado responsável

Graças aos "conselheiros e conselheiras", funda novas comunidades cristãs em toda a ilha. Delega responsabilidades, tais como a animação de novas comunidades, a construção de capelas ou ainda responsabilidades financeiras; desenvolve a solidariedade entre os membros das





comunidades para com os doentes ou os membros mais desprotegidos. Para este povo de desprezados, Laval é um dom que só o esgotamento pode parar. Sofre a fadiga e a doença, as oposições e conflitos, os elogios e as injúrias.

Laval vive a sua missão no espírito que Libermann comunica aos missionários do Sagrado Coração de Maria:

"Entregar-se a Jesus no serviço dos pobres; se somos submissos e dóceis, o seu divino Espírito anima-nos e santifica-nos."

Conhecer o seu justo valor; conservar-se na sua pobreza e fraqueza diante de Jesus: é o verdadeiro meio de ser submisso e dócil, ficando fiel a Deus.

Pôr toda a confiança na graça de Jesus que está e estará sempre com o seu discípulo".

Beatificação de Tiago Laval

O P. Laval morre a 9 de Setembro de 1864, deixando em herança uma situação religiosa completamente diferente, tanto entre os negros como entre os brancos. Este missionário dos negros "foi o apóstolo de todas as condições sociais e de todas as classes: tudo fecundou, tudo levantou". O Papa João Paulo II beatificou-o a 29 de Abril de 1979.

"Fioretti" do P. Laval

Um dia, apresenta-se um operário pedindo para falar com o pároco. Logo que este chega, o homem pede-lhe uma camisa. O P. Laval chama a empregada:

– Maria, vá buscar uma camisa para este senhor.

Então a empregada protesta contra esta ordem:

– Mas, senhor padre, não sabe que só tem três?

E o P. Laval responde-lhe:

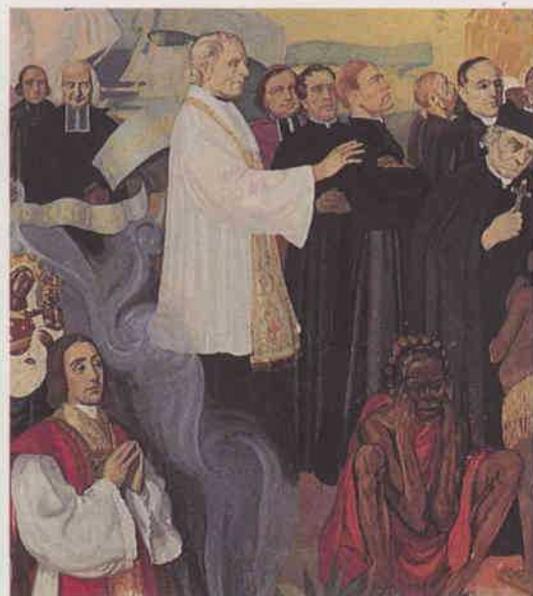
– Vamos, Maria, eu não lhe pedi para saber quantas tenho; disse-lhe só para ir buscar uma. E a empregada fê-lo imediatamente.

Fundação Cuidar o Futuro



Igreja de Santa Cruz em Porto Luís.

União de duas Congregações



Logo desde a fundação do Sagrado Coração de Maria, houve a questão da união com a Congregação do Espírito Santo. O momento favorável chegou em 1848. No Pentecostes, as duas partes interessadas encontram-se no Seminário do Espírito Santo em Paris e aceitam por unanimidade o princípio da união das duas congregações.

A Propaganda (Roma) aprova oficialmente esta união a 28 de Setembro de 1848 precisando o seu significado:

"Pertence-vos conduzir bem esta fusão das duas congregações de modo que, daqui em diante, a Congregação do Sagrado Coração de Maria deixe de existir e os seus membros e aspirantes sejam integrados na Congregação do Espírito Santo, tornando-se pelo facto mesmo seus membros e aspirantes, com os mesmos direitos e privilégios, e estando sujeitos às mesmas regras de disciplina".

A Propaganda nomeia Vigário apostólico de Madagascar o P. Monnet, que era o Superior Geral da Congregação do Espírito Santo. A 3 de Novembro aprova a eleição do P. Libermann à frente da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, como décimo sucessor de Poullart des Places.

A dissolução da Congregação do Sagrado Coração de Maria é uma decisão que a faz morrer para renascer em família missionária mais dinâmica. O facto não afecta a Obra dos Negros, nem o seu espírito. O P. Libermann transmite o essencial do que é a vida apostólica espiritana nos Regulamentos de 1849:

"Para o aperfeiçoamento da vida apostólica que é o seu fim, para a estabilidade e extensão das obras, objecto desta mesma vida apostólica, e para a santificação dos seus membros, a Congregação tomou como regra fundamental a vida em comum. Todos os seus membros viverão sempre em comunidade".

Os spiritanos "serão os advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem. É em todas estas circunstâncias que a grande caridade e o poder de N.S.J.C. devem desenvolver-se nas suas almas. No entanto toda a sua conduta deve ser presidida por uma doçura e uma prudência toda santa que o seu Mestre lhes comunicará se forem fiéis".

Assumir a causa do oprimido

"Nas colónias e nos países mais atrasados, encontraremos uma multidão de desgraçados vivendo na dependência de outros homens que muitas vezes os tratam de uma maneira horrível. Pertence ao missionário encarregar-se da causa do oprimido; deve defender o fraco contra o que o maltrata... É preciso que ele saiba dominar-se e ser mestre de si mesmo para não cometer imprudências e irritar os espíritos em vez de procurar algum alívio para os desgraçados de quem toma a defesa. Lembre-se que o que deve ter em vista é o alívio dos males que sofrem estes infelizes e que, conseqüentemente, deve lançar mão de todos os meios que podem conduzir a este fim e evitar o que dele possa afastar; que ele recorra à autoridade, às palavras de ordem, às súplicas, à doçura, segundo o estado e as disposições dos opressores. Se tem muito ascendente, que lhes fale com energia, que censure as injustiças com dignidade...".

“ A missão
é o fim, mas
a vida religiosa
é o meio,
indispensável”

A maneira de testamento espiritual



Ao longo do ano de 1851, o P. Libermann troca várias cartas com Mons. Kobès, coadjutor do Vigário apostólico das Duas Guinés, Mons. Bessieux. Três meses antes da sua morte, 1 de Novembro de 1851, escreve uma longa carta que poderia ser o seu testamento apostólico e espiritual:

A sua atenção para com os missionários e o correio perdido entre a França e a Guiné.

"Sei com um profundo desgosto que está sem carta minha desde Outubro do ano passado; não sei a quem atribuir isto senão à maldade do demónio da Guiné que nos quer atormentar de todas as maneiras e procurar esgotar a nossa paciência e destruir o mais que pode a união de caridade que reina entre nós. Escrevi-lhe, não só uma carta mas já nem sei quantas. Nunca deixei uma carta sem resposta, nenhum assunto para trás. Desde o mês de Abril último, escrevi-lhe pelo menos três ou quatro cartas; a única carta a que devo resposta é a que chegou ainda não há dez dias. A perda destas cartas faz-me recear pelas que escrevi aos confrades, que talvez tenham tido a mesma sorte. Respondi a todos, excepto àqueles cujas cartas chegaram ultimamente, no fim do verão; queira preveni-los e dar-lhes a conhecer o vivo desgosto que sinto com esta miserável maldade do demónio.



A missão da Guiné,
uma obra de Deus.

A santidade do missionário.

Nas provações,
ficar de pé diante de Deus,
repousar só em Deus.

Fundação Cuidar o Futuro

"Quanto mais andamos, mais nos podemos convencer que a nossa querida Missão da Guiné é um obra de paciência, de abnegação, de doçura e de abandono a Deus. Monsenhor, se alguma vez o missionário teve necessidade de ser santo, nós devemos sê-lo, mais que qualquer outro. Se os missionários da Guiné não possuem um alto grau de santidade, tornar-se-ão juguete do demónio que tem tanto afincado em nos inquietar, atormentar em todos os sentidos e com toda a espécie de meios. Vejo agora mais que nunca que a nossa vida deve ser uma vida de total sacrifício: é preciso que cheguemos a uma tal abnegação de nós mesmos, nas pequenas como nas grandes coisas, que fiquemos impassíveis diante de tudo o que nos aconteça; é preciso contar com todas as penas, com todas as privações, com todos os sofrimentos, com dificuldades de toda a espécie, ficar de pé diante de Deus na paz, humildade, doçura e numa total confiança na misericórdia de Deus; não desesperar de nada, não nos exaltarmos com nada, moderando a nossa alegria nos sucessos e sendo pacientes nas adversidades; estar calmos em todas as coisas, como homens que repousam unicamente em Deus, que só fazem a obra de Deus, sem mais nenhuma satisfação; se somos bem sucedidos, alegramo-nos em Deus e por Deus porque ele cumpriu os seus desígnios, mas a nossa alegria é doce e calma; se temos contratempos, se paramos no nosso caminho...



Assegurar o progresso da palavra de Deus e a efusão da graça.

Deus quer-nos humildes e abandonados.

Bênção dos nossos trabalhos e santificação do missionário.

É difícil compreender o procedimento de Deus.



O seu desígnio de misericórdia sobre nós e sobre os pobres.

Caminho a seguir:
Levar uma vida simples no meio destes povos.

Caminho a evitar:
Um zelo apostólico não dependente da santificação do missionário.

"Não é para fazer observações que lhe digo isso, mas para desabafar consigo. Não acredito no efeito que em mim produz o trabalho do inimigo para fazer parar o progresso da palavra de Deus e a efusão da sua graça e sobretudo para associar defeitos e imperfeições no zelo e generosidade dos nossos queridos missionários.

"Penso muitas vezes diante de Deus no que nos aconteceu desde a origem desta santa Missão e vejo que Deus nos quer humildes, submissos em tudo à sua adorável vontade e inteiramente abandonados unicamente a Ele; para abençoar os nossos trabalhos é preciso que os nossos missionários se ocupem seriamente da sua santificação; só então Deus nos abençoará. Eis porque ele nos faz parar; quer amortecer o ardor dos nossos desejos e o entusiasmo da nossa actividade para que as nossas almas não se exaltem. Prova-nos com a dor, os sofrimentos e as contrariedades de toda a espécie, para que nos mantenhamos no nosso abatimento e nos santifiquemos pela paciência, a doçura e pelas práticas santificadoras da vida religiosa.

"O que me surpreende mais é que Deus nos tenha encarregado desta Missão da Guiné e nos tenha dado a todos um grande desejo de converter este país e, ao mesmo tempo, nos faça parar no nosso caminho e nos tire precisamente aqueles que pareciam ser os mais capazes de secundar os seus esforços e os meus. Entre aqueles que aprovou a Deus chamar a si desde há dez anos, há oito ou nove que poderiam ser excelentes superiores de casa e talvez de Missão, e só nos deixa os menos capazes... Que concluir deste procedimento de Deus? Ele nos mostrará os seus desígnios no tempo oportuno: aguardando, eu creio ver nisso que a divina bondade nos quer converter, fazer-nos ver o apreço que devemos ter de nós mesmos e que valor devemos dar à nossa pessoa.

Fundação Cuidar o Futuro

"Confesso-vos, Monsenhor, que não me aflijo com todas estas desgraças e contratempos que daí resultam, porque estou convencido que tudo tem lugar num desígnio de misericórdia sobre nós e sobre este pobre povo que estamos encarregados de evangelizar. Vem-me muitas vezes um pensamento que muito me tem preocupado: pensei muitas vezes que, se agradou a Deus tratar-nos duramente, é para nos castigar dos nossos pecados. Parece claramente querer que salvemos este país mais pela nossa própria santificação do que pelo nosso zelo; quero dizer que a santa vontade de Deus é que nos coloquemos no meio desta gente levando uma vida toda santa e pondo um cuidado particular na prática das virtudes sacerdotais e religiosas: a humildade, a obediência, a caridade, a doçura, a simplicidade, a vida de oração, a abnegação, etc. Isto deve ser objecto de todas as nossas preocupações e de nenhuma maneira impedirá o exercício do zelo apostólico, mas ao contrário dá-lhe mais consistência e perfeição. É o caminho que seguiram os santos religiosos que converteram a Alemanha e a Inglaterra, é esse que Deus quer que nós sigamos, é o único que atrairá as suas bênçãos; ora parece-me que alguns dos nossos queridos confrades se deixaram afastar deste caminho: cheios de ardor e generosidade, foram arrastados pela ideia do zelo; e esta ideia do zelo levou-os para as coisas exteriores, distraiu-os dos exercícios interiores e das virtudes da vida religiosa evangélica: a acção do clima, que agita e irrita a sensibilidade, tornando-os muito exteriores, devia naturalmente acrescentar a sua parte e torná-los nas mãos do demónio um instrumento para os afastar da vida perfeita.

À MANEIRA DE TESTAMENTO ESPIRITUAL

A vida religiosa está ao serviço da vida apostólica.

A missão é o fim mas a vida religiosa é o meio.

Sofrimentos do Superior.



Dirigir uma instrução aos missionários.

Provas na Guiana. Deus é o Senhor dos missionários e das suas obras.

"O que pôde dar lugar a este caminho falso, é uma ideia inexacta do seu estado. Estes pobres filhos, tendo deixado o seu país para serem missionários, conservaram sempre esta ideia: antes de tudo sou missionário; em consequência e sem disso se darem conta, não ligam muita importância à vida religiosa e entregam-se muito à vida exterior; é uma suposição que vos comunico. Pois bem! Se este pensamento é fundado, seria importante esclarecer estes caros confrades fazendo-lhes ver que, embora a Missão seja o fim, a vida religiosa é o meio "sine qua non" e que este meio precisa de ter toda a sua atenção e de ser objecto de todas as suas preocupações. Se são santos religiosos salvarão almas; se não o são, nada farão porque a bênção de Deus está ligada à sua santidade e a sua santidade depende unicamente da fidelidade às práticas da vida religiosa.

"Asseguro-lhe que passo por vezes momentos muito dolorosos, quando penso nos sofrimentos contínuos destes pobres filhos e na generosidade com que os suportam; convenço-me que haveria matéria para fazer grandes santos, se eles estivessem cheios do espírito das nossas regras, se fossem cuidadosos no trabalho da vida e das virtudes interiores e religiosas e que, faltando esta fidelidade ao espírito das nossas regras e a preocupação pela vida interior e religiosa, perdem um mérito imenso que seria um tesouro inesgotável para o pobre país que evangelizam, só são agradáveis a Deus a meias; isto dilacera-me imensamente o coração... No entanto, no fundo, todos os seus missionários são bons, e se tivessem este espírito religioso, interior, se trabalhassem com fidelidade na observância da regra e das práticas interiores, os seus defeitos diminuiriam. Creio que um dos pontos aos quais devem prestar mais atenção, é a agitação e irritação que o clima produz e sobretudo as febres frequentes.

"Vem-me um pensamento e comunico-lho, e você fará como lhe parecer bem e prudente; é que talvez fosse bom dirigir uma instrução aos missionários para lhes ensinar o que Deus deseja do seu zelo e da sua fidelidade. Nesta instrução você poderia apoiar-se nos sofrimentos e inquietações que lhe manifesto, referir as ideias gerais que lhe explico, os exemplos da Alemanha e Inglaterra que cito; applicá-los-ia às práticas, defeitos e faltas que conhece, segundo o que a prudência lhe sugere; concluiria com prescrições práticas para o interior e para a conduta exterior e com conselhos sábios, moderados e firmes; com isso os estimularia e só teria que manter o que tivesse prescrito. Seria sobretudo muito importante instruir bem os que estão à frente das comunidades, para que eles o secundassem no cumprimento das Regras, do espírito religioso, etc.

Deus provou-nos na Guiana como na Guiné. De três missionários que para lá enviei, agradou ao Senhor retirarnos, ao fim de três meses, o Superior, Padre Thoulouse... Deus seja bendito! Ele é o dono dos nossos homens como das nossas obras... Sou muito feliz por ter esta dor para lhe oferecer...

Seu pobre servo F. Libermann"

*Carissime, et nous en faisons tout l'objet, nous
généralment on le fait nous regardons le vœu comme
très important, et nous sommes véritablement l'origine en
de la règle de la vie. Des raisons de prudence nous ont mis
dans le devoir de laisser le libre arbitre à certains
oppositions qui nous ont imposé dans son commencement
de la part de certains pasteurs influents. Ceux qui ont dû bien
souvent y mettre fin, avant de faire leurs vœux ou leur con-
sécration ils parurent en disposer à leur gré, sans s'occuper
de la lettre à la Congrégation, on ne doit pas même leur imposer
un quelconque sacrifice après tout d'un favorable l'œuvre, et tout
le bien de la cause, on l'accepte avec reconnaissance, si la con-
dition dépendant qu'ils n'avaient pour cela aucune objection, si
par ailleurs, cette union est impossible pour conserver la pureté
d'intention des vœux et le bon état de la Congrégation.*

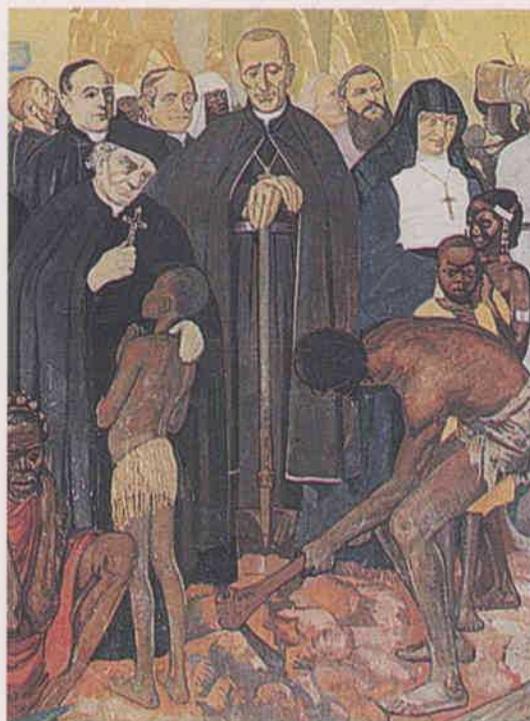
Il est la mission de la Guinée.

*Après mission de la Guinée et bien difficile d'avoir le vœu
sans avoir dans tout ce qui se fait par vous vœux de faire
fait de faire de ce genre d'effort on est toujours à la
glorie de Dieu par leur zèle et leur amour, c'est cette malheureuse
mission qui a été de nos pères, finissant, il y a 15 ou 20 ans
d'années, et par suite plus, par suite, et cela par suite, les gens qui
fut de mission, pour ce qui domine bien d'être à un jour aban-
donner tout vœux, il faut persévérer des vœux offerts et con-
fiance pour garantir le vœu des missionnaires et travailler effec-
tivement à l'œuvre pour occuper de cette importante affaire et pour
proposer vos vœux au Cardinal préfet de la Congrégation de vœux
des vœux, mais nous n'avons pas de doute de travailler dans le grand
esprit de l'œuvre, et les vœux sont et nous sommes certains.*

*Vous nous avez écrit un cas de l'histoire à la mission, nous sommes
très obligés de vous en avoir, qui regardent à un vœu de mission.
D'être un missionnaire, vous en avez de vœux à l'œuvre de mission
et de vœux de mission, et tout cela dépend de la lettre, et
il y a de vœux de mission de la lettre, et de vœux de mission de vœux
de mission de mission, un cas de vœux de mission, un grand cas de
mission de mission, et cela pour la lettre, un vœux de mission, etc.*

Extracto duma carta manuscrita do P. Libermann.

Consolidação e novas implantações



Estar enraizado
para assegurar
o envio em missão

De 1842 a 1852, sob a direcção do P. Libermann, partiram para a África 47 espiritanos; 20 morreram; 15 regressaram definitivamente a França; 12 continuaram a sua missão na África. Para assegurar o seu serviço missionário, a Congregação deve providenciar o recrutamento de vocações, a sua formação e o que é necessário para poderem viver num país de missão. O clima e as febres abalam a fundação das primeiras missões; de treze, sete são fechadas rapidamente por falta de alternativa. O P. Schwindenhammer, sucessor do P. Libermann, atrasa o envio de missionários para a África, para que a Congregação se possa consolidar na França e depois alargar a sua implantação na Europa. Os espiritanos da África pedem confrades que a Congregação lhes vai dando gota a gota. Mons. Kobès renova sem sucesso os seus pedidos de missionários junto do P. Schwindenhammer; protesta contra a diversificação das obras em França. Depois de 1850, a Congregação é internacional na Europa e novamente envia missionários para a África.





França

Ao longo dos dez primeiros anos do seu superiorato, o P. Schwindenhammer consolida a Congregação em França. Abre obras de educação e obras sociais: colégios-seminários, orfanatos, escolas de aprendizagem.

Departamentos franceses do ultramar

Desde 1851 que os espiritanos abrem colégios, asseguram obras de caridade e servem paróquias na Martinica, Guadalupe, Guiana e Reunião.

Irlanda

O P. Libermann pensou numa fundação na Irlanda. Mas quando soube que John Hand fundou um seminário em All Hallows para as Missões, abandona o seu projecto. No entanto recebe o primeiro irmão irlandês em 1849.

Em 1859, os espiritanos fundam o colégio de Blanchardstown que é transferido para Blackrock no ano seguinte. Um segundo colégio-seminário é fundado em Rockwell em 1864.

Alemanha

O próprio Libermann vai à Renânia e acolhe 7 aspirantes alemães. Em 1864, os espiritanos adquirem a abadia de Mariensthatt e um antigo convento franciscano, muito próximo da abadia em Marienthal. Abrem um colégio-seminário, um noviciado, escolas para jovens com dificuldades escolares; asseguram também o serviço paroquial, dois santuários e de cerca de vinte aldeias dos arredores. Depois da guerra em 1870, Bismarck expulsa os espiritanos da Alemanha.

Austrália

Um primeiro grupo de missionários do Sagrado Coração de Maria permanece no Sudoeste do país, de 1845 a 1849. Por dificuldades com o bispo local, deixam a Austrália. Os espiritanos abrem um colégio em Ballarath, mas de novo abandonam a Austrália três anos mais tarde.

Trindade

Os espiritanos abrem um colégio em 1863.

Haiti

Em 1865, o arcebispo de Port-au-Prince pede aos espiritanos para abrirem o colégio-seminário Saint-Martial.

Portugal

Em 1867, os espiritanos abrem um colégio-seminário em Santarém, que transferem para Gibraltar. Em 1872, abrem o Colégio do Espírito Santo em Braga, com seminário anexo.

Estados Unidos

Vários antigos alunos do Seminário do Espírito Santo vieram para a América. Integrando-se na Congregação, os membros do Sagrado Coração de Maria estendem-se ao continente americano. Durante uma vintena de anos, o P. Schwindenhammer é solicitado para que os espiritanos se instalem nos Estados Unidos. A seguir à sua expulsão por Bismarck, quatro confrades alemães expulsos são enviados para o Estado de Ohio em 1875.

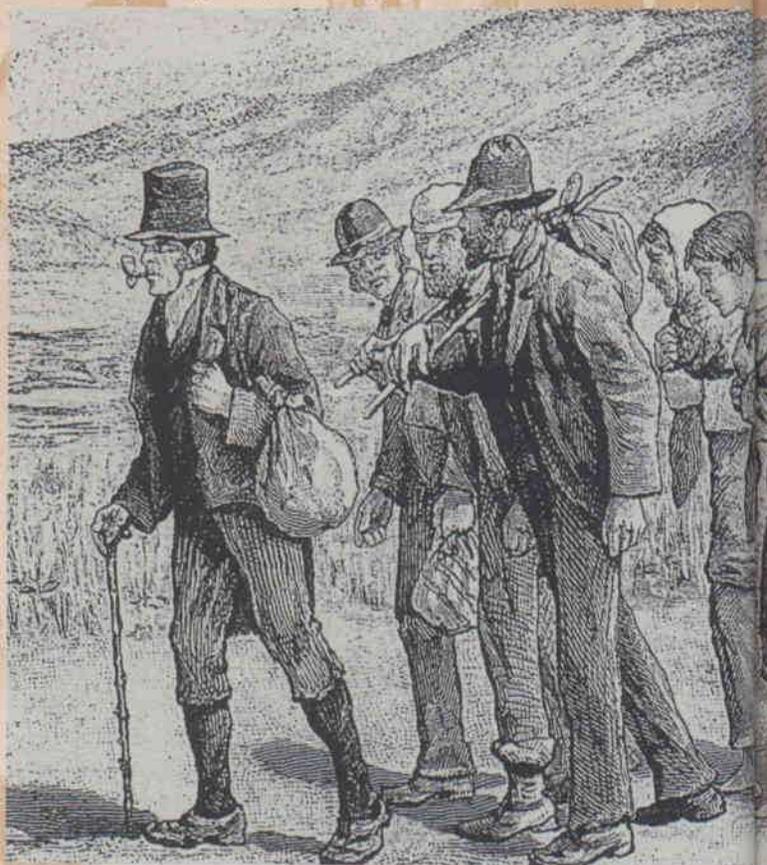
Brasil

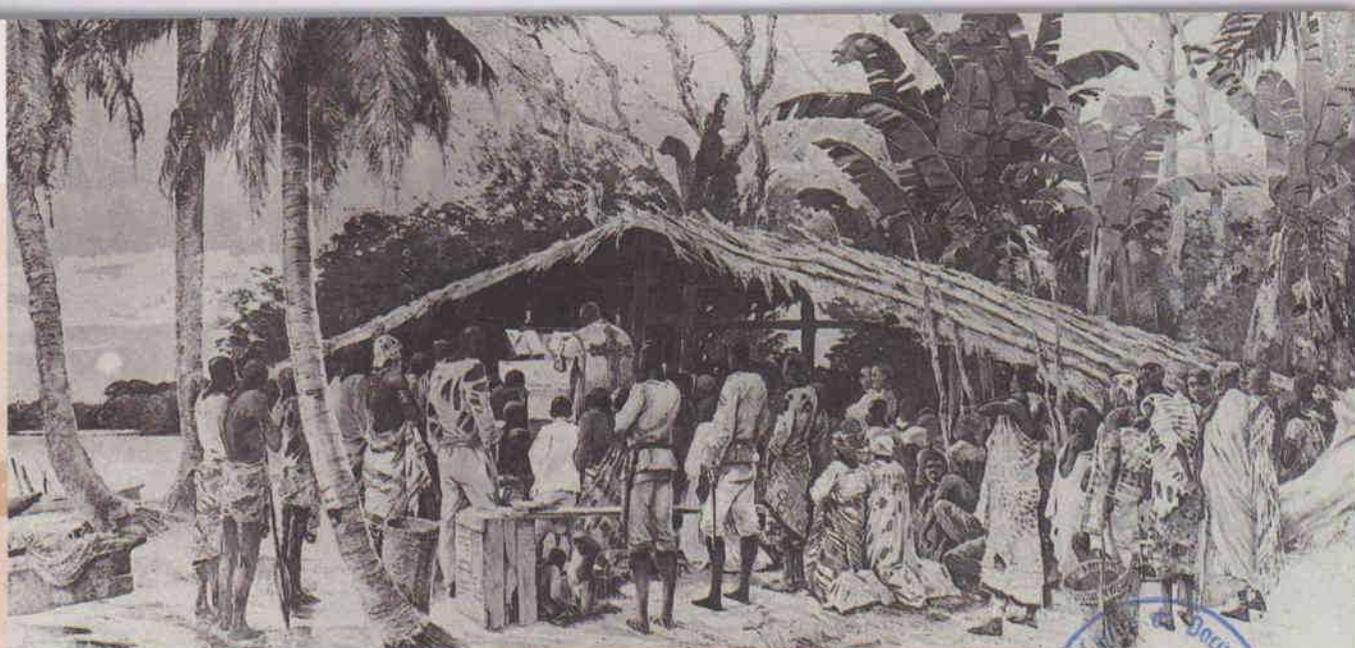
A pedido de Mons. Macedo, bispo de Belém do Pará, (toda a região da Amazônia), os espiritanos aceitam a direcção do seminário menor de Santa Maria de Belém, a 6 de Fevereiro de 1885.

Fim da presença espiritana na Ásia

Depois da Revolução Francesa, a Prefeitura Apostólica de Pondichéry é confiada aos espiritanos em 1828. A Congregação abre o colégio de Pondichéry e a escola técnica de Chandernagor. As Missões estrangeiras de Paris recebem esta Prefeitura Apostólica em 1886 e os espiritanos retiram-se em 1888. Em resposta ao pedido dos bispos do Paquistão, a Congregação volta para a Ásia em 1977.

Emigração de famílias irlandesas durante a grande fome (1845-1848).





Celebração da Missa numa choupana-capela do mato.



Evangelização na África

Desde o começo do seu apostolado, Mons. Bessieux e Mons. Kobès procuram penetrar no interior do Gabão e do Senegal. As primeiras experiências para fundar novas missões fazem-lhes tomar consciência das dificuldades de comunicação e de abastecimento. A missão no interior exige tempo. O seu desenvolvimento depende da seriedade da sua preparação a partir das grandes fundações costeiras: Dacar, Libreville, Lândana, e Zanzibar na costa oriental da África.

Expansão missionária

Os espiritanos enviados para o Senegal e o Gabão "cuidam muito particularmente da educação da juventude e da mais perfeita civilização que possamos dar a estes povos". Os fundadores das principais missões nas Costas africanas abrem centros de formação quer para os professores e os catequistas, quer para os agricultores e operários, quer ainda para a formação do clero autóctone.

Fundação Cuidar o Futuro Gâmbia

Antiga colônia britânica da África de Oeste, os espiritanos chegam a Banjul depois de 1849.

Serra Leoa

Protectorado britânico, onde chegam os espiritanos em 1864. De lá espalham-se: pela Guiné e abrem a missão de Boffa em 1877; pela Libéria em 1884, mas depois de três anos vêm-se obrigados a retirar-se; pela Nigéria, onde abrem a primeira missão da região do Baixo Níger em 1885.

Angola

Mons. Moreira Reis, bispo de Angola e Congo, é visitado pelo vigário geral de Mons. Bessieux. Pede ajuda aos espiritanos que respondem ao seu pedido. Em Março de 1866 chega a Angola uma primeira equipa de missionários; fundam a missão de Lândana em 1873: horta e plantações, escola e internato para os filhos dos chefes, os mestiços e "as crianças libertadas da escravidão pela missão". De lá principiará a Missão do Congo.

Zanzibar

Zanzibar é um território missionário ao longo do litoral da costa oriental da África com 3000 km. Em 1862, "duas obras preparatórias para facilitar a abertura doutras estações missionárias" são abertas em Zanzibar, conhecido pelo seu mercado de escravos, e no Bagamoyo: construção, educação, resgate de jovens escravos, orfanato para meninas, noviciado indígena. A primeira missão no interior é fundada em Mhonda em 1877, com a criação dum centro agrícola.





Fundação Cuidar o Futuro

*Árvore da vida. Cristo resuscitado está sentado ao centro e segura o mundo nos seus braços em cruz.
Pintura de Loti Sabi, artista cristão indiano.*

Na aurora do século XX, escravatura e colónias

A missão
vvida
sob o regime
colonial imposto
à África

Expansão da Igreja católica no século XIX

A retomada das Missões nos meados do século XIX, a condenação da escravatura pelo Papa Gregório XVI em 1839, a criação de dioceses nos territórios missionários com um clero indígena em 1845, as actividades da Propagação da Fé e dos novos institutos missionários dão origem à expansão da Igreja católica na Oceania, África, Ásia e América Latina.



Tratado de Berlim e partilha da África

No fim do século XIX, o continente africano é cobiçado pelos países europeus. Os seus responsáveis organizam a "Conferência de Berlim" (1884-1885) para "regular as condições mais favoráveis para o desenvolvimento do comércio e da civilização em determinadas regiões da África".

A França, Inglaterra e Alemanha são as principais beneficiárias da colonização africana. "A Acta de Berlim" cria novas condições de existência e de acções para os missionários.

"Todas as potências, exercendo direitos de soberania ou uma influência nos ditos territórios, comprometem-se a velar pela conservação das populações indígenas e a melhorar as suas condições morais e materiais de vida e a concorrer para a supressão da escravatura e sobretudo do tráfico de negros; protegerão e favorecerão sem distinção de nacionalidades e de cultos, todas as iniciativas e empresas religiosas, científicas ou caritativas, criadas e organizadas para estes fins ou visando instruir os indígenas e fazer-lhes compreender e apreciar as vantagens da civilização.

"Os missionários cristãos, os sábios, os exploradores, as suas escoltas, haveres e colecções serão igualmente objecto duma protecção especial.

"A liberdade de consciência e a tolerância religiosa são expressamente garantidas aos indígenas como aos nacionais e aos estrangeiros. O livre e público exercício de qualquer religião, o direito de construir edifícios religiosos e de organizar missões pertencendo às diversas religiões, não serão submetidos a nenhuma restrição ou entrave".

Artigo 6 da Acta de Berlim (1885).

As relações comerciais entre os países colonizadores e as colónias modificam em parte a vida e a presença dos missionários. Dão-lhes certas facilidades como o transporte marítimo e todas as suas vantagens: viagens, transporte de correio e mercadorias, etc. Roma aproveita este movimento, associando colonização, civilização e missão; mas o Papa Leão XIII tem também receio de ver as missões depender dos países coloniais.

Leão XIII, o fim da escravatura

Um ministro do Brasil, Sousa Correia, visita Leão XIII em nome do imperador, em Janeiro de 1888. O Papa diz-lhe: "desejariamos dar ao Brasil um testemunho muito particular do nosso paternal afecto, acerca da emancipação dos escravos..."

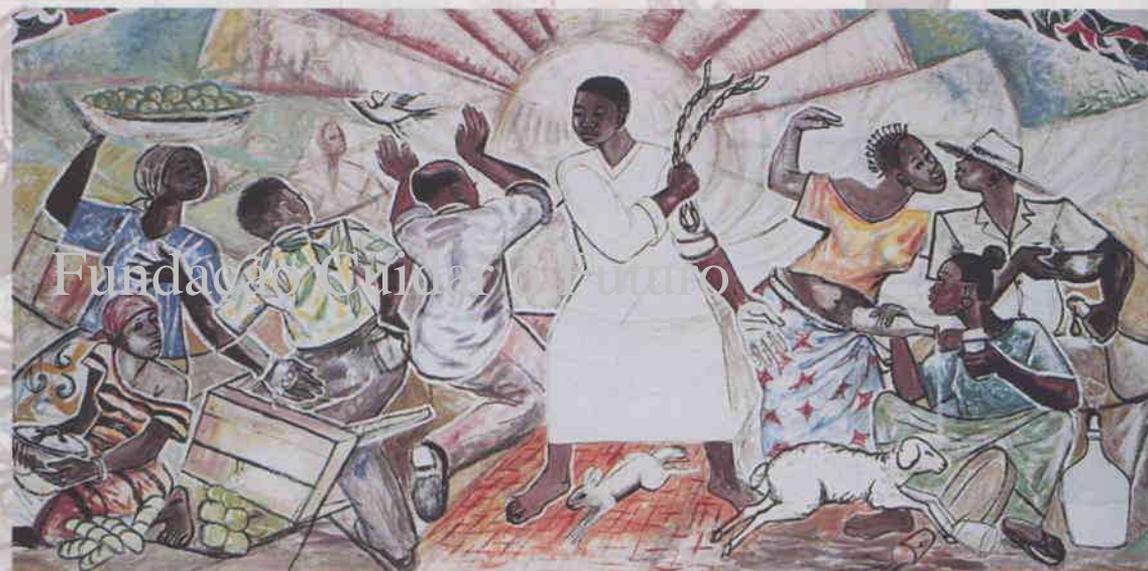
Quatro meses mais tarde, Leão XIII dirige a sua encíclica "In plurimis" aos bispos do Brasil, a 5 de Maio de 1888. Escreve ele:

"A liberdade foi legalmente dada a um grande número daqueles que, no vasto território deste império, gemiam sob o jugo da escravidão..."

O Brasil é o último país a legislar a abolição da escravatura em 1888. Mas, na prática, a escravatura continua. Numerosos missionários centram então o seu apostolado sobre o acolhimento dos escravos, crianças e adultos, resgatados ou refugiados, maltratados ou expostos ao perigo de serem mortos.

Leão XIII, a colónia e as missões

Leão XIII reforça a autoridade e o serviço da Congregação da Propaganda. É ela que dirige a actividade missionária da Igreja. A sua opção prioritária é a missão entre os pagãos e a criação de novas dioceses. Prepara uma gestão financeira para as missões. Enfim, concretiza a



Se o ignóbil tráfico de seres humanos acabou verdadeiramente no mar, é ainda largamente praticado em terra, e com muita crueldade, particularmente em certas regiões da África... É do Egipto, do Zanzibar e em parte também do Sudão que partem estas abomináveis expedições: os homens amarrados com cadeias são obrigados a percorrer um longo caminho, sustentados apenas por um alimento miserável e tratados só à pancada; os que não podem aguentar são votados à morte; os que sobrevivem são condenados a ser vendidos como rebanhos e expostos a compradores cruéis e cínicos. Todos os que são assim vendidos e entregues, são obrigados à separação deplorable da mulher, filhos, pais, e o patrão, como coisa que lhe pertence, obriga-os a uma escravatura muito dura e abominável..."

fundação de novas igrejas com a preocupação de formar um clero indígena. Roma impõe assim um novo modelo missionário.

Aldeia da liberdade

A partir de estações missionárias fundadas nas costas ocidentais e orientais da África, os missionários começam a evangelização dos territórios. Uma das suas actividades ao longo da segunda metade do século XIX é o resgate e o acolhimento dos escravos. Com eles criam as aldeias da liberdade. A aldeia da liberdade acolhe rapazes, moças, homens e mulheres que vêm pedir protecção por um tempo mais ou menos longo, porque se sentem ameaçados.



Se queres
a paz,
procura
a justiça.
Jesus expulsa
os vendilhões
do Templo.

Na aldeia da liberdade começa uma vida nova. A aldeia é feita de casas construídas segundo um plano de alinhamento. Cada família tem a sua casa construída de adobes, coberta de palha, uma pequena horta contígua e no exterior da aldeia as culturas. Várias têm criação de animais domésticos: cabras, galinhas. A aldeia da liberdade é a aprendizagem de novos princípios de vida, de ordem nas relações, de moral e de autoridade. "Aqui é a aplicação do direito à liberdade".

A libertação da escravatura transforma todas as relações humanas. Os novos resgatados abandonam, pouco a pouco, o temor do patrão e das suas sevícias como também o temor do feiticeiro que aplica o veneno da prova. Descobrem uma liberdade que nunca tinham conhecido, assim como a sua dignidade. Neste tempo dizer "civilizar" a vida dos Negros, é falar destas realidades através das quais se faz a reabilitação da vida humana.



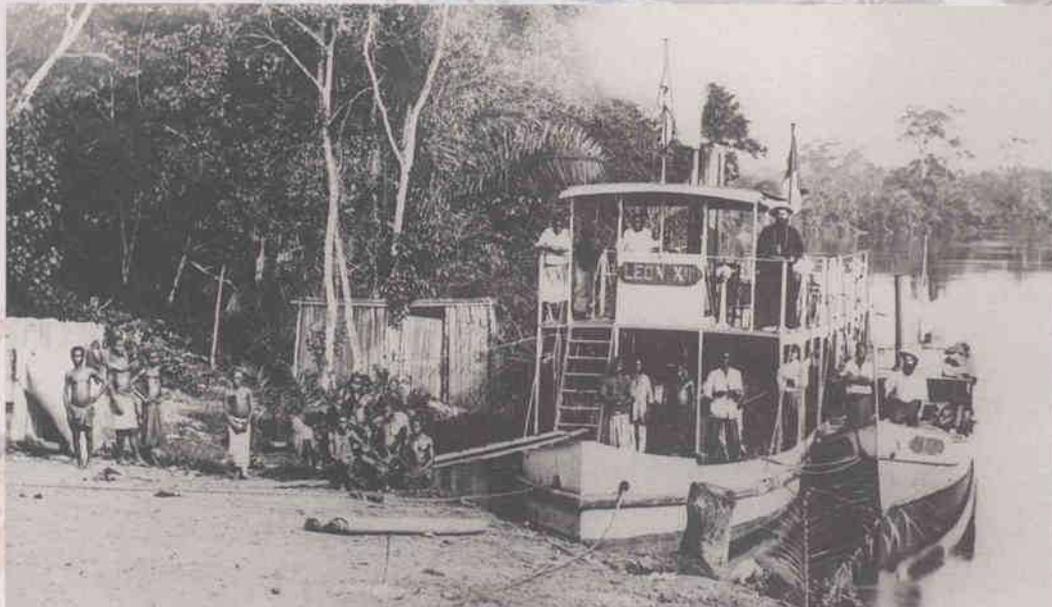
Aldeia da liberdade, missão de Santa Isabel no Vicariato Apostólico de Loango, Congo.

rioridade da civilização europeia. A maior parte das vezes os missionários vêm de países colonizadores para países colonizados. O estado colonial impõe o seu governo aos africanos. Impõe a sua supremacia, tanto pelos seus administradores e militares, como pelos missionários.

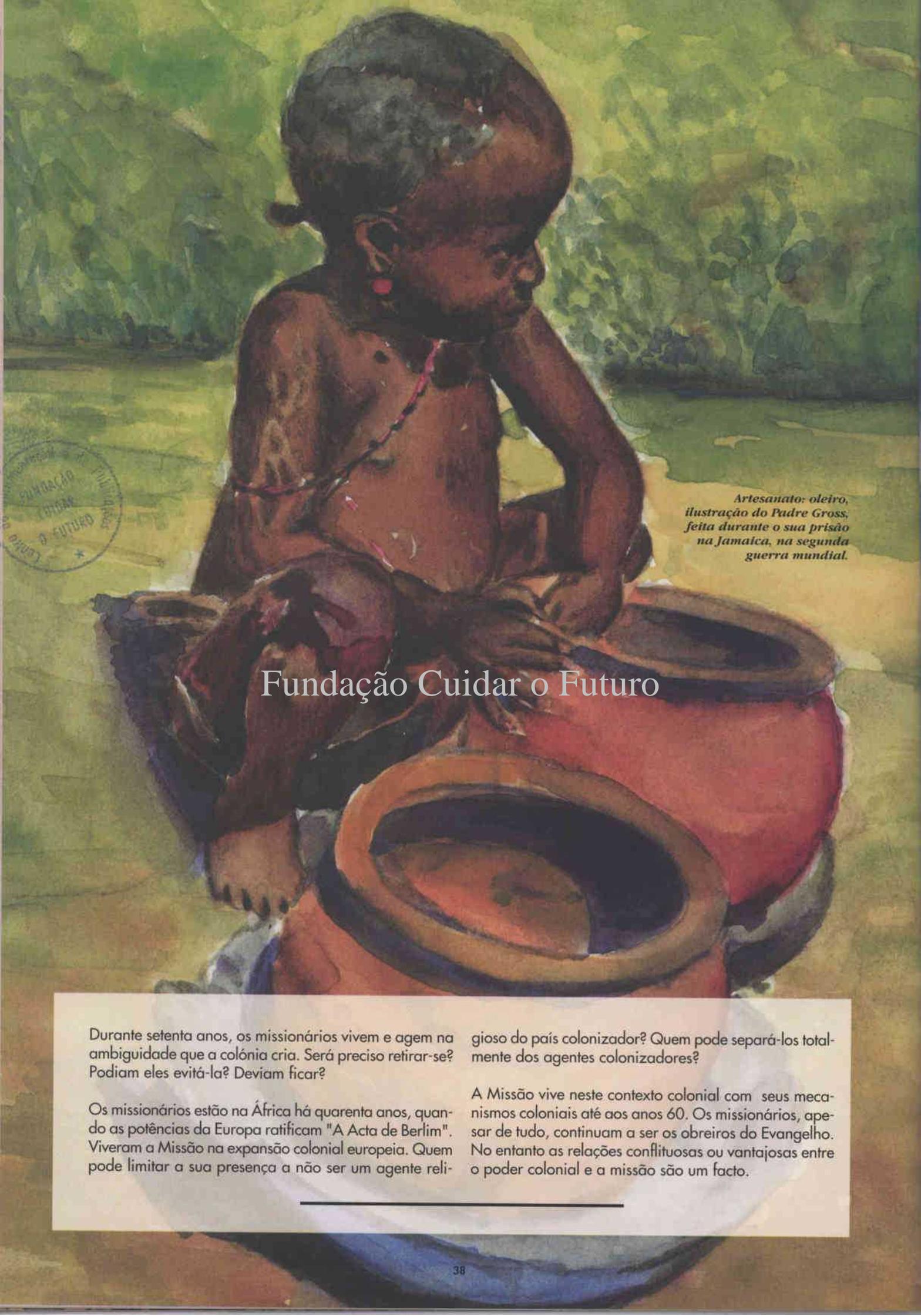
Ao longo deste período colonial, os espiritanos, geriram com mais ou menos justiça esta dependência e autonomia dentro do regime colonial. O estado colonial impõe a sua língua; os missionários aprendem as línguas locais; utilizam-nas visitando as clínicas e traduzindo as orações, os cantos religiosos e os catecismos. Os colonos fazem comércio para seu proveito; os missionários fundam centros de aprendizagem profissional para iniciar os africanos nas novas técnicas. Muitas vezes os colonos usam e abusam da população autóctone; a missão denuncia as suas injustiças, os costumes e a corrupção da colónia.

Setenta anos de missão sob o regime colonial

Este movimento colonial dos Estados europeus favorece e serve a missão durante mais de setenta anos. A colonização abre o interior da África aos missionários. Os estados colonizadores convidam mesmo os missionários cristãos a instalar-se nos seus territórios coloniais. Colonos e missionários fundam escolas e hospitais. Partilham uma mesma convicção: a supe-



O "Leão XIII", barco a vapor da missão, navegando no rio Congo em 1899.



Artesanato: oleiro, ilustração do Padre Gross, feita durante o sua prisão na Jamaica, na segunda guerra mundial.

Fundação Cuidar o Futuro

Durante setenta anos, os missionários vivem e agem na ambiguidade que a colônia cria. Será preciso retirar-se? Podiam eles evitá-la? Deviam ficar?

Os missionários estão na África há quarenta anos, quando as potências da Europa ratificam "A Acta de Berlim". Viveram a Missão na expansão colonial europeia. Quem pode limitar a sua presença a não ser um agente reli-

gioso do país colonizador? Quem pode separá-los totalmente dos agentes colonizadores?

A Missão vive neste contexto colonial com seus mecanismos coloniais até aos anos 60. Os missionários, apesar de tudo, continuam a ser os obreiros do Evangelho. No entanto as relações conflituosas ou vantajosas entre o poder colonial e a missão são um facto.

Perturbações políticas e novas fundações



Uma política anticlerical

Em 1901, o governo francês obriga todas as congregações religiosas a apresentar-lhe a lista das suas casas e obras. O Conselho de Estado afirma que a Congregação do Espírito Santo deixou de existir em 1845. E a

fundação do Sagrado Coração de Maria do P. Libermann não tem reconhecimento legal. Este aviso traz consigo a dissolução da Congregação em França e o envio dos seus membros para as suas dioceses de origem.

Eleito Superior da Congregação em 1896, Mons. Le Roy, declara-se alto e bom som o quarto sucessor do P. Libermann. O seu secretário-arquivista, o P. Barillec, descobre que ele é, legalmente o décimo quinto Superior Geral da Congregação do Espírito Santo. Mons. Le Roy redige uma declaração para o Conselho de Estado. Inclui documentos justificativos que legalizam a existência da Congregação segundo o Direito francês. Esta nova documentação mostra que o Conselho de Estado tinha uma informação incompleta sobre a Congregação quando tomou a decisão de a dissolver. Com um voto de maioria, o Conselho de Estado anula a decisão e declara que a nova documentação apresentada por

Mons. Le Roy, estabelece que: "a Congregação do Espírito Santo nunca deixou de existir e que consequentemente deve ser considerada como uma associação religiosa legalmente autorizada".

Novos conflitos

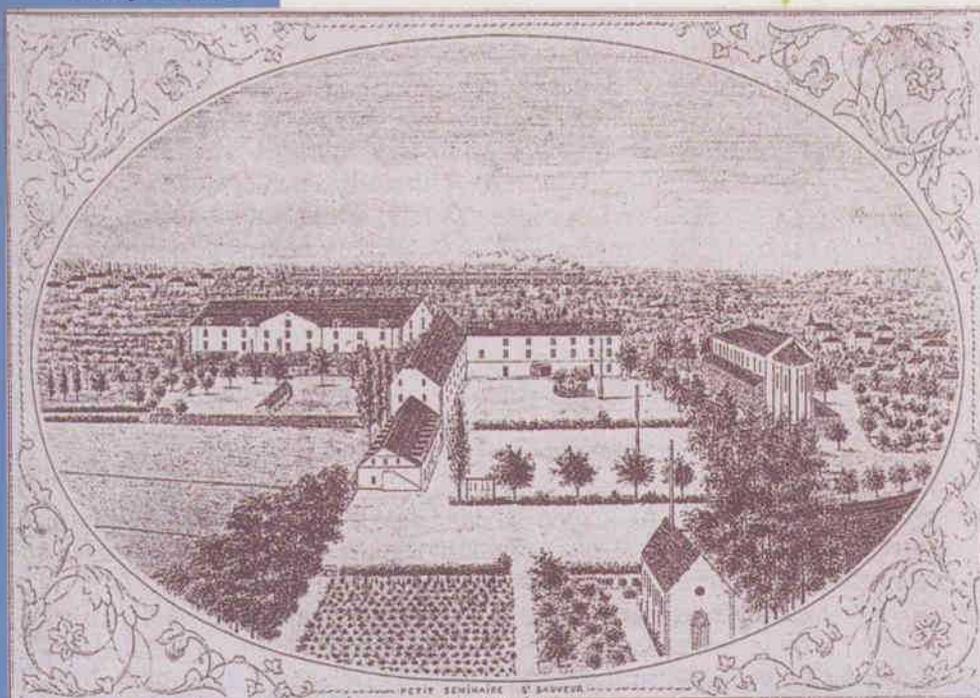
A Congregação, legalmente reconhecida, é de novo perseguida por causa das suas obras educativas. Um novo ministro para os Assuntos religiosos, antigo seminarista anticlerical, Émile Combes, ordena o encerramento das escolas e colégios, estabelecimentos "não autorizados" dirigidos por congregações católicas "autorizadas". Mons. Le Roy pede uma autorização para doze estabelecimentos educativos ou caritativos dirigidos pelos espiritanos na França. Este pedido é recusado em Novembro de 1903. Por esta nota de perseguição contra a Igreja, Mons. Le Roy escreve:

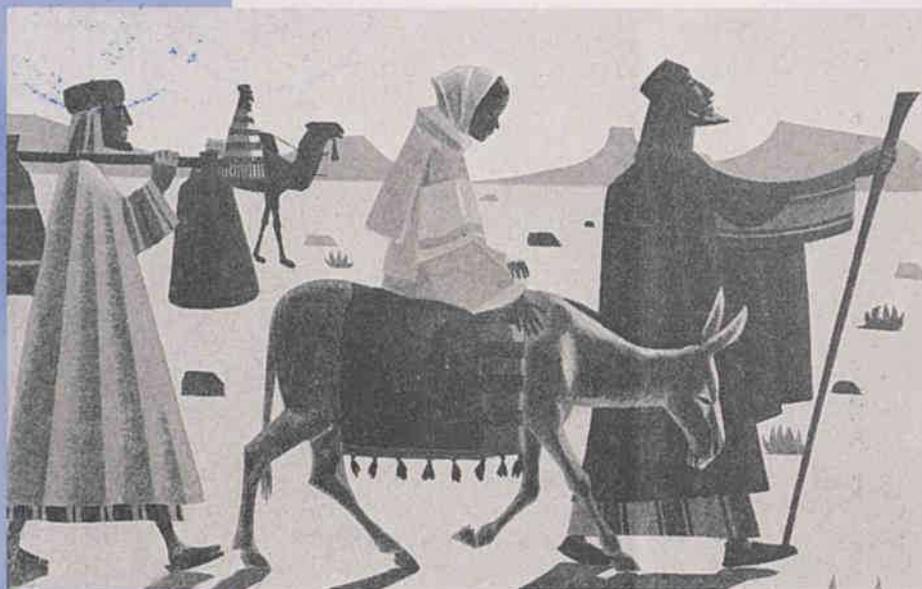
"Vemos doze das nossas casas fechadas ao mesmo tempo, com perto de 300 padres e irmãos, dos quais uma centena de idosos e doentes, e mais de 1500 crianças e rapazes".

Em 1905 o Governo francês decreta a separação da Igreja do Estado. A lei estende-se também às colónias e implica o encerramento do Seminário do Espírito Santo.

Durante a primeira guerra mundial, são mobilizados muitos religiosos. Partilham com os soldados o mesmo destino e os mesmos horrores desta guerra. Estabelecem-se laços de solidariedade entre os que perma-

Seminário Menor de S. Salvador, em Célule, no Puy-de-Dôme.





da Irlanda. Entre os cabeças deste movimento de libertação está um antigo aluno de Rockwell e um outro de Blackrock. Blackrock torna-se um dos focos da causa irlandesa. O colégio é objecto de buscas.

Nascimento de novas Províncias

As perseguições religiosas e os pedidos de missionários, levam Mons. Le Roy a internacionalizar mais a Congregação. No princípio deste século XX, seis novas províncias são fundadas: Bélgica, Holanda, Inglaterra, Canadá, Suíça e Polónia.

necem fiéis e eficazes. A seguir à guerra, o Governo retoma a aplicação das "leis laicas" e quer obrigar a um novo exílio os religiosos da França. Mas é imediatamente confrontado com a resistência dos antigos combatentes. A perseguição religiosa francesa acalma e as congregações implantam-se de novo.

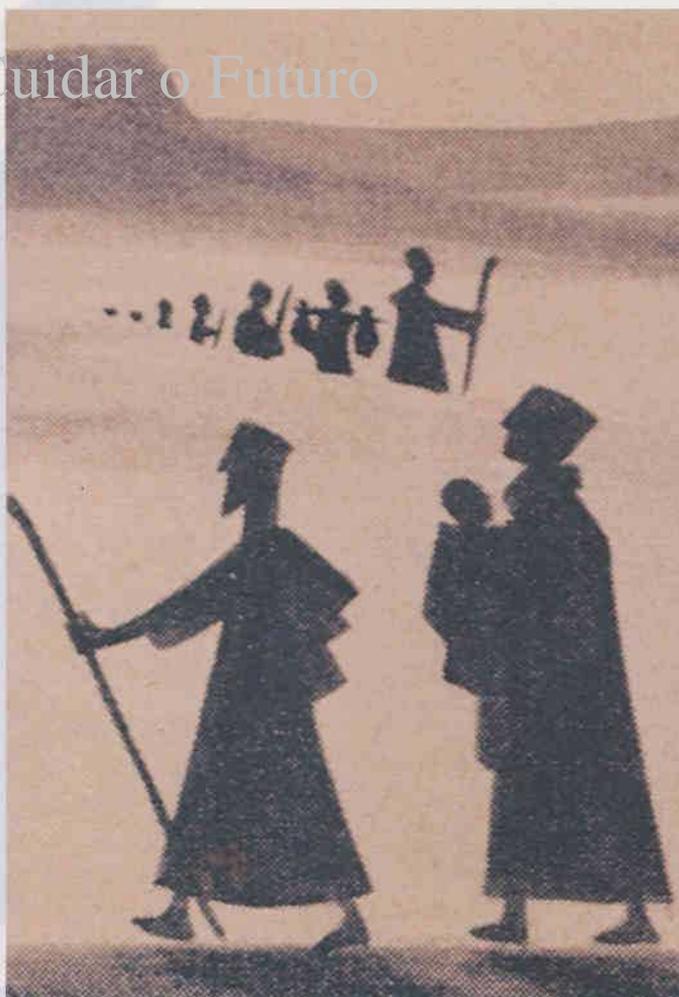
Revolta da Páscoa na Irlanda

Em 1916, os opositores insurgem-se contra a tutela britânica e reivindicam a independência

Fundação Cuidar o Futuro

Revolução portuguesa

A seguir a 1901, o Governo português encerra um ou outro mosteiro ou convento. Os espiritanos portugueses vão ser atingidos. Depois do assassinato do rei D. Carlos, em 1908, todos temem uma revolução que aconteça de facto a 5 de Outubro de 1910. As comunidades religiosas dispersam-se, são seladas as suas propriedades e os bens confiscados. Em 1911, há em Portugal a lei da separação da Igreja do Estado. A Província de Portugal arruína-se. Os espiritanos restauram-na, aos poucos, durante dez anos. Em 1923, o Governo outorga-lhe um subsídio anual em virtude de formar os futuros missionários para Angola.



A Catedral do « Memorial Africano »



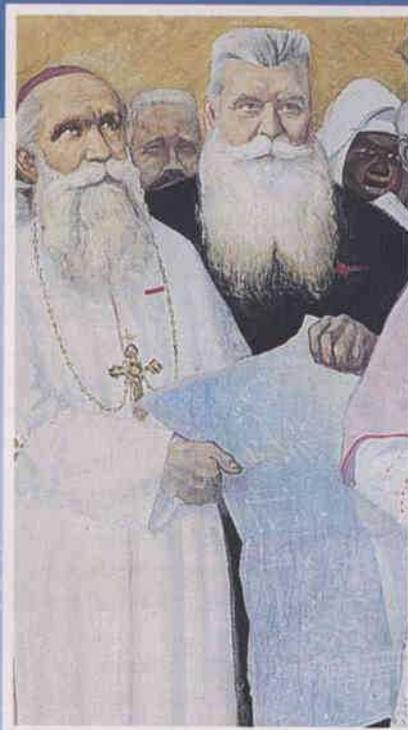
As causas
que avançam
são aquelas
pelas quais
se morre.

A causa
de Deus
é uma dessas.

Daniel Brottier

Em 1846, os espiritanos fundam um posto missionário em Dacar, Senegal. Setenta anos mais tarde, Mons. Jalabert, bispo da Senegâmbia, manda construir uma catedral para a Glória de Deus e memória dos missionários que deram a sua vida pela África: a catedral do "memorial" africano.

Um símbolo
do enraizamento
da Igreja



"O nascimento da Igreja neste país e o seu desenvolvimento faz-nos sentir que Deus nunca nos faltou com a sua Providência. A coragem e generosidade dos missionários, que foram os nossos pais na fé, são dignas de admiração".

Não é difícil aperceber-se do testemunho dos missionários ao visitar os seus túmulos dispersos e ao abandono. Não é difícil descobrir a sua obra ao celebrar a missa num humilde barracão, levantado na época da segunda evangelização em terra africana. Como esquecer a obra de

A missão é obra de Deus construída em pedra pelas mãos dos missionários. O dram da sua vida, a sua integração numa cultura que lhes é estranha, a sua santificação e zelo apostólico produziram muito fruto. O seu testemunho e o trabalho com os mais abandonados, deram um rosto humano a Jesus Cristo, Irmão de todos. A sua implantação e as suas obras educativas e sociais contribuíram para o desenvolvimento integral de cada um. Com as suas provações, doenças e morte, partilharam as dos homens e mulheres que evangelizaram.

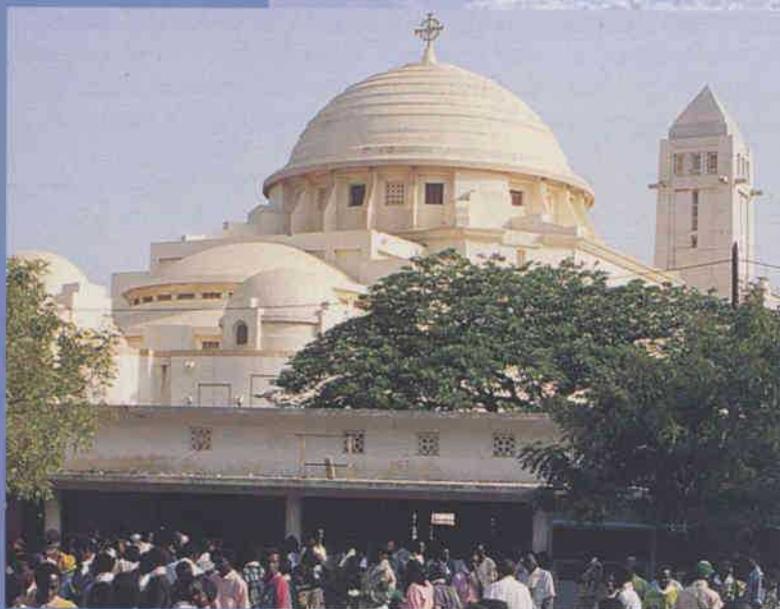
Deus realizada pelos predecessores? - pensa o novo bispo da Dacar, Mons. Jalabert. Aparece o projecto do "memorial africano de Dacar". Em 1912, pede a um jovem espiritano, o P. Brottier:

"Sente-se à altura de erguer um templo ao Senhor? A sua saúde interdita-lhe no futuro esta África que tanto ama, mas em Paris pode trabalhar imensamente pela África. Tem de empregar muitos esforços, para organizar em toda a França subscrições, vendas de caridade, conferências, para suscitar entusiasmo e generosidade, numa palavra, recolher fundos para nossa futura catedral".

Os planos da catedral são traçados, mas a primeira guerra mundial faz parar os trabalhos. Mons. Jalabert morre afogado, com outros quinze espiritanos, no naufrágio do navio "Afrique" em Janeiro de 1920. O "memorial africano" é consagrado a 2 de Fevereiro de 1936, algumas semanas antes da morte do P. Brottier. Envia uma das suas últimas mensagens:

"A respeito de Dacar, posso afirmar-vos, nem um só momento pensei na glória humana. É preciso ver em tudo o amor de Deus".

Em Dacar, a Catedral do "memorial" africano.



Fundação Cuidar o Futuro

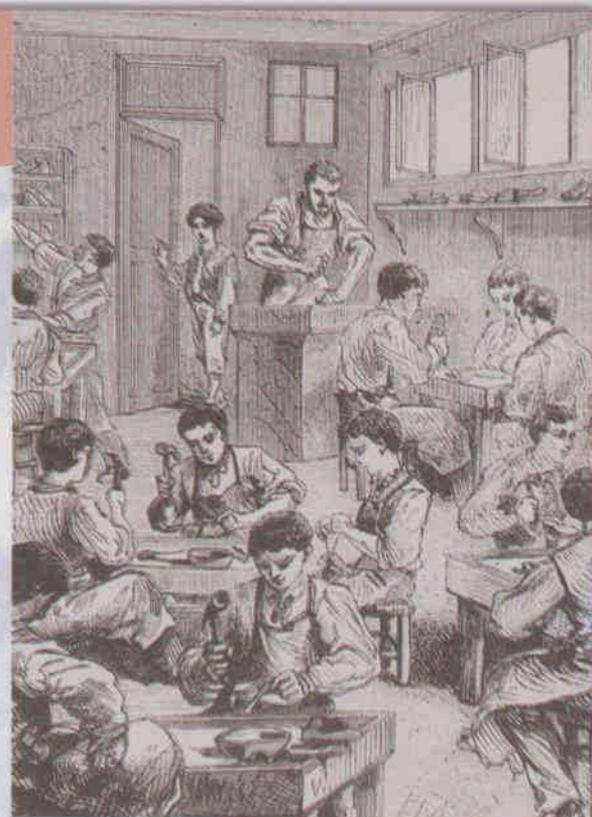
do um último abrigo para aí dormir atrás dos cestos de legumes. Preso, levado ao posto, transferido para a prisão da polícia, este garoto das ruas de Paris foi levado ao tribunal da polícia correcional. Conta a sua história, simples e igual a tantas outras: "o seu pai tinha partido, não sabia para onde; a mãe tinha-se juntado com um operário que, julgando que a criança era onerosa para alimentar, põe-na à porta dizendo que um homem deve ganhar a sua vida. O pobre errava há dois meses, apanhando por aqui e por ali umas moeditas abrindo a porta dos coches à saída dos teatros, comendo não se sabe como, dormindo por toda a parte excepto numa cama, permanecendo honesto e defendendo-se contra toda a tentação. Segundo o Código penal, os juizes deviam condená-lo por vagabundagem. O garoto diz aos juizes: "durante dois meses, eu vivi comendo troços de couves e dormi ao ar livre para

não roubar, e vocês vão-me prender como um ladrão. Onde está a vossa justiça?"

"Isto causou viva impressão no tribunal; adiou-se a decisão do julgamento por oito dias, suscitando a atenção de pessoas benfeitoras para esta criança que não tinha cometido outro crime senão de não ter idade para poder trabalhar.

"O apelo foi ouvido; este garoto contra sua vontade foi posto a aprender e tornou-se um bom operário. Esse, ao menos, foi salvo; mas quantos se perderam para sempre, por não terem encontrado à beira do abismo uma mão que os afastasse e os metesse no bom caminho".

Famílias desfeitas, crianças abandonadas, resultado duma sociedade fracturada. A decadência familiar e social leva os filhos ao erro e à miséria. Nos países pobres, as crianças são as primeiras vítimas.



Aprendendo a arte de sapateiro.

Daniel Brottier em Auteuil

Fundação Cuidar o Futuro

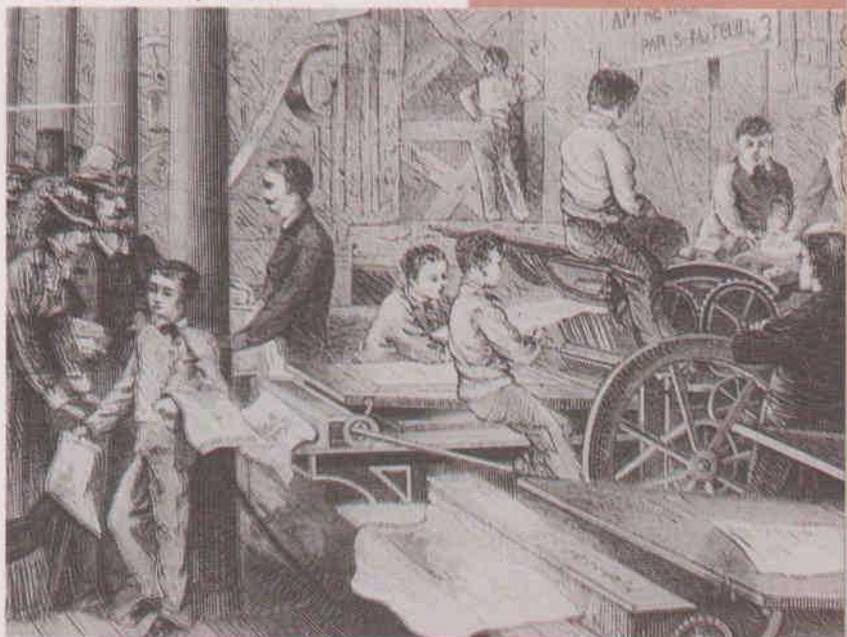
O P. Brottier assume a direcção da *Œuvre des Enfants Apprentis de Auteuil* em 1923. Dirige-a até à sua morte em 28 de Fevereiro de 1936. Vive no meio das crianças abandonadas. Recebe-as, escuta-as e muitas vezes no seu coração só lhes responde com a sua oração interior:

"Infelizes crianças, repete ele. Quanta tristeza nestas duas palavras! Como eu queria partilhar a emoção que me constrange quando, todos os dias e várias vezes ao dia se apresentam estas pobres crianças que não posso ver chegar sem que, apesar do hábito, os meus olhos se encham de lágrimas.

"Infelizes crianças, pobres vítimas da sorte! Desgraças imerecidas, desgraças impotentes de infelizes garotos que ninguém pode acolher porque a carga é muito pesada.

"E eles aparecem confiantes em Auteuil: ouviram dizer que nesta casa "a carga não é muito pesada", que enquanto houver lugar se dá de comer, de beber e dormida a crianças como eles. Melhor que isso. Ensina-se a trabalhar, isto é a preparar o futuro feliz, onde não se falará nunca das misérias passadas, e sobre o qual mais tarde, poderão fundar uma família, na alegria... no amor."

"Por isso, que crueldade quando é preciso fazer compreender ao infeliz que vinha cheio de esperança, que apesar da sua desgraça, não é possível recebê-lo! Então uma imensa angústia o invade: ele sabe donde o infeliz vem e para onde vai voltar. E as suas lágrimas mostram-no bem!"



Aprendendo a arte de tipógrafo.



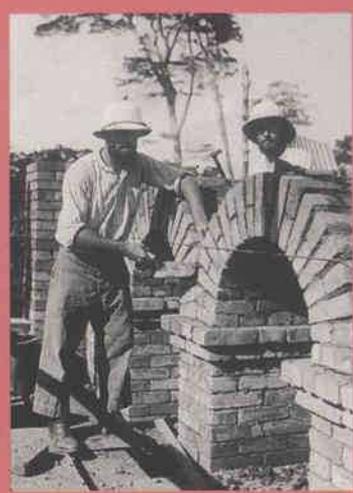
Fundação Cuidar o Futuro



Os Irmãos



As Irmãs Enfermeiras

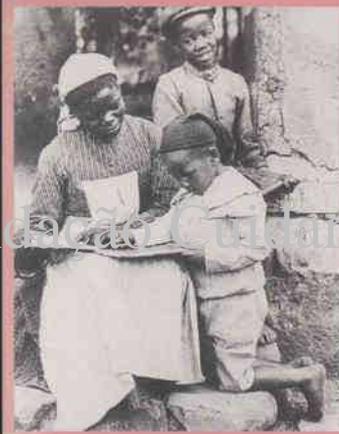




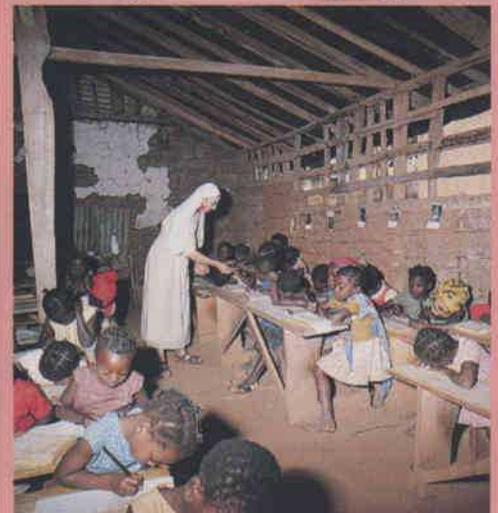
"230 anos de missão espiritual"
Fresco pintado por André Lagrange,
1935.

A Missão é actividade de todos os baptizados. Começa pelo testemunho de uma vida inspirada pelo Evangelho de Jesus Cristo. Homens e mulheres, leigos e consagrados vivem a caridade manifestada nos seus compromissos quotidianos. O seu amor e devoção tocam os corações começando pelos mais desprotegidos.

Fundação Cultural Educadoras



Os Catequistas





Aprendendo a arte de marceneiro.

"...Se a Providência existe, se Deus cuida dos órfãos e dos abandonados, se as avezinhas dos campos e os lírios dos vales lhe são queridos, se, como a Igreja ensina, a Comunhão dos Santos não é um mito e se os méritos de uns revertem a favor de outros, pois bem! é preciso agir segundo a sua fé. Não duvidemos da Providência. Rezar e agir, defaz montanhas. É preciso avançar com ousadia e ter confiança em Deus. ...Ou se tem fé ou não. Se se tem, é preciso conduzir-se como quem crê e espera em Deus, de olhos fechados".

Daniel Brottier

O Papa João Paulo II beatificou o P. Daniel Brottier a 25 de Novembro de 1984.

Senhor! Tu deste ao teu servo Daniel um coração cheio de ternura pelos pobres. Concede-nos pela sua intercessão, amar os nossos irmãos como tu mesmo nos amaste.

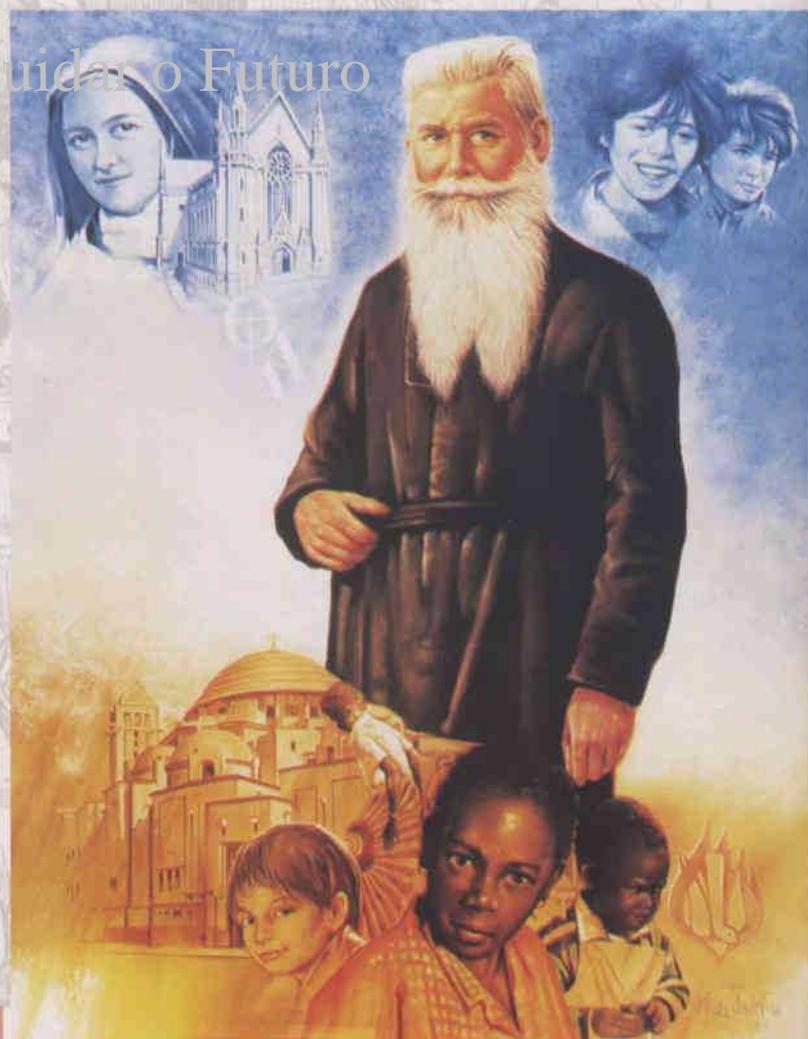


O P. Brottier tão pouco preocupado consigo mesmo, quer que os jovens tenham um bem-estar suficiente, capaz de lhes despertar o desejo de viver como toda a gente:

"Acreditem-me, é preciso um mínimo de bem-estar e de conforto para que esta juventude cresça sem azedume e sem amargura. Para que não corra o risco de mais tarde lançar na sociedade germes de revolta e de anarquia".

Daniel Brottier tem uma amiga e uma protectora da sua vida e da sua obra: Teresinha de Lisieux. Em Auteuil, tem uma verdadeira intimidade com Santa Teresinha nas suas mil e uma maneiras de "tentar" a Providência para o funcionamento e desenvolvimento da Obra. Homem de acção, vive do interior a sua actividade transbordante e a sua "união prática" com Deus.

Painel da Beatificação.



Independências nacionais e distúrbios

Assegurar
o direito
de todas
as nações
à vida e
independência

Desde 1845, o P. Libermann exorta os espiritanos a despojarem-se da Europa, dos seus costumes e do seu espírito. Dizer que ele foi seguido por toda a Congregação durante o período colonial, seria exagerado. Depois do tratado de Berlim, em 1885, os missionários vivem sob o regime político colonial. Por vezes ele facilita o serviço; outras vezes o dificulta. A segunda guerra mundial põe em evidência o equívoco das relações entre as missões e os estados colonizadores. Os africanos colonizados estão envolvidos numa guerra que não lhes diz respeito. A sua consciência política desperta e enaltece a independência nacional.

A seguir à segunda guerra mundial, esta aspiração pela independência dos países colonizados desenvolve-se. Acontece o mesmo com as Igrejas locais. Elas confirmam a sua capacidade de serem responsáveis. A Igreja africaniza-se. Os missionários são chamados a uma nova conversão: libertarem-se eles próprios das tutelas coloniais, dos seus apoios e constrangimentos e anunciar a Boa Nova liberta dos contributos culturais e políticos ocidentais.

Direito de todas as nações à vida e independência

Dezembro de 1939.

Dezembro de 1939.

Há quatro meses que os exércitos beligerantes europeus estão frente a frente. Pio XII difunde a sua mensagem de Natal, lembrando o direito à vida e à independência de todas as nações.

"Um postulado fundamental para uma paz justa e honrosa é assegurar o direito à vida e independência de todas as nações, grandes e pequenas, poderosas e fracas. A vontade de viver numa nação não deve nunca equivaler a uma sentença de morte por parte doutra. Quando esta igualdade de direitos for lesada ou destruída ou posta em perigo, a ordem jurídica exige uma reparação cuja medida e extensão não são determinadas nem pela espada nem pelo egoísmo arbitrário, mas por normas de justiça e equilíbrio recíproco".

Este direito não se limita ao respeito que os países europeus em conflito deveriam ter entre eles. Estas normas de justiça e de igualdade recíproca são aplicáveis aos países de África vivendo sob regime colonial estrangeiro.

Em Dezembro de 1953, seis anos depois da insurreição malgache, os bispos de Madagascar confirmam esta legitimidade de aspiração à independência. A Igreja local demarca-se do regime colonial, como testemunha também o episcopado do Tanganika na sua carta de 11 de Julho de 1953:

"Os africanos começam a olhar-se mais claramente à luz da Revelação e ganham cada vez mais confiança na sua dignidade de pessoas... Os que foram favorecidos com a educação pedem com uma insistência cada vez mais premente, para tomar uma parte activa no desenvolvimento e direcção do seu país. Ninguém mais do que a Igreja se alegra com esta promoção do Tanganika. Com efeito, ela não tem poupado os seus esforços para levar à África o que ela tem de melhor na civilização cristã. Os anos futuros podem ser duros e cheios de ansiedade e reservar-nos motivos de temor, mas também de sólida esperança".



O sistema político colonial aproxima-se do fim. Durou três quartos de século. Em Fevereiro de 1954, um espiritano, o P. Joseph Michel dá em Paris um curso sobre o dever da descolonização que ele resume assim:

"Examinando seriamente as razões que puderam justificar a colonização, podemos concluir que o dever da descolonização é o corolário inseparável do direito da colonização; mais exactamente, o fim próprio da colonização é a descolonização..."

No decurso do decénio 60, acontecimentos dolorosos marcaram a história da nossa Congregação.

Trágicos acontecimentos em Kongolo

Segunda-feira, 1 de Janeiro de 1962, pelas 9 h 30, vinte espiritanos, entre os quais dezoito belgas, são massacrados em Kongolo. Não foram mortos por causa da sua raça, mas da fé. Dois padres africanos, religiosas congolosas (Zairenses) e seminaristas menores, testemunhas dos massacres, deviam ser executados da parte de tarde. A chegada dum oficial superior permitiu evitar um segundo massacre.

A expulsão da Guiné

Em Outubro de 1958, a Guiné tem acesso à independência. É criado um partido único; reclama para si a formação da juventude. Depois de Março de 1959, os escuteiros, jocistas, corações valentes, etc. ... são extintos, a favor das organizações governamentais da juventude. Em 1960, todas as escolas são nacionalizadas. Mons. de Milleville protesta e é expulso em 1961. É nomeado o primeiro arcebispo guinéu de Conakry, Mons. Tchidimbo em 1962. Há um novo entendimento entre o governo e as igrejas... Depois do 1º de Junho de 1967, notícia in arrebe, o pres da na Sáiá u Turé declara:

"Afirmamos a nossa vontade de promover a total africanização dos quadros da Igreja cristã da Guiné... Todos os quadros das igrejas católica e protestante deverão ser africanizados no 1º de Junho próximo. Deste modo os espiões que forem contra a soberania da Guiné dar-se-ão conta que o nosso país está vigilante para cumprir eficazmente a revolução. A nossa vontade de africanizar o clero na Guiné, expressa em 1961, foi parcialmente satisfeita em 1962, quando foi designado como arcebispo de Conakry, o nosso irmão Mons. Raymond Marie Tchidimbo. Mas depois desta data, o número de padres e religiosas católicas e protestantes vindos de países estrangeiros, não cessou de aumentar, como se os africanos fossem incapazes, em união com os fiéis do seu país, de assumir a responsabilidade da direcção e da gestão duma Igreja guineense. Fixamos a data de 1 de Junho de 1967 como limite da aplicação da nossa decisão da africanização total dos quadros católicos e protestantes".

Em fins de Maio, três aviões deixam Conakry levando 163 missionários expulsos, entre os quais 64 religiosas. A missão continua na Guiné com Mons. Tchidimbo, 8 padres e 12 religiosas autóctones. Após o 1º de Junho, 13 padres africanos francófonos chegam a Conakry para ajudar a Igreja da Guiné!

*Memorial de Kongolo, em Gentimes, Bélgica
"O Missionário oferecendo a sua vida".
(Escultura de R. Mailleux).*



A missão vivida no centro dos conflitos políticos.

A guerra civil na Nigéria

Em 1968, a guerra civil causa crescentes inquietações na Nigéria. Os mortos e as devastações aumentam cada dia e o fim ainda não está à vista. Os quase seiscentos missionários irlandeses que lá trabalham testemunham:

"Estamos angustiados com os sofrimentos terríveis que acompanham as lutas; estamos consternados ao pensar que tantos inocentes morrem de ambos os lados... Como missionários, não temos vontade nem é a nossa missão julgar a situação política, que é complexa e delicada... Temos a missão de prover as bens espirituais e humanos às nossas populações. Neste momento trágico, a atenção deve estar voltada para o serviço humano nas zonas de intermédio: alimentar os famintos, cuidar dos doentes, abrigar os órfãos e os sem abrigo".

Expulsão e Interdito no Haiti

A 15 de Agosto de 1969, sem aviso prévio, um leigo e nove padres do Haiti, entre os quais cinco espiritanos, são chamados ao Ministério dos Cultos em Port-au-Prince. São acusados de ideias anti-governamentais e expulsos imediatamente do país. Os confrades espiritanos eram professores no seminário-colégio Saint-Martial de Port-au-Prince que tinham fundado em 1962. Dois encontravam-se no estrangeiro e não puderam regressar ao Haiti. Os outros três foram conduzidos ao aeroporto e embarcados num avião da Air France, sem terem sido autorizados de passar por casa e pegar nas suas bagagens.

Num telegrama dirigido aos superiores da Congregação do Espírito Santo, o governo Duvalier dá como razão da expulsão: "a aliança destes padres com partidos políticos clandestinos, pregando ideologias subversivas sobre a fé e a moral cristã, e isso com o fim de alterar a ordem estabelecida". Além disso, o governo proíbe os outros dez espiritanos (não haitianos), professores em Saint-Martial, de continuarem no ensino, mas são autorizados a trabalhar em paróquias. A 3 de Setembro, o Governo emite um decreto, retirando a direcção do Colégio Saint-Martial aos Padres do Espírito Santo para a confiar à arquidiocese de Port-au-Prince. As medidas tomadas pelo Governo haitiano e a campanha conduzida pela imprensa governamental tornam impossível o ministério dos espiritanos presentes no Haiti. O Conselho Geral da Congregação decide retirar do país os 200 confrades que ainda lá estavam.

Em 1986 regressamos ao Haiti. O governo restituiu-nos o colégio Saint-Martial em 1996.



A missão
vivida no meio
de conflitos
políticos

O Concílio Vaticano II

João XXIII anuncia o Concílio Vaticano II como um novo Pentecostes soprando sobre a Igreja. Ao longo das quatro sessões do Concílio, operou-se um despertar da consciência da Igreja Católica. O retorno à Palavra de Deus, a lembrança da vocação missionária de toda a Igreja, o respeito pela liberdade religiosa, o diálogo ecuménico e a vontade declarada de manter relações entre a Igreja e as religiões não cristãs, abrem uma nova era missionária.

Palavra, Igreja e Missão

"Que a Palavra de Deus se propague rapidamente e seja glorificada... e que o tesouro da Revelação encha cada vez mais o coração das pessoas" (2ª Tes. 3,1...5). Toda a Igreja é missionária. A sua missão é universal: testemunhar Jesus Cristo, Luz das nações, e comunicar a plenitude do mistério de Cristo. Sem propor a Palavra de Deus aos povos que ainda a não conhecem, a Igreja não pode pretender implantar-se em todo o mundo.

"Enviada por Deus a todas as gentes para ser sacramento universal de salvação, a Igreja procura incansavelmente anunciar o Evangelho

a todas as pessoas... Os próprios Apóstolos em que a Igreja se alicerça, seguindo o exemplo de Cristo "pregaram a palavra da verdade e geraram as igrejas". Aos seus sucessores compete perpetuar esta obra, para que "a palavra de Deus se propague rapidamente e seja glorificada" (2ª Tes. 3. 1) e o reino de Deus seja anunciado e estabelecido em toda a terra"...

Ad gentes, nº 1

Restaurar a unidade entre os cristãos

A divisão entre os cristãos é contra a vontade de Cristo. Por ocasião da Conferência mundial das missões, realizada em Edimburgo em 1910, os congressistas reconhecem que a sua dispersão prejudica "a unidade da Igreja de Cristo". Edimburgo abre a era do ecumenismo. No decreto sobre a actividade missionária da Igreja, o Vaticano II lembra que a divisão dos cristãos prejudica gravemente a pregação do Evangelho:

"A divisão dos cristãos prejudica a santíssima causa de pregar o Evangelho a toda a criatura e fecha a muitos o acesso à fé. Por isso, por uma necessidade missionária, todos os baptizados são chamados a unir-se num só rebanho para assim poderem dar um testemunho unânime de Cristo, seu Senhor, perante os gentios".

Ad gentes, nº 6

O Vaticano II põe fim a um certo proselitismo da Igreja. Durante muito tempo, em nome do seu conservadorismo, "semper idem", a Igreja não favoreceu o anúncio do Reino de Deus.

Assembleia Conciliar do Vaticano II em Roma.

Crise na família espiritana



A seguir ao Vaticano II, imensas questões aparecem. A Congregação do Espírito Santo vive divisões e grandes tensões internas. "Um mundo uniforme, modelado segundo normas e valores ditos universais, construído em torno da velha Europa e da sua cultura; este mundo morre". Para muitos é só um tempo de crise de que é preciso sair o mais depressa possível, restaurando o edifício de outrora.

ou dos bispos com um colégio presbiteral, do pároco com um colégio pastoral de leigos, toda a espécie de comissões, de conselhos, de reuniões, etc. ...antes que as autoridades se lembrem de dar ordens e directivas.

"O combate contra a colegialidade, apoiado por toda a imprensa comunista, protestante e progressista, ficará famoso nos anais do Concílio".

Eleito Superior Geral da Congregação em 1962, Mons. Lefèbvre denuncia o espírito do Vaticano II. Membro da comissão preparatória do Concílio, participa na elaboração dos esquemas preparados pela Cúria Romana e propostos aos Padres Conciliares.

Depois da abertura do Concílio, os quase 2.500 bispos pedem uma nova elaboração dos esquemas preparados. Mons. Lefèbvre contesta logo esta petição colegial e une-se a alguns bispos que partilham a divisa do Cardeal Ottaviani: "semper idem".

Mons. Lefèbvre intervém várias vezes durante as sessões gerais do Concílio. Incomodados pela sua atitude e tomadas de posição como Superior Geral

da Congregação do Espírito Santo, os quarenta bispos espiritanos presentes no Concílio propõem-lhe um encontro para trocar impressões sobre os seus pontos de vista. Este realiza-se. Mons. Gay, bispo de Guadalupe e porta-voz dos seus confrades, informa Mons. Lefèbvre das suas inquietações. E manifesta também o seu desejo: dialogar com ele. Mons. Lefèbvre escuta-os; depois com a sua habitual bonomia e sem diálogo, encerra logo o encontro com estas palavras:

"Tendes a vossa maneira de pensar, eu tenho a minha. Nunca obrigarei nenhum de vocês a votar como eu voto e menos ainda a pen-

Não ao governo colegial!

Alguns meses antes de terminar o seu mandato como Superior Geral, a 7 de Março de 1968, Mons. Lefèbvre escreve um artigo com o título: "Um pouco de luz sobre a crise actual da Igreja". Ele denuncia a "colegialidade do Magistério" como sinal da democratização da Igreja:

"As ideias modernas foram introduzidas na Igreja pelo famoso slogan da "colegialidade". Era preciso colegializar o governo: do papa

Bispos espiritanos participando no Concílio Vaticano II.



O Papa Paulo VI recebendo os membros do Capítulo Geral da Congregação, depois da eleição do P. Lécuyer como novo Superior Geral, sucedendo a Mons. Lefèbvre.

sar como eu penso. Nós temos uma consciência. *Certe un clere agui a sua*

E o confrade bispo, presente a esta conversa, assim exprime o desânimo sentido por todos: "e isto acabou, terminando sempre com um sorriso que nos desencorajou. Via-se nele um bloqueio que nos constrangia. Parecia incapaz de reconsiderar a sua maneira de pensar".

Por ocasião do Capítulo Geral da Congregação em 1968, os capitulantes sentem as mesmas dificuldades com Mons. Lefèbvre, fechado a toda a forma de gestão colegial da Congregação. Mons. Lefèbvre assume o conflito, demitindo-se. Pouco tempo depois, funda a Fraternidade sacerdotal S. Pio X, em Friburgo, e abre o Seminário tradicionalista de Ecône, na Suíça. A Igreja suspende-o "a divinis" em 1976. Onze anos depois do Concílio, escreve um livro: "Eu acuso o Concílio". Em 1988, rompe definitivamente a sua comunhão com o Bispo de Roma e torna-se cismático, ordenando bispos quatro membros da Fraternidade S. Pio X. Mons. Lefèbvre morre em Valais em 25 de Março de 1991.

Em 1968, o P. Lécuyer é Superior Geral da Congregação. É um teólogo, perito no Concílio. Colaborou com o P. Congar na elaboração do "Decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos".

A Congregação começa o seu "aggiornamento". O P. Lécuyer esforça-se por sarar e ultrapassar as fracturas internas da família espiritana. Abre assim o caminho da unidade a refazer, e o futuro missionário a construir. O verdadeiro desafio da evangelização torna-se o anúncio da Boa Nova que deve amadurecer e dar frutos nas diferentes culturas. A pregação do Evangelho não deve dividir os cristãos.

O Capítulo de 1968 compromete os Espiritanos a viver um ecumenismo prático. "O ecumenismo começa pela prática da caridade evangélica relativamente aos outros cristãos. O estudo e os trabalhos em comum sobre a Sagrada Escritura serão um terreno favorável para o diálogo. Do mesmo modo, a cooperação nas tarefas do desenvolvimento e nas obras de beneficência será um meio importante para fazer desaparecer os preconceitos".

Este tempo de provação para a Igreja e para a Congregação é todavia um tempo de graça. Abre-nos a um "novo Advento missionário". Inaugura um tempo novo da Missão confiada por Cristo à sua Igreja.

Novos tempos para a Missão



A missão
não é obra
nossa mas
de Deus

Ao longo dos três Capítulos gerais (1968-69, 1974 e 1980), a Congregação vai progressivamente clarificando o seu serviço na Missão da Igreja. Como "célula da Igreja", ela existe para o anúncio da libertação em Jesus Cristo, que deve ressoar no mundo. Ela foi criada devido a esta solicitude e em função de necessidades precisas. É sempre no mesmo contexto que ela deve avaliar a sua vida e o serviço que realiza".

O renovamento missionário

Um novo tempo da Missão já começou. As mudanças por que passa a nossa vida missionária não são fenômenos passageiros e superficiais. Elas reflectem as mudanças do mundo e o renovamento em profundidade da Igreja.

O novo tempo da Missão é caracterizado pelo transferência do centro de gravidade numérico do cristianismo para o Hemisfério Sul... A responsabilidade da evangeli-

zação é partilhada agora pelas jovens igrejas nascidas da missão de ontem. A Missão, de futuro, não parte somente das igrejas do ocidente para os países do Sul. Desenvolve-se também no Hemisfério Sul, enquanto as cristandades do Hemisfério Norte sentem a necessidade duma nova evangelização.

O novo tempo da Missão arrasta assim uma grande diversificação da actividade missionária. Os campos e os companheiros da evangelização mudam... Mais que nunca, a evangelização passa pela incamação da Palavra de Deus; penetra nas diversas culturas e interioriza-se nos corações. É sempre a fonte duma nova vida e o caminho que conduz cada homem para o Pai. Numerosos espirítanos comprometem-se no renovamento da evangelização, indo ao encontro dos povos e religiões sem procurar dominá-las.

A obra de Deus no mundo

Colaborando cada vez mais com outras igrejas cristãs e vendo os traços do Senhor na vida dos não cristãos, recebemos uma nova consciência da missão. Ela não é primeiramente a nossa obra, mas a obra de Deus. Em vez de encontrar a segurança nas nossas capacidades pessoais, damos graças a Deus pelas maravilhas que ele realiza mesmo sem nós e apesar da nossa pobreza.

Deixar-se re-evangelizar

Hoje, a Missão é talvez mais exigente que nunca. Nas situações de conflito, ela pode exigir de alguns de nós o sacrifício da própria vida. E nós somos todos levados a morrer de múltiplas maneiras, encontrando-nos despojados, inúteis, pecadores, indecisos, enfrentando situações para as quais não fomos preparados, convidados a ir trabalhar com espirítanos de outros países, a colaborar com leigos, sem gozar como no passado, do prestígio de ser padre ou religioso.

Mas é através desta morte que também fazemos a experiência da ressurreição: experiência dum renovamento do nosso ser, alegria de ver nascer uma nova Igreja, de ver populações a serem livres, a unirem-se e a tomar nas mãos o seu próprio destino.

Viver como estrangeiro: acolhimento e encontro

Muitos de entre nós, seguindo a tradição do nosso instituto, anunciam o Evangelho fora do seu país natal. Alguns países fecham as portas aos missionários estrangeiros. Esta forma de exclusão lembra-nos que somos enviados e também

Visitar os desprotegidos:
uma constante do serviço
missionário.





Deus

é o libertador
de tudo
o que oprime
as pessoas

convidados. Não podemos impor nem pretender o acolhimento como um direito. A nossa presença vive-se no respeito mútuo, na confiança e no diálogo.

Aumenta o número de expatriados nos nossos países de origem. Trabalhamos com os nossos compatriotas em favor do acolhimento ao migrante e refugiados, sabendo que é o Senhor que vem a nós por seu intermédio.

Quando trabalhamos no estrangeiro ou no nosso país, a mobilidade dos povos põe-nos em contacto com pessoas de diferentes países e culturas. Indo ao seu encontro, descobrimos as riquezas que o Espírito de Deus derramou neles. Ultrapassando as fronteiras da raça, cultura, religião, estamos seguros de encontrar o Senhor já presente, mesmo no meio daqueles que se professam ateus. Muitos de entre nós reconhecem que anunciando o Evangelho aos outros, recebem tanto ou mais do que dão.



Uma só fé, na diversidade de Igrejas locais.

Num mundo de conflitos – tensões raciais, relações de opressão entre categorias sociais e entre países, imperialismo cultural, oposições religiosas – nós queremos ser obreiros da paz. Para ser testemunhas de Cristo vindo a reunir as pessoas à volta da mesma mesa, queremos colocar a compreensão e o perdão onde há incompreensão, ódio e violência... Na raiz da opressão e da injustiça, descobrimos o pecado. Tomamos mais consciência que a verdadeira libertação exige a proclamação de Jesus Cristo. A sua presença muda radicalmente os corações e reconcilia os homens entre si e com Deus.

Fundação Cuidar o Futuro



Justiça e paz

Desenvolvimento para a libertação

"No coração e no centro da sua Boa Nova, Cristo proclama a salvação, este grande dom de Deus que é a libertação de tudo quanto oprime as pessoas, mas que é antes de tudo a libertação do pecado e do mal, na alegria de conhecer Deus e de ser conhecido por Ele, de O ver e de estar entregue a Ele".

Na América Latina, na África, na Ásia, ou mesmo na Europa ou América do Norte, somos confrontados com a pobreza, com a injustiça. Vivemos no coração das lutas para o desenvolvimento, a mudança das estruturas injustas, a defesa dos direitos humanos. Hoje, estamos mais em condições de ver os mecanismos económicos, sociais e políticos que oprimem as pessoas. Nós próprios estamos comprometidos em estruturas de injustiça. Sentimos fortemente que a nossa actividade missionária não teria sentido e seria infiel à mensagem de Cristo, que seria mesmo alienante, se ficasse longe destas lutas.

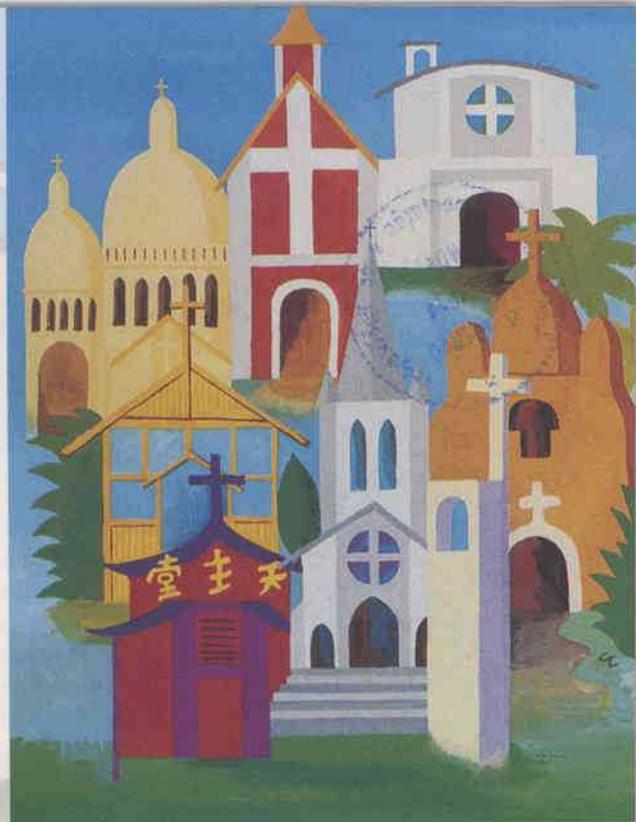
Refugiados ruandeses, desprovidos de tudo, voltam para o campo, depois da celebração da missa.



Ao serviço da Igreja local e do Mundo

Uma só fé e múltiplas igrejas

A evangelização é uma missão que tem as suas raízes no próprio mistério de Cristo, presente na Igreja pelo Espírito. "Concretamente são as igrejas locais que assumem a Missão de Cristo nos diversos territórios". O facto de pertencermos a uma Congregação internacional não nos dispensa, antes pelo contrário, de nos inserirmos na Igreja que nos acolhe. A nossa abertura aos outros, a nossa capacidade de escuta, o acolhimento do que há de bom em todo o coração humano, o ultrapassar toda a discriminação (raça, sexo, classe social, grupos minoritários) são exigências da nossa consagração missionária.



do laicado e dos catequistas, a evangelização das culturas e a transformação da sociedade à imagem do Reino.



Comunidades eclesiais de base, sinal de vitalidade na Igreja.

Fundação Cuidar o Futuro Comunidades eclesiais de base (CEBs)

"O compromisso dos leigos na evangelização está em vias de modificar a vida da Igreja; as comunidades eclesiais de base... são um sinal da vitalidade da Igreja, um instrumento de formação e de evangelização... uma fonte de novos ministérios".



Ao serviço da Igreja

Participamos em Igreja na Missão de Cristo. Somos servos e não senhores da Missão. O nosso papel é manifestar a universalidade da fé, a inter-comunhão das igrejas, a permuta, a complementaridade, a unidade na diversidade cultural, a responsabilidade comum frente à evangelização.

Nas igrejas locais, a nossa tarefa prioritária é de despertar nelas "o sentido da missão universal, da justiça e da fraternidade entre os povos". Acompanhamos o seu crescimento assegurando serviços específicos, tais como a educação cristã da juventude, a formação

O missionário, membro da Igreja

Ousamos ir mais longe... Abrindo-nos ao Espírito, ele lembra-nos a nossa opção preferencial "pelos que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram; pelos oprimidos e os mais desfavorecidos, individual ou colectivamente, onde a Igreja dificilmente encontra obreiros".

Ousar ir mais longe... É abrir-nos ao que diz o Espírito nestes novos desafios lançados à missão -hoje, tais como a inculturação, o diálogo inter-religioso, o ecumenismo, a fome no mundo, a injustiça, os problemas da juventude, principalmente nas grandes cidades, o desemprego, como tantos outros.

(Gâmbia) a 28 de Outubro de 1829. Depois dos estudos secundários em S. Luís do Senegal, entra no seminário do Espírito Santo em Paris, a 1 de Outubro de 1848. O P. Libermann é o seu superior. É ordenado padre na Goreia a 5 de Novembro de 1852 por Mons. Kobès e professa na Congregação a 20 de Dezembro de 1857. Falando a língua local, o "ouolof", o P. Lacombe trabalhou como missionário na Senegâmbia até à sua morte em 1900.

A seguir ao Vaticano II, o rosto da Congregação diversifica-se. Em 1968 é fundada a Província da Trindade. Depois são grupos apostólicos, fundações e as novas províncias do Hemisfério Sul que alargam a família espiritana: Brasil, África de Leste (Tanzânia, Quênia, Uganda), Nigéria, Angola, África Central (Camarões, Congo, Gabão, República Centro Africana), Porto Rico, Oeste africano (Senegal, Gâmbia, Serra Leoa, Gana, distritos da Nigéria [Makurdi e Kwara Benue]), Oceano Índico (Madagáscar, Maurícia e Reunião), África Austral e Zaire. Novas vocações espiritanas vêm do México, Haiti, Austrália, Papuásia Nova-Guiné e Paraguai.

Renovamento do nosso pensamento missionário

Com a vinda dos nossos confrades espiritanos das novas Províncias (Nigéria, Angola, Brasil, África de Leste) e fundações, a Congregação começou a sua própria conversão. Tornando-se internacional, descentraliza-se. A "ideia missionária" que orienta a nossa actividade é cada vez mais elaborada localmente.

Esta descentralização permite uma adaptação mais apropriada da nossa vida missionária às exigências da Missão.

Em Novembro de 1996, o Centro Brottier de Pesquisa Missionária, fundado pelos nossos confrades espiritanos da Nigéria, organizou um colóquio sobre o tema: "**África: para as prioridades da missão**". Dão-nos testemunho da maturidade e da responsabilidade missionária para com as igrejas africanas:

"Quando se abria este congresso, houve massacres. A tragédia ruandesa é a tragédia, escrita em letras grandes, de toda a África.... Todos conhecemos os que beneficiam da supressão dos direitos das minorias, ou da dominação exercida pela maioria sobre os interesses da minoria, como acontece na Nigéria, Burundi/Rwanda, Libéria e Serra

Leoa... Como missionários que podemos fazer para abordar este tema da destruição da vida humana no nosso continente?

O colóquio apresentou três prioridades para a missão da Igreja:

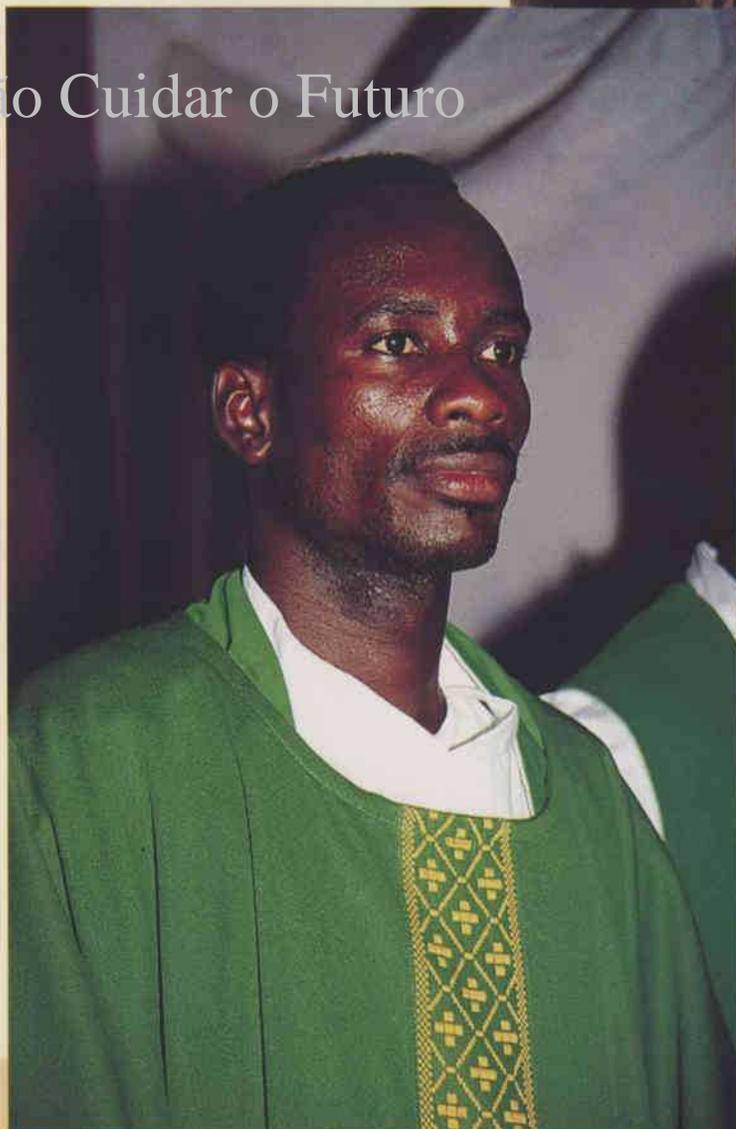
1. Queremos realizar a missão profética da Igreja:

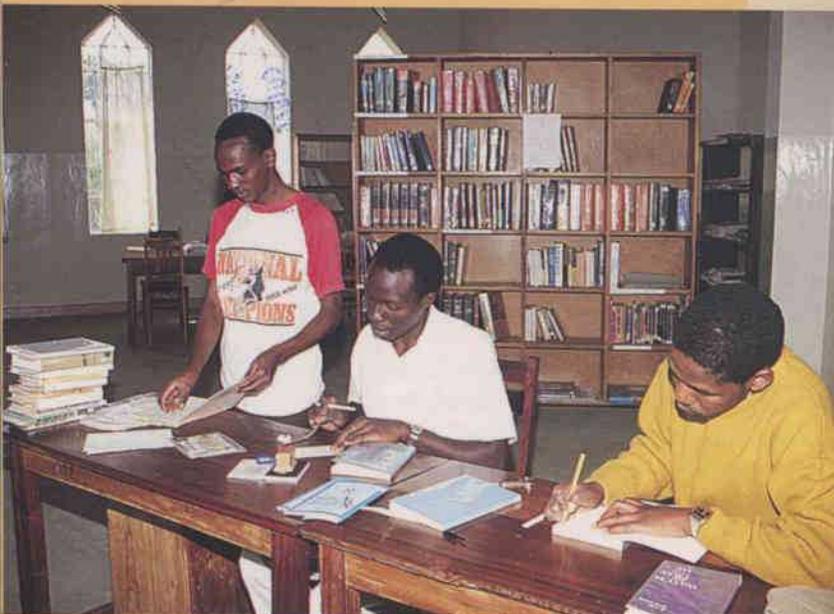
- assegurando uma verdadeira representação da África nos lugares onde se tomam e põem em prática grandes decisões políticas e económicas, e sendo os advogados que denunciam as injustiças e fazem pressão para as reparar.

- sendo árbitros e promotores da justiça e dos valores humanos fundamentais, e formando uma comunidade profética que triunfe da violência pela ética da não violência aprendida de Cristo.

- vendo o missionário como "o estrangeiro profético" que trabalha pela promoção e dignidade humana, em oposição à cultura dominante da injustiça.

Fundação Cuidar o Futuro





Registando novos livros na biblioteca dum centro de formação espiritana.

e impeçamos que os outros decidam por nós; deste modo nos tornaremos sujeitos e agentes da nossa própria libertação política e económica.

Nos caminhos da Providência

Os espiritanos do Hemisfério Sul são também "os advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem". Com eles e graças a eles, prosseguimos a nossa ajuda missionária às igrejas locais. A Congregação responde a novos apelos. Três grupos de espiritanos foram afectados, um a Moçambique em 1996, e os outros dois às Filipinas e Taiwan em 1997. Sendo fiel à confiança do P. Libermann, a família espiritana assume estes novos compromissos na Ásia e na África.

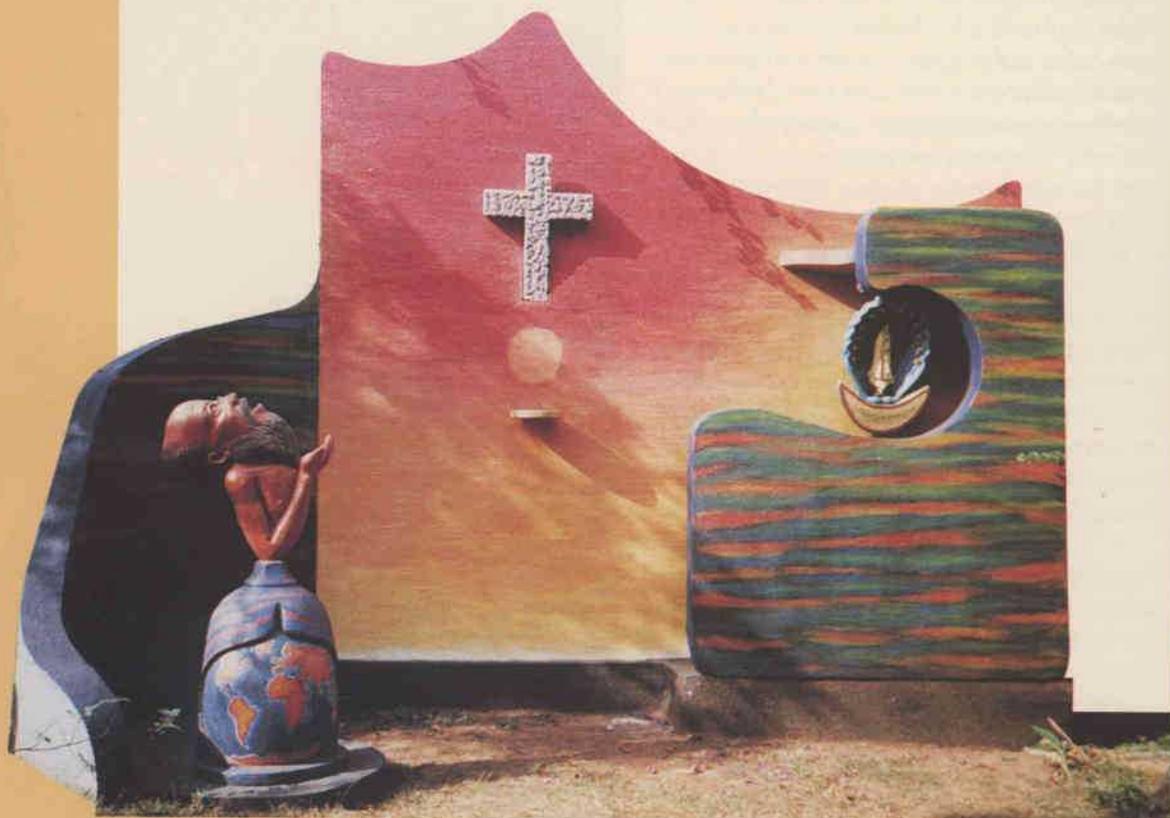
2. Queremos ser agentes de reconciliação:

- referenciando os que dela precisam e favorecendo-a sem cesar .
- convidando a viver o sacramento da reconciliação como um processo de purificação, insistindo sobre as suas implicações sociais.

"Temo-nos mantido até hoje nos caminhos da Providência, só ela nos tem conduzido; nunca pude realizar um plano que sonhei; realizei sempre, como por encanto, no meio de cruzes e sofrimentos, é verdade, tudo o que até a mim vinha providencialmente".

3. Queremos abrir caminhos que ajudem as pessoas a recuperar a confiança em si mesmas, sobretudo a nível das nossas raízes profundas, de tal modo que sejamos nós a decidir

fundação cuidar o futuro



Mensagem aos confrades



Portador
duma
esperança para
a humanidade

É tradição que o Superior Geral dirija, pelo Natal, uma carta a todos os membros da Congregação. Com alguns extractos das suas mensagens, esperamos a vinda do novo milénio e os três centenários da nossa fundação.

A força da nossa fraqueza

A nossa actividade é antes de tudo um testemunho. Para lá da sua eficácia tangível e imediata, os nossos compromissos são sinais que falam e nos tocam, pondo em execução transformações a partir de dentro. O que os espiritanos do norte e do sul, com muitas outras pessoas de boa vontade, fazem para renovar a face da terra, pode parecer sem importância, mas é a parte imersa do iceberg, dum fundo escondido. A procura de justiça, de paz e de fraternidade que trabalha no coração da humanidade. A situação actual da nossa congregação e da Igreja no mundo pode libertar a verdadeira força do Evangelho. "Quando sou fraco, então é que sou forte".

Estamos presentes em zonas de violência, de perturbações e de desgraças: Angola, Zaire, (agora República Democrática do Congo), África do Sul, Argélia, Haiti, Croácia, Serra Leoa, Congo... Os nossos confrades optaram por ficar apesar dos riscos.

Natal de 1993

À escuta dos marginalizados

Há hoje milhões de refugiados, de deslocados para o interior do país, de imigrados em condições precárias. Para nós, espiritanos, estas pessoas sem meios nem segurança, devem ser irmãos e irmãs em Jesus Cristo. Para lá da ajuda material que precisa de uma organização profissional, têm necessidade de presença pastoral para reencontrar a confiança.

Há confrades já comprometidos neste serviço... Os refugiados podem ensinar-nos a fé no meio da insegurança, a coragem no sofrimento, a solidariedade da viúva que dá tudo o que possui. Somos evangelizados ao mesmo tempo que partilhamos a nossa fé. Procuramos para as populações uma plenitude de vida na justiça e na paz.

Natal de 1994

Não há missão sem solidariedade

Um bom número de jovens espiritanos dizem que vieram para a Congregação por ouvirem dizer que os espiritanos estavam com os pobres. Talvez o traço mais significativo da missão como a vivemos hoje, seja movimento para congregar e cuidar de irmãos que pertencem a uma outra cultura, a uma outra igreja, a uma outra religião; mas o movimento a favor dos pobres e excluídos é ainda mais forte.

Redescobrimos a acção de Deus que cuida da viúva e do órfão. Quando fazemos uma viagem a uma aldeia afastada, quando organizamos a ajuda aos refugiados, quando procuramos na oração uma palavra de conforto para os aflitos, somos animados por este espírito... Não procuramos nem seduzir, nem regular os problemas dos outros, nem levar-lhes a verdade total. Vamos para eles de mãos vazias.

A missão é a grande tarefa comum, à qual cada um dá a sua parte. Os nossos confrades idosos rezam por nós, como Moisés na montanha durante o combate na planície, e os que deles se ocupam, sustentam os seus braços. A solidariedade entre nós nasce do mesmo espírito que nos faz atentos aos outros... A nossa solidariedade financeira exige atitudes evangélicas. Confiamos na generosidade despertada pelo Evangelho.

Natal de 1995



A esperança na pobreza



Fundação Cuidar o Futuro

Os verdadeiros instrumentos da Missão são os nossos corações cheios das bênçãos de Deus e as nossas mãos vazias. Lembramo-nos do que o P. Libermann escrevia em Agosto de 1843 quando o primeiro grupo de missionários do Sagrado Coração de Maria se preparava para partir para a África:

"Somos todos um grupo de pobres pessoas juntas pela vontade do Mestre que é a nossa única esperança. Se tivéssemos meios poderosos nas mãos, não faríamos grande coisa de bom; agora que não temos nada e não queremos nada, podemos realizar grandes projectos, porque as esperanças não estão fundadas em nós mas naquele que é todo poderoso. Não vos inquieteis com as vossas fraquezas e a vossa pobreza..."

Nas suas últimas palavras, o P. Libermann exortava-nos a praticar a caridade. A sua fonte e fim está em Deus; mas os seus benefícios são para Deus e para todos os homens. A nova era da Missão, aberta depois do Vaticano II, quer construir a "civilização do amor" fundada nos valores universais da paz, solidariedade, justiça e liberdade, que encontram em Cristo a sua plena realização. Nós continuamos os arautos e colaboradores desta missão para os tempos futuros.

**Abraçamos com franqueza e simplicidade
de a nova ordem
e levamos-lhe o espírito do Evangelho"**

P. Libermann em 1848



Por ocasião do Conselho Ampliado da Congregação em Dacar em 1995, os confrades comunicaram entre si as suas convicções profundas acerca da nossa experiência missionária.

"Há 150 anos, a nossa Congregação comprometeu-se numa África colonizada e devastada pelo tráfico de escravos. Era um compromisso sério, com risco da própria vida, para que os povos africanos se libertassem das suas escravidões. Apesar do ambiente pessimista e do contexto de violência, a confiança renasceu entre os missionários e os africanos que acreditaram no Evangelho".

"O meu coração é dos africanos, todo dos africanos" dizia o P. Libermann. "A marca da experiência africana está tão arreigada na Congregação que se tornou uma característica essencial do nosso carisma.. A nossa "africanidade" não está somente no número de confrades africanos, nem da importância dos nossos compromissos na África. Está na experiência espiritual de Libermann e nas motivações que levaram tantos homens a dar a sua vida pela missão... Não se é sinceramente espiritano se não se refaz duma maneira pessoal o percurso da Congregação iniciado pelos nossos fundadores. E este percurso está marca in África"

Fundação Cuidar o Futuro

"O futuro da Congregação não está unicamente na África. Está igualmente na América Latina, na Ásia, na Oceania e nos países do Norte. Mas a África começou a desempenhar um papel determinante como actor da missão espiritana no mundo".

"Em Dacar, tomamos de novo consciência das nossas fraquezas pessoais, da fragilidade das nossas comunidades e das dificuldades da missão, mas sem desanimarmos. Partimos de lá fortificados por uma visão renovada da nossa missão espiritana".

Como chegamos a este estado de coisas no dealbar do século XXI ? Estruturas caracterizadas pelo egoísmo e pela vontade de domínio funcionam em proveito dos mais fortes. Podem-se chamar estruturas de pecado. Jesus entrou no mundo ao lado dos pequenos. Ele foi testemunha da bondade de Deus no meio deles e diante dos poderosos. As forças de morte da sociedade do seu tempo conduziram-no ao Calvário. Mas porque ele morreu por amor, a sua cruz tornou-se uma cruz libertadora".

A inspiração que anima hoje os espiritanos é lembrada assim: servir os pobres, deixando-se guiar pelo Espírito, seguir a nossa tradição espiritana na missão-hoje, renovar a vida comunitária, viver a solidariedade".



Logo após o grande Jubileu do ano 2000, a nossa família espiritana celebrará três acontecimentos importantes: 02 de Fevereiro de 2002, 150^º aniversário da morte de Libermann; 12 de Abril de 2002, o segundo centenário de seu nascimento em Saverne; 27 de Maio de 2003, tricentésimo aniversário da fundação da Congregação do Espírito Santo por Cláudio Poullart des Places.

Celebraremos estes aniversários para lembrar o impulso missionário da família espiritana animada pelo Espírito. Por vezes este dinamismo parece morrer, mas contra toda a expectativa retoma sempre novo vigor. O Espírito Santo sabe tirar o bem do mal, o êxito do fracasso aparente, a alegria do sofrimento e do desespero...

27 de Maio de 1703

"Em mil setecentos e três, Cláudio Francisco Poullart des Places, simples aspirante à vida eclesiástica, começou na festa do Pentecostes a fundação da Comunidade e Seminário do Espírito Santo, sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado". Na Igreja "Saint-Étienne-des-Grès" em Paris, Cláudio e os seus doze amigos fizeram a opção pelo serviço dos mais pobres.

27 de Maio de 1803

Cem anos mais tarde - o que poderia ter sido o primeiro centenário.

Centenas de padres formados no Seminário do Espírito Santo trabalhavam em todo o mundo: na América do Norte, China, Camboja, Vietname, Sião, Índia e também nas colónias francesas.

Não há nenhuma celebração deste primeiro centenário. Em 1792, a Revolução Francesa confiscou todos os bens da Congregação. Os membros dispersam-se pela Suíça, Inglaterra, Itália e Estados Unidos.

27 de Maio de 1903

Outro centenário.

Em meados do século XIX, a função dos missionários do Sagrado Coração de Maria na Congregação do Espírito Santo dá origem a uma grande actividade missionária. No princípio do século XX, 1400 espiritanos, originários das Igrejas da Europa e América do Norte, trabalham nas missões.

Uma grave crise ameaça a existência da Congregação: a sua dissolução pelo Estado francês. Mons. Le Roy, Superior Geral, escreve assim aos seus confrades: "as circunstâncias actuais não nos permitem celebrar este segundo centenário da nossa fundação com a alegria e solenidade que desejaríamos... A nossa história, a história destes 200 anos não nos deve levar ao desespero... porque Deus não abandona aqueles que continuam a ser dignos de o servir".

27 de Maio de 2003

Celebraremos 300 anos de vida.

Ao longo deste século, a Congregação tornou-se verdadeiramente internacional. O mundo colonial desapareceu, mas as desigualdades económicas e sociais continuam a aumentar por toda a parte. Trabalhamos cada vez mais, tanto nas regiões do Norte, como nas do Sul. Na África, América Latina e Ásia, nascem novas fundações espiritanas. Associados leigos juntam-se à nossa família missionária. A renovação do nosso compromisso ao serviço dos pobres é de longe a contribuição mais importante que podemos dar ao jubileu espiritano de 2003.

Os ESPIRITANOS EM ANGOLA



Primeiros contactos

Ao desejo dos Missionários do Espírito Santo, já presentes no Vicariato Apostólico das Duas Guinéas (Senegal, Gabão...), de evangelizar a vizinha terra de Angola, juntou-se o pedido da Sagrada Congregação da Propaganda de confiar aos Espiritanos em 1865, a Missão do Congo, outrora evangelizada pelos Capuchinhos.

Feitos os indispensáveis contactos, os primeiros missionários espiritanos, Padres Poussot e Espitalié e o agregado Billon, aportaram ao Ambriz, Angola, no dia 14 de Março de 1866.

No mesmo ano, o P. Duparquet, de entendimento com o bispo de Angola e Congo, chegava a Moçâmedes para por aí penetrar no interior.

Circunstâncias várias levaram ao abandono destas duas Missões, em 1870, continuando embora o compromisso com a Missão do Congo. Mas ficaram sepultados em solo angolano, três dos missionários pioneiros: o agregado Billon, no cemitério do Ambriz e os PP. Espitalié e Lapeyre, em Luanda.

Após diligências várias e depois de percorrida a costa Angolana de Moçâmedes a Cabinda, em busca de local apropriado para a nova fundação, os espiritanos decidiram fixar a sede da Prefeitura do Congo em Lândana, na foz do Chiloango, tendo aí desembarcado no dia 9 de Setembro de 1873, os primeiros missionários: os padres Duparquet e Carrie e o Irmão Fortunato Engel.



Missão de Caconda, no Lubango

da Diocese. Contudo, todas estavam dependentes da jurisdição da Diocese, em virtude do Direito de Padroado, concedido pela Santa Sé aos monarcas de Portugal.

A presença dos Espiritanos em Angola pode dividir-se em três grandes períodos:

1. Prefeitura Apostólica e Missões independentes - 1865-1940
2. Distritos Religiosos - 1941-1977
3. Formação de Província Espiritana Angola - 1977

Expansão missionária

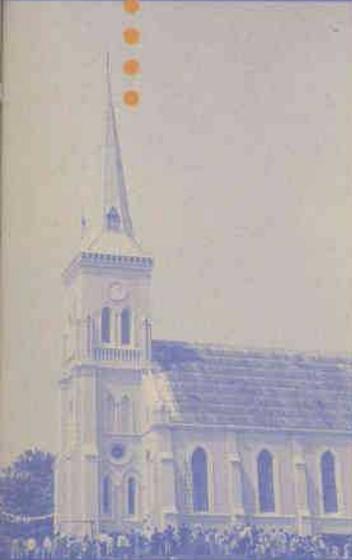
Antes de findar o século XIX e ainda com o fervor dos primeiros discípulos de Libermann, foram lançadas as bases mestras da missão espiritual, com a fundação das primeiras missões da Prefeitura do Congo (Lândana, Cabinda, Luali, Lucula) e da Prefeitura do Cubango (Cassinga, Mupa, Cubango, Caconda, Cachingues, Bailundo, Cuchi), bem como das circunscrições da Lunda (Luanda, Malanje, Libolo...) e do Cunene (Huila, Humbe-Chiulo, Jau, Chivinguiro, Munhino...).

A esta primeira etapa da fundação, seguiu-se uma segunda, da consolidação que se prolongou até 1940 e durante a qual foram criadas muitas Missões, estendendo-se a evangelização praticamente a todas as áreas das quatro circunscrições confiadas aos Espiritanos.

A partir de 1941, os Espiritanos foram integrados nas várias dioceses, organizados em Distritos Religiosos. Começa então a época áurea da evangelização de Angola, com a chegada de sucessivas levas de missionários de várias nacionalidades, datando desse período as grandes estruturas missionárias, como, seminários, igrejas, escolas, hospitais, internatos, capelas e escolas rurais e um movimento sempre crescente religioso, escolar e sanitário.

Fundação da Província Espiritana

Finalmente, com a abertura de seminários para a formação dos Espiritanos, com a ordenação dos primeiros espiritanos angolanos e com o



Lândana, em Cabinda, foi a primeira Missão.

Malanje, a actual catedral, ao lado da Missão

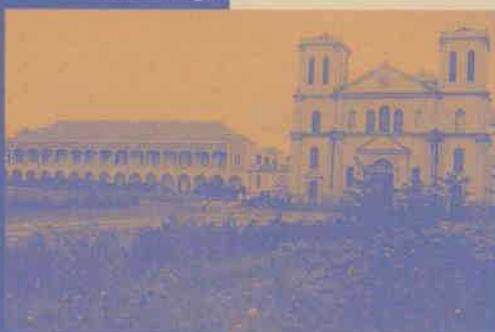


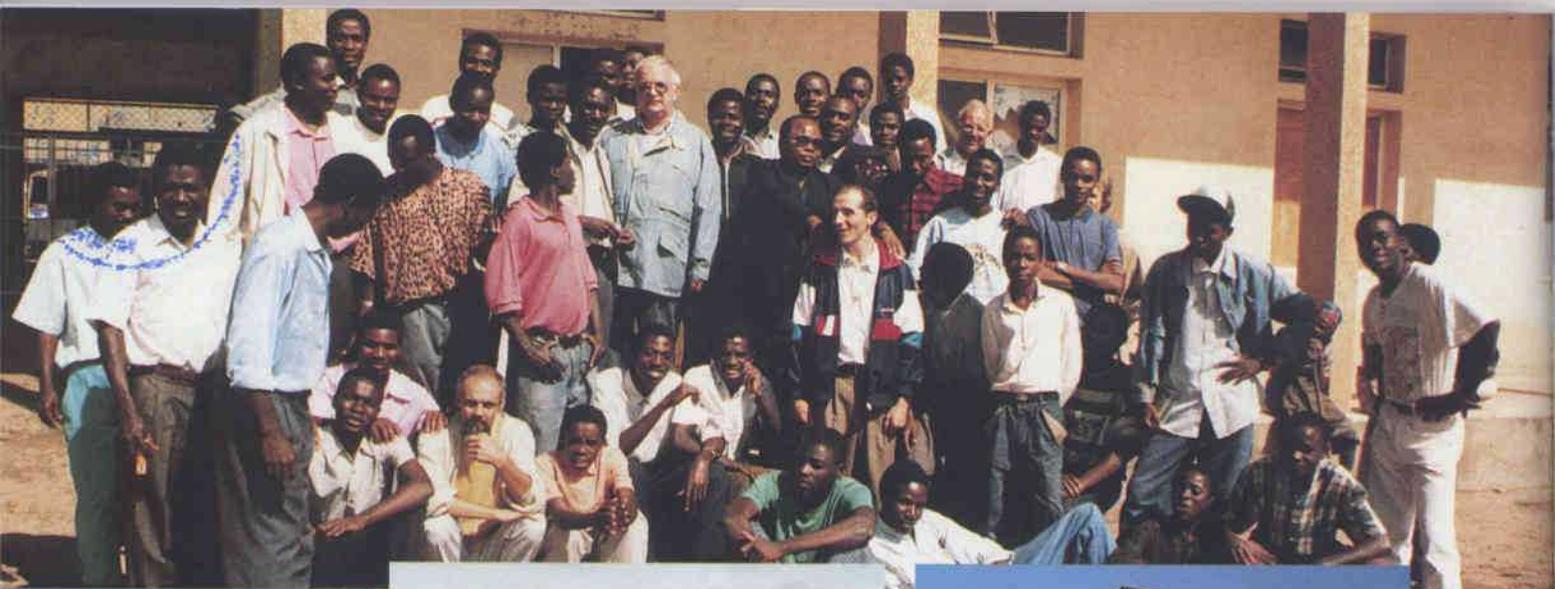
Missão da Huila, no Lubango

Lançamento das estruturas

Os missionários do Espírito Santo, considerando o vasto território de Angola, foram abrindo missões, organizadas em quatro circunscrições

eclesiásticas, sendo duas Prefeituras Apostólicas e duas Missões independentes sob a jurisdição





Seminaristas e Padres Espiritanos com o P. Pierre Schouwer, Superior Geral, no Huambo

Casa Provincial e Procuradoria das Missões, em Luanda

O Seminário Maior Espiritano do Huambo, ex-Colégio Espírito Santo



advento da independência, era tempo de se criar a Província Espiritana de Angola, o que veio a suceder no dia 29 de Junho de 1977.

No ano 2000, trabalhavam nesta Província 65 espiritanos, 28 dos quais angolanos. Os numerosos candidatos à vida espiritana, distribuídos por várias casas de formação, são prenúncio de um futuro esperançoso. São também numerosas as comunidades espiritanas, espalhadas um pouco por toda a Angola.

Fiel à sua vocação missionária, Angola conta já vários missionários em missão 'ad extra' e com dois Bispos espiritanos angolanos: D. Benedito Roberto (Bispo do Sumbe) e D. Gabriel Mbilingi (Luena), que assim sucedem a D. Moisés Alves de Pinho, D. Daniel Junqueira e D. Pompeu Seabra.

nomes de todas as nacionalidades, portugueses, angolanos, franceses, alemães, polacos inscritos lado a lado em humildes lousas iguais, seguidos de uma inscrição trágica: falecido com 24 anos, com 45, com 52, com 32. Nomes de homens que vinham ao encontro da morte certa e prematura por conta de Deus e do semelhante. Por conta da fé, da esperança e da caridade" (Miguel Torgo, Diário XII. 21/222 depois de visitar o cemitério da Missão da Huíla).

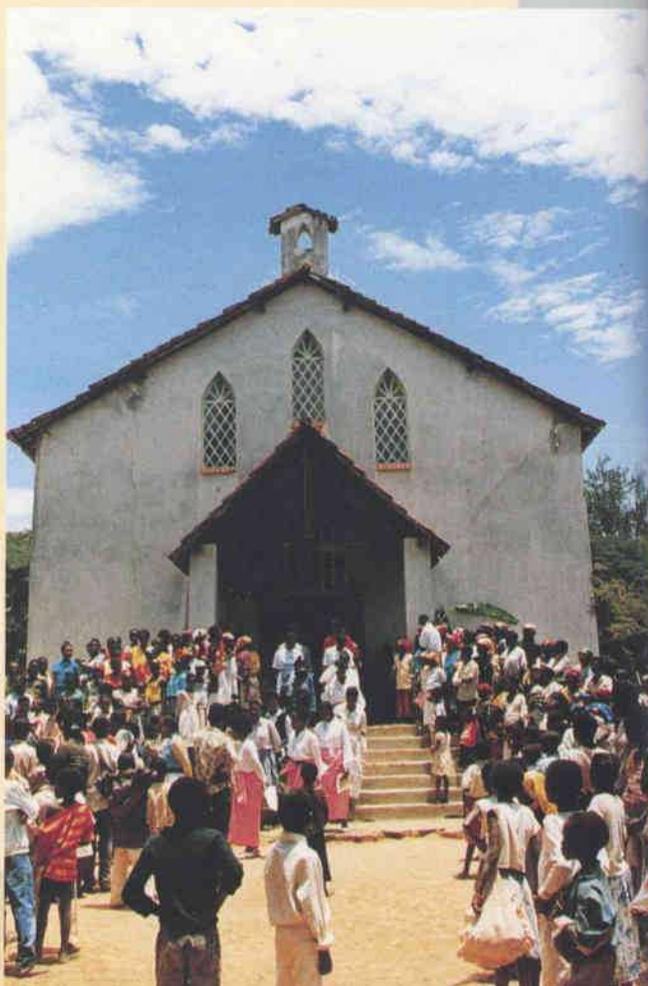


Os mártires da Missão em Angola

Faleceram de morte violenta, os seguintes espiritanos: P. Delpuech (06-06-1885); Ir. Lucius Rothan (06-06-1885), Ir. Dionísio Duaret (02-12-1903), Ir. Ângelo Alves (07-08-1892), Ir. Carlos Podão (15-05-1892); P. Martinho Thijssen (16-03-1976); Ir. Afonso Rodrigues (16-03-1976); P. Adélio Ribeiro Lopes (01-08-1976), P. José da Silva Pereira (05-04-1978); P. Jean Etienne Wosniak (26-05-1985); P. Nicolau Lighthart (24-02-1987); P. Abílio Guerra (24-04-1992).

Rumo ao futuro

A esperança está de pé. Toda esta vitalidade abre caminhos de futuro à Província de Angola, alicerçada na mística dos seus Fundadores e no testemunho dos que nos precederam, muitos dos quais ali repousam para sempre. "E são



Missão do Vale do Queve, no Huambo

Os ESPIRITANOS EM PORTUGAL



Seminário do Congo, em Santarém, a primeira comunidade Espiritana em Portugal

O Seminário do Congo em Santarém

Santarém foi a porta de entrada dos Espiritanos em Portugal, por ser uma cidade próxima da capital e por aí estar instalado o seminário patriarcal, que acolheria os futuros seminaristas espiritanos.

Por decreto de 31 de Agosto de 1867, O Superior Geral da Congregação, com o parecer unânime do seu Conselho, decidiu fundar uma casa em Santarém, com o título de Seminário do Congo, que logo foi consagrado ao Espírito Santo.

A nova comunidade situada numa modesta casa perto do seminário, na rua de S.Lázaro, abriu as suas portas a 3 de Novembro de 1867 e era constituída por quatro espiritanos franceses: os padres Duparquet e António Carrie e os estudantes Alexandre Ruilhe, futuro provincial e Dissan, que viriam a ser as pedras angulares da futura província portuguesa.

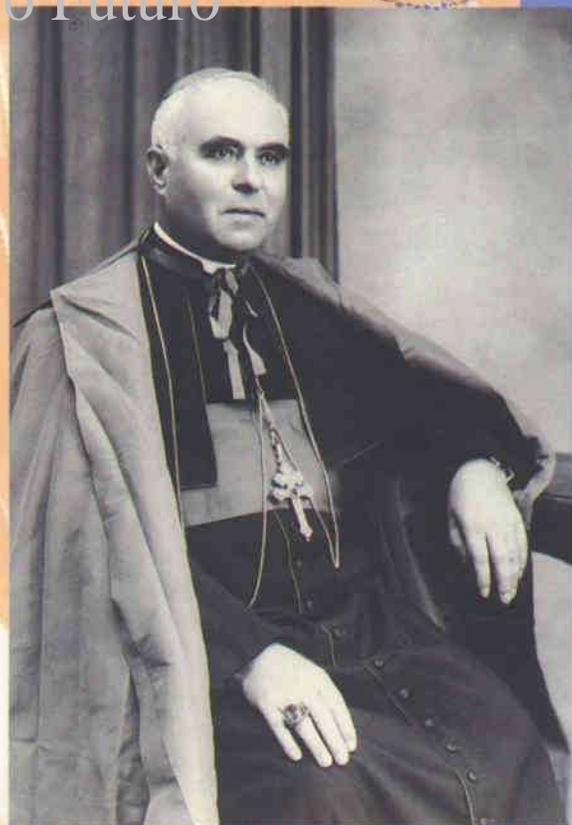
A 29 de Outubro de 1868, para substituir o P. Duparquet (que pedira para regressar à missão do Congo), chegou a Santarém o P. José Gabbard Eigenmann, de nacionalidade suíça. Ele viria a ser o grande cabouqueiro dos alcerces da província espiritana portuguesa.

As origens

A ideia de fundar uma casa em Portugal, como ponto de partida para relançar a evangelização da África portuguesa, era um sonho que o P. Libermann acaentava já desde 1851. Temos referências a esse projecto em cartas de Mons. Bessieux, prefeito apostólico das Duas Guinés e do P. Lannurien, desta data. O P. Libermann chegou mesmo a pensar a enviar a Portugal o P. Lannurien com Mons. Bessieux para estudarem esse projecto. A ideia seria retomada alguns anos mais tarde, nela intervindo o P. Charles Duparquet, mas acabou por ser posta de parte, devido às condições políticas desfavoráveis que então marcavam a vida portuguesa.

Aconteceu que a Congregação do Espírito Santo, a convite da Santa Sé, assumiu em 1866 a Prefeitura do Congo, outrora confiada aos Capuchinhos. Para essa Prefeitura foram enviados espiritanos franceses, sem que a Congregação se tivesse estabelecido em Portugal. Bem depressa se sentiu a dificuldade de evangelizar um território português, sem bases de entendimento com Portugal. Reconheceu-se, então, a necessidade de fundar uma casa em Lisboa, para tratar dos assuntos da Prefeitura do Congo e angariar missionários portugueses para as missões das colónias. Aliás, tanto o Governo português como o Parlamento o exigiam. E foi assim que surgiu a ideia de fundar a Congregação em Portugal.

O projecto foi confiado ao mesmo P. Charles Duparquet que, regressando de Angola, estabeleceu contactos tanto com o Núncio Apostólico e o Patriarca de Lisboa, como com membros do Governo que, de bom grado, apoiaram a iniciativa.



D. Moisés Alves de Pinho restaurou a Província de Portugal, foi Bispo de Angola e Congo e Arcebispo de Luanda



Braga, o verdadeiro berço da Província Espiritana



Casa Provincial e Procuradoria das Missões, em Lisboa



Seminário da Torre d'Aguilha, em Cascais



Seminário do Fraião, em Braga

Em 1870, os Espiritanos abandonaram Santarém e foram abrir o Colégio de S. Bernardo, em Gibraltar, abandonado no ano seguinte por não corresponder ao que se pretendia. Após várias pesquisas, o P.Eigenmann acabou por se fixar em Braga, em 1892, no colégio de S.Geraldo, na rua do Carvalho onde fundou "uma casa em que se podiam recolher para viverem sob uma regra e disciplina religiosa, os numerosos alunos do liceu e do seminário diocesano, que formavam o externato destes dois estabelecimentos de ensino". Era um projecto que correspondia ao de Poullart des Places, quando em 1703 fundou o seminário do Espírito Santo em Paris. Assim começou o que viria a ser o chamado "Colégio do Espírito Santo" em Braga, que seria o verdadeiro berço da província portuguesa da Congregação. A Província Portuguesa começou a desenvolver-se. Pouco depois, fundaram-se mais dois colégios: o de Santa Maria no Porto e o Instituto Fisher nos Açores. Em 1887, começou em Sintra a Escola Agrícola Colonial, para formação de Irmãos Auxiliares

para as missões e, em 1890, no mesmo local, fundou-se o Seminário de Filosofia e Teologia. Em 1884, desmembrou-se o Colégio do Espírito Santo e estabeleceu-se em Ermesinde o Seminário da Formiga, destinado a escola de humanidades. Em 1896, abriu-se também em Sintra o Noviciado dos Clérigos e, finalmente, em 1908, o Seminário Maior foi transferido de Sintra para Carnide, na periferia de Lisboa.

Em 1896, o P.Eigenmann foi escolhido para Conselheiro Geral da Congregação, ficando a substituí-lo, como provincial, o PRuilhe; mas, em 1901, o PRuilhe, por motivos de saúde, abandonou o cargo, vindo ocupar o seu lugar "ad interim", de novo, o P.Eigenmann. Em 1904, P.José Maria Antunes, Superior da Missão da Huila, foi nomeado provincial de Portugal e fixou a sua residência na Procuradoria das Missões que a Congregação tinha adquirido na rua de Santo Amaro, à Estrela, em Lisboa.

Quando o PRuilhe assumiu o provincialato, a província estava já solidamente implantada: 7 comunidades com todos os quadros de formação, 35 padres e 47 irmãos auxiliares.

Quando o PRuilhe assumiu o provincialato, a província estava já solidamente implantada: 7 comunidades com todos os quadros de formação, 35 padres e 47 irmãos auxiliares.

Após a implantação da República

Em 1910, com a implantação do regime republicano em Portugal, desencadeou-se uma perseguição religiosa que levou ao confisco de todas as casas da Congregação e ao exílio de quase todos os espiritanos e seminaristas para a França e para a Bélgica. Um pequeno grupo acabou por se estabelecer em Zamora, na Espanha, onde a formação dos seminaristas pôde prosseguir.

Em 1919, já com um ambiente político em Portugal mais favorável, o P.Moisés Alves de Pinho, refugiado na França, foi nomeado Provincial de Portugal e encarregado de restaurar a província portuguesa. Esta foi canonicamente erecta pelo Superior Geral, Mons. Alexandre Le Roy, a 2 de Fevereiro de 1921. Entretanto, em 1919, o P.Pinho abriu uma casa em Braga, na quinta do Charqueiro, na rua Bento Miguel, que era uma antiga propriedade da Congregação. Em 1922, abriu-se também um seminário em Godim, perto da Régua e deu-se início ao seminário de teologia e filosofia em Viana do Castelo. Em 1927 a obra de Braga, depois de ter passado por várias residências, passou para a quinta do Fraião, nos arredores da cidade. O noviciado dos clérigos, fundado em Braga em 1934, foi transferido para a Silva, Barcelos em 1942 e, finalmente, o escolasticado de teologia trocava Viana do Castelo pela Quinta da Torre d'Aguilha, em S.Domingos de Rana -Cascais, perto de Lisboa.

Ao P.Moisés Alves de Pinho, eleito bispo de Angola e Congo em 1932, sucederam-se os seguintes provinciais: P.Clemente Pereira da Silva (1932-1943); P.José Pereira de Oliveira (1943-1949); P.Agostinho de Moura, depois bispo de Portalegre e Castelo Branco (1949-1953); P.Olavo Teixeira Martins (1953-1959); P.Firmino Cardoso (1959-1965); P.Amadeu Martins (1965-1970); P.José Gonçalves de Araújo (1970-1976); P.Casimiro Pinto de Oliveira (1976-1982), P.Manuel Durães Barbosa (1982-1988), P.José Castro Oliveira (1988-1994), P.Eduardo Miranda Ferreira (1994-2000).

A província conta perto de duas centenas de membros entre bispos, padres e irmãos. Trabalham em Portugal, Angola, Cabo Verde, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, África do Sul, Canadá, Espanha, Roma, S.Tomé e Príncipe, Alemanha, França, Paraguai e Estados Unidos. Em Portugal têm casas de formação, centros de animação missionária e vocacional, casas para idosos, casas de retiros e paróquias.

Os espiritanos portugueses estão na Internet em www.espiritanos.org

Os ESPIRITANOS EM CABO VERDE

Procissão em Cabo Verde



Percurso histórico

Os primeiros missionários Espiritanos em Cabo Verde foram D. Faustino Moreira dos Santos, Bispo, o P. José Neiva Araújo, seu secretário, o P. Lúcio dos Anjos e P. Lindorfo Quintas. Partiram de Lisboa a 17 de Novembro e chegaram à ilha de S. Nicolau em 30 de Novembro de 1941.

No dia 15 de Dezembro, os Padres Lúcio e Quintas chegaram à ilha de Santiago e fixaram residência, respectivamente na paróquia de S. Nicolau Tolentino e S. Salvador do Mundo, estendendo a sua acção pastoral a outras paróquias daquela ilha.

Em 17 de Dezembro de 1942, o Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Maglione, recomenda as missões de Santiago de Cabo Verde aos Missionários do Espírito Santo, nas pessoas do Superior Geral, Mons. Le Hunsec e do Provincial de Portugal, P. Clemente Pereira da Silva. Em 24 de Outubro de 1942 chegam a Cabo Verde os Padres Henrique Alves e Frederico Duff, ficando o P. Henrique a superior religioso do grupo espiritano. A primeira comunidade-residência espiritana, alugada na cidade da Praia, data de Abril de 1943 e foi dedicada ao Sagrado Coração de Jesus.

Em 27 de Maio de 1943, D. Faustino Moreira chega à Praia e aí estabelece a sede do Bispado que estivera antes na vila de Ribeira Brava, na ilha de S. Nicolau, desde 1866.

A 14 de Setembro de 1946 era criado o Distrito Espiritano de Cabo Verde e nomeado seu superior principal, o P. Francisco Alves do Rego. Em 24 de Janeiro de 1955, o P. Rego deixa Cabo Verde e em 30 de Julho do mesmo ano o P. Augusto Nogueira, por morte de D. Faustino, é nomeado Administrador Apostólico "Sede Vacante". Em 7 de Setembro de 1955, o P. José Pereira de Oliveira é nomeado novo superior do Distrito e chega a Cabo Verde, acompanhado do P. Jerónimo Ferreira a 18 de Novembro desse ano. O superior que lhe sucedeu será o P. José Maria de Sousa. Durante o seu mandato, foi comprado o terreno onde se encontra a actual residência espiritana da Praia. Também se projectou edificar, no mesmo terreno, um Seminário-Lar para cerca de cem alunos, projecto que

não se chegou a realizar. Apesar de tudo, abriu-se caminho para a actual Casa Espiritana, cuja última ampliação e remodelação foram realizadas sob a orientação do P. José Pires, enquanto Superior Principal.

Em 30 de Novembro de 1966, com solene Te Deum e sessão comemorativa, foram celebradas as Bodas de Prata da chegada dos Espiritanos a Cabo Verde e em 1991, vários momentos celebrativos, entre os quais a inauguração da actual Residência Espiritana da Praia.

Sucederam-se os Superiores Principais: P. João Moniz (1971), P. Manuel dos Santos Neves, P. Gil Losa, P. José Pires, P. Adélio Fonte e, em 1999, P. Manuel Martins Ferreira.

Em 22 de Abril de 1975 é nomeado bispo de Cabo Verde D. Paulino Livramento Évora, ordenado bispo a 1 de Junho de 1975 na missão Católica do Cacusso em Angola. Entrou na diocese a 22 de Junho.

Com as possibilidades oferecidas pela residência espiritana da Praia, deu-se novo impulso à animação vocacional espiritana, uma aposta que continua a dar frutos.

Situação actual

O número dos Espiritanos em Cabo Verde tem mudado conforme as circunstâncias, mas a média é de 15 membros, contando, por vezes, com seminaristas estagiários. Trabalham em dez paróquias nas ilhas de Santiago e do Maio.

Na paróquia de S. Miguel-Calheta existe a "Escola P. Moniz", espiritano já falecido, que fundou essa escola e pastoreou a paróquia durante cerca de vinte anos. Na paróquia de S. Salvador - Picos, funciona outra escola, totalmente servida por professores leigos. Na paróquia de S. Lourenço - Orgãos e em estreita ligação com ela, existe a Associação das Animadoras Missionárias, um grupo de leigas que partilha a espiritualidade espiritana.

Na residência espiritana da Praia, que acolhe os confrades do interior para reuniões de convívio e animação pastoral e religiosa, funciona também um Seminário Espiritano, prosseguindo estes seminaristas os seus estudos em Portugal.

A casa Principal dos Espiritanos na Praia



A Cidade Velha da Praia



Os

ESPIRITANOS NA GUINÉ-BISSAU

A primeira missão no mundo manjaco

Foi no Conselho Geral Ampliado, realizado em Kneschtsteden, Alemanha, em 1978 que a Congregação assumiu o projecto da evangelização dos manjacos na Guiné-Bissau como prioridade da Congregação. Esta decisão respondia ao apelo do primeiro bispo da recém criada diocese de Bissau, D. Settimio Ferrazzetta, cuja preocupação era atingir as zonas do interior, muito abandonadas durante a guerra colonial. O apelo foi feito ao superior espiritano do distrito do Senegal, o P. Pierre Haas, por haver já um espiritano a trabalhar com os Manjacos, em Dakar.

Assumida pela Congregação esta nova implantação, formou-se a equipa que deveria escolher o local para construir a primeira missão confiada aos Espiritanos na Guiné-Bissau. O local escolhido foi Bajob, pequena aldeia do interior, a 115 quilómetros de Bissau, e dessa primeira comunidade faziam parte os padres René des Déserts, superior, Pierre Buis, José Costa e o jovem estagiário Albino Fernandes.

Os dois primeiros chegaram a Bajob no dia 1 de Novembro de 1979, ficando alojados numa casa da aldeia. Os outros dois chegaram no dia 20 de Janeiro de 1980, estando a casa da Missão em fase de acabamento. A inauguração oficial aconteceu a 8 de Abril de 1980.

A região confiada aos Espiritanos era toda de primeira evangelização, embora houvesse alguns baptizados, espalhados pelas aldeias, que em nada se distinguiam dos seus conterrâneos, na maneira de viver.

A fundação de novas missões

Em 1987, tomou-se a decisão de abrir uma nova missão no sector de Caió, para onde

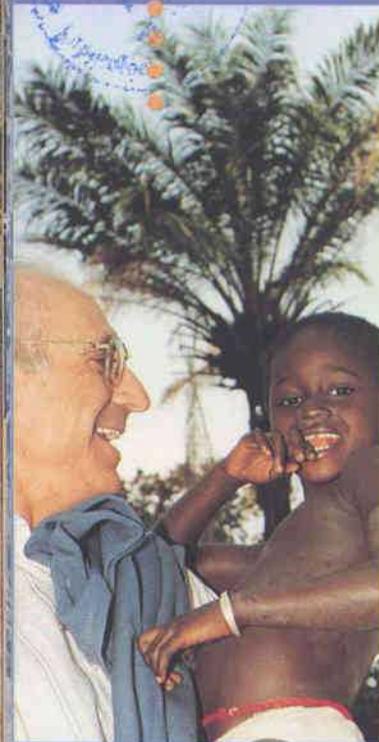


foram os Padres José Costa e João David, juntando-se logo a seguir o P. Manuel Paula. Estávamos ainda no mundo manjaco, embora mais para o sul.

Com esta nova fundação, a etnia manjaca poderia ser mais facilmente evangelizada, já que na cidade de Canchungo, havia uma outra missão, essa confiada aos missionários franciscanos, que atingiam a zona envolvente da cidade. A Escola Sem Fronteiras de Tubebe-Caió foi construída em 1988.

Em 1991, a nosso pedido, o Bispo confiou-nos a paróquia de N.º S.ª da Ajuda, em Bissau, diversificando assim a nossa inserção pastoral na igreja da Guiné. A comunidade de Bissau serviria também de apoio aos espiritanos do interior, que nas suas deslocações à cidade, precisavam de acolhimento.

Foram Coordenadores do grupo espiritano os Padres Michel Gerlier, José Costa, Mário Pires, Felisberto Sakulukusu e Nito Chatuvica. Portugal, Angola e a Tanzânia têm apostado muito na Guiné-Bissau com o envio de jovens espiritanos.



P. Mário Pires com uma criança manjaca



Escola Sem Fronteiras de Tubebe-Caió



OUTROS ROSTOS DA MISSÃO ESPIRITANA

O trabalho missionário dos espiritanos portugueses não se restringe aos países de expressão portuguesa. Passando em relevo as várias situações missionárias por nós abraçadas, podemos dizer que o nosso serviço evangelizador é caracterizado por diversas dimensões: "Justiça e Paz", na experiência piloto, há cinco anos iniciada, nos Hostels na África do Sul (bairros- dormitórios onde só vivem trabalhadores negros); ajuda às igrejas carenciadas e a um povo pobre como no Paraguai; após insistentes apelos para trabalhar com os indígenas e na formação de jovens que se sentem chamados à vocação missionária espiritana, abrimo-nos ao México 1996.

P. Albino Victor celebra o Domingo de Ramos com camponeses no Paraguai



Paraguai

Os Espiritanos estão presentes no Paraguai desde 1967 e formam um grupo internacional que anda às voltas de 12 - 15 membros de várias nacionalidades, inclusive de Portugal. Este grupo missionário está bem convencido que a pobreza é uma criação humana e que é produto fundamental de um sistema social. Estas convicções levaram os espiritanos a participar nas lutas dos camponeses, defendendo e promovendo as suas legítimas aspirações, e ajudando na sua organização. Para o P. Albino Victor, português e no Paraguai há mais de vinte anos, a inculturação teve um preço duro mas preparatório, para ser um missionário daquele povo "aprender uma nova língua, habituar-me a maneiras diferentes de comer, sentir a falta das coisas a que estava habituado na Europa, acostumar-me a um ritmo de vida mais tranquilo, fazer a experiência de ser desprezado por ser estrangeiro que não entende a mentalidade paraguaia....".



Moçambique

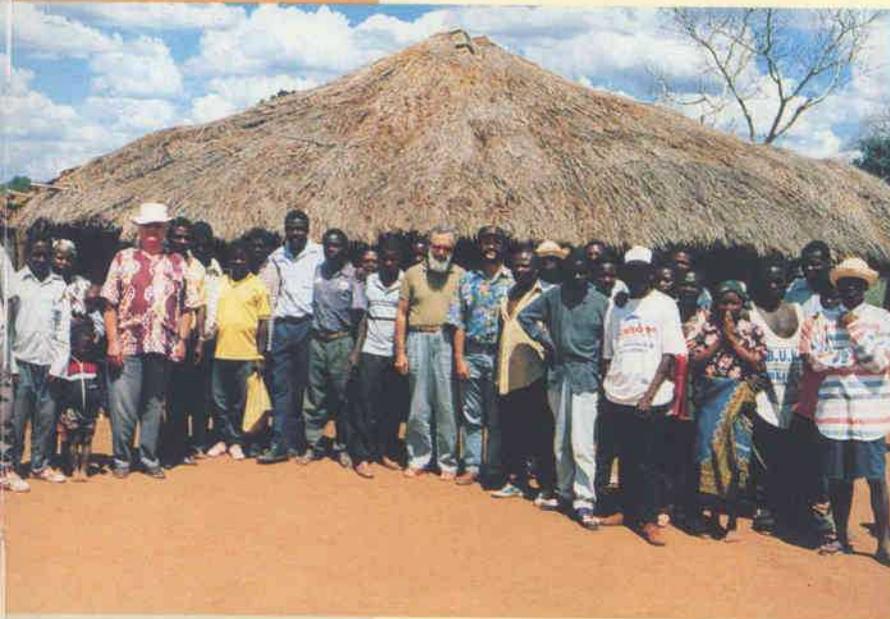
Foi em 15 de Junho de 1995 que o Conselho Geral decidiu dar resposta aos pedidos insistentes da Igreja de Moçambique para que os Espiritanos pudessem aí iniciar uma presença missionária. No segundo semestre de 1996, partiram duas equipas missionárias, de três membros cada, com espiritanos de Portugal, Angola e Nigéria. A implantação foi feita nas missões de Netia, diocese de Nacala, e Inhazonia, diocese de Chimioio. Moçambique adquiriu a sua independência em 1975. A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), partido comunista, conduziu uma política violentamente anti-religiosa, confiscando todas as propriedades da Igreja. Muitos missionários partiram. Alguns, religiosos e religiosas, ficaram em condições muito difíceis e humilhantes. A independência foi seguida de uma sangrenta guerra civil entre a FRELIMO e o partido rival, RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), até aos acordos de paz em 1992, assinados em Roma na comunidade de Santo Egídio. A Igreja de Moçambique fez uma opção clara pelas pequenas comunidades cristãs e tem consagrado muitos esforços na formação de animadores Leigos. Os ministérios laicais são variados, incluindo também ministérios sociais. Nas aldeias, há carência de duas estruturas fundamentais: as escolas e os centros de saúde. Existe um movimento em curso para criar pequenas escolas, as "escolinhas" com professores voluntários. Só em Netia, existem 50 destes voluntários. É preocupação dos missionários em colaboração com as comunidades, pôr de

S. Tomé e Príncipe



libertação da natureza e pobreza do povo poderiam ser a melhor definição das 'Ilhas Verdes'. A pobreza é visível em estruturas que não existem ou que estão tremendamente deterioradas. D. Abílio Ribas, espiritano português, é, desde 1984, o primeiro bispo residente destas ilhas equatoriais. Sempre pelejou por poder viver em comunidade espiritana e isso fez com que alguns espiritanos portugueses tenham com ele colaborado. Responder aos desafios sociais graves e criar as estruturas que dinamizem as comunidades cristãs são as prioridades. Em Setembro de 1998 um sonho se tornou realidade para a igreja de S. Tomé: abriu o seminário diocesano com a presença de 12 jovens.

S. Tomé e Príncipe, um país que precisa de se desenvolver.



Missionários Espiritanos em Moçambique de visita a uma comunidade

pé uma pequena organização de cuidados primários de saúde, que se preocupe também com os mutilados da guerra.

Emigrantes

O povo emigrante é sempre um povo carenciado de pontos de referência, de apoio familiar e de ministério da escuta. Deste modo surgiram compromissos pastorais na Europa, França e Alemanha), No Canadá (Ontário) e nos Estados Unidos (R.I. Providence). A particularidade do projecto dos Estados Unidos, iniciado em 1974, e a que não está alheia a nossa já cinquentenária presença em Cabo Verde, está no facto de ser a única paróquia na América para emigrantes cabo-verdianos.

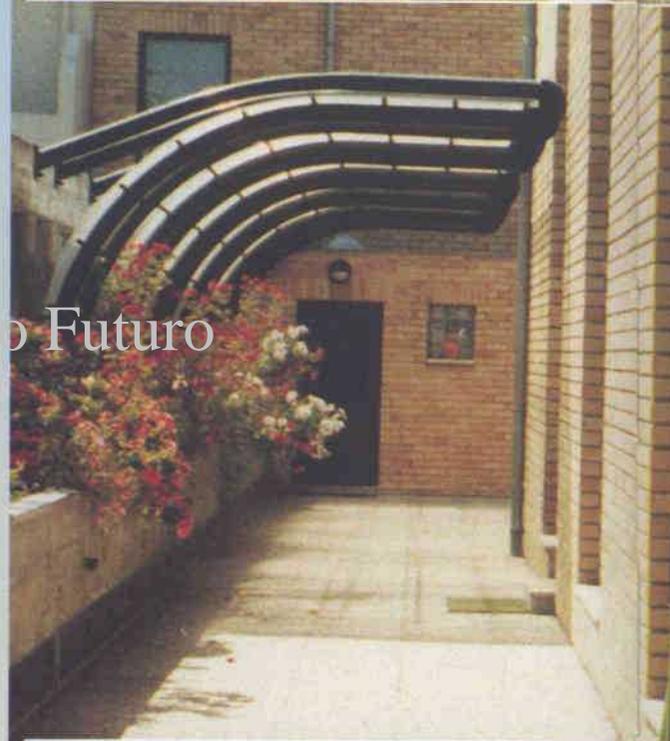


MISSÃO AO PÉ DA PORTA

Espiritanos em Paróquias

A colaboração com as igrejas de origem, através de compromissos paroquiais, constitui uma longa tradição na província de Portugal. A paróquia de S. José de Godim - Régua, diocese de Vila Real, está entregue aos cuidados pastorais da Congregação desde 1927. S. Domingos de Rana foi entregue à Congregação em 1949, na inauguração do Seminário da Torre d'Aguiha. Em 1985 foi criada a paróquia de Tires. Após a revolução de 74, a Província assumiu ainda a responsabilidade de algumas paróquias e, noutros casos, deu o seu consentimento para que espiritanos pudessem dedicar-se ao ministério paroquial. O compromisso mais duradouro foi em Vila Nova de Cerveira, onde além da Matriz, vários confrades, entre 1975 -1996, tiveram o cuidado pastoral de cinco paróquias. Também nessa mesma época, a Província assumiu o encargo de duas paróquias na diocese do Algarve: São Brás de Alportel e Santa Catarina. Compromissos que ainda hoje se mantêm.

Seminário Espiritano do Porto, uma construção dos anos 90.



Fundação Cuidar o Futuro



A Paróquia de S. Domingos de Rana (Cascais) é espiritana desde há muitos anos

Imigrantes Africanos em Lisboa

Os espiritanos, desde a década de 1960, têm prestado um importante serviço de acolhimento aos imigrantes africanos que chegam a Portugal.. Primeiro foram os cabo-verdianos. Depois, várias minorias étnicas. O trabalho de acolhimento aos emigrantes africanos assume duas vertentes que se completam: a social e a pastoral. A Capelania dos Africanos foi formalmente confiada aos espiritanos em 1992, após longos anos de trabalho de assistência religiosa a estes Imigrantes.



COMPROMISSOS EM PORTUGAL

HOJE



Seminários Espiritanos

Depois da semente da vocação ter sido semeada no coração do adolescente e jovem, a Congregação tem a Missão de a fazer desabrochar, crescer e florir, até que produza frutos de generosidade, partilha e serviço em favor dos mais desfavorecidos e deserdados neste mundo em que vivemos. Por isso é que a formação dos missionários do amanhã se faz por etapas e sempre à escuta dos anseios dos povos que não conhecem Jesus e o Seu Evangelho. No início, há um período de postulante em que, juntamente com estudos de carácter geral e filosófico, o jovem é ajudado a discernir os apelos de Deus na sua vida e a aprofundar os motivos que o incentivam a responder sim ao chamamento de Deus. A etapa seguinte é chamada 'Noviciado'. Durante um ano, o jovem é levado a encontrar na vida espiritual, alimentada da oração e dos escritos dos nossos Fundadores, a alegria da consagração segundo o modelo e Regra de Vida que os Espiritanos se propõem viver.

A vida em comunidade, como meio privilegiado para a Missão, aparece aí como fundamental. Durante os três anos de estudos Teológicos que se seguem, é aprofundado o conhecimento da Bíblia, da Igreja e sua Missão. O tempo de Estágio, numa situação missionária, impõe-se com a experiência apostólica directa, antes do jovem professar o seu compromisso definitivo com a Congregação e com a Igreja, pela Ordenação Diaconal e Presbiteral ou Votos Perpétuos como Irmão consagrado.

Assim como alguns jovens portugueses fazem parte da sua formação no estrangeiro, também outros vêm de fora para cá. Em Portugal, as comunidades de formação estão na Silva (Barcelos), no Fraião (Braga), Porto e Lisboa.

Pastoral das Vocações

A Pastoral Vocacional visa atingir os adolescentes e os jovens, despertando neles a vocação missionária, acompanhando-os em seu discernimento e suas opções. Através de encontros realizados em paróquias, escolas e nos nossos seminários, o jovem aprende a estar atento à voz de Deus e é encorajado a responder com generosidade ao apelo de Cristo.

A vocação missionária espiritana é apresentada nas suas várias facetas e aos que colocam, como séria possibilidade, a consagração total na Congregação, é facultada uma experiência comunitária numa das casas de Formação.

Há dois centros vocacionais a funcionar: No Porto (Pinheiro Manso) e em Braga (Seminário do Fraião).

Animação Missionária

A Animação Missionária Espiritana aposta numa grande riqueza: a de uma grande diversidade de movimentos e grupos, onde toda a gente tem lugar. Há um trabalho conjunto com os outros Institutos Missionários 'ad Gentes' (Animag - Missão-Press) e, a nível da família espiritana, tudo passa pelo Conselho da Animação Missionária e pelos Coordenadores da Animação Missionária Espiritana (CAME).



Liamistas na Peregrinação da Família Espiritana a Fátima

A Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM)



A Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM), apareceu como fruto do movimento de renovação missionária, lançado na Igreja por Pio XI, o Papa das Missões, nas primeiras décadas do século XX. Fundou-a o P. Agostinho de Moura, espiritano, em Fátima, a 13 de Maio de 1937, coadjuvado pelos seminaristas José Felício e Augusto Teixeira Maio. Era seu objectivo despertar a adormecida consciência missionária do povo português.

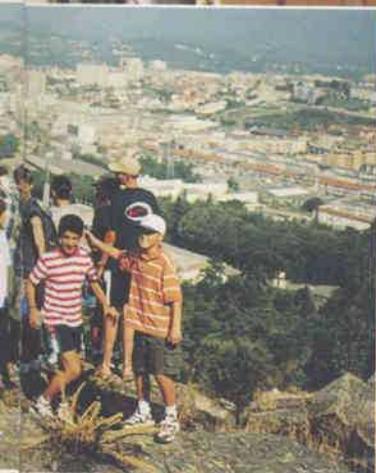
A ideia começou a tomar corpo a partir da difusão do pequeno jornal do seminário "Entre Nós", que mais tarde receberia o nome de "Acção Missionária" e rapidamente se desenvolveu. Uma das primeiras áreas a ser sensibilizada foram os estudantes de Coimbra, daí alastrando para os seminários, colégios e paróquias.

A sua metodologia assentava na formação de núcleos de animação missionária, integrados no tecido eclesial, com o objectivo de despertar a consciência missionária do povo de Deus. O seu campo de acção cobriu um vasto leque de iniciativas, merecendo realce especial, a imprensa missionária, através do jornal "Acção Missionária" e das revistas "Portugal em África" e "Encontro", editorial e publicação de livros, meios audio-visuais, encontros de professores, sessões de estudo, retiros e cursos de formação.

Pode dizer-se que este movimento foi o grande pioneiro da renovação missionária de Portugal e, apesar da actual grande variedade de iniciativas do mesmo género existentes no país, a LIAM continua a ser um ponto de referência obrigatório



Encontro dos jovens espiritanos em formação (JEF)



Adolescentes em Encontro de Pastoral Vocacional



Responsáveis de Núcleo da LIAM no Encontro Anual, em Fátima

Alguns Professores junto ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo, durante um encontro do MOMIP



para a animação missionária. Foi a partir da LIAM que nasceram outros movimentos mais especializados, como os Jovens Sem Fronteiras, o Movimento Missionário de Professores, etc. A LIAM conta hoje algumas centenas de núcleos e alguns milhares de membros activos.



Movimento Missionário de Professores (MOMIP)

O MOMIP teve as suas raízes em 1962 com os Encontros Nacionais de Professores e Alunos Mestres, organizado pela JAV. Foi através destes encontros que a motivação missionária se foi infiltrando nos seus participantes, dando origem a uma mística que acabou por sentir a necessidade de se organizar em movimento. Em 1999 os seus estatutos foram aprovados.

Segundo estes estatutos, os objectivos do movimento são os seguintes: - dedicar-se à animação missionária de professores e alunos nas escolas e seu meio envolvente; - desenvolver o voluntariado missionário em ordem a despertar professores e outros para serem cooperantes em países desfavorecidos, sobretudo de expressão e língua portuguesas; - apoiar a formação de missionários; - promover o intercâmbio solidário entre culturas, línguas e etnias através do ambiente escolar e se possível a geminação entre escolas; - promover e apoiar projectos de alfabetização e outras iniciativas que visam a educação de base; - f) proporcionar aos seus membros a formação cultural, social e profissional.

Todos os anos organiza o Encontro Missionário dos Professores.

Jovens Sem Fronteiras



Os Jovens sempre estiveram no centro das preocupações da animação missionária espiritana. A convicção de que era preciso respeitar idades, caminhadas, ritmos, formação... levou à fundação dos JSF como Movimento, em 1983.

Os grupos JSF, todos de inserção paroquial, ultrapassam as três dezenas. Têm uma Coordenação Nacional e Coordenações Regionais com sede em Braga, Porto e Lisboa. Apostam na caminhada em grupos nas paróquias. Trabalham em sintonia e participam em iniciativas promovidas pelo departamento Nacional da Pastoral Juvenil e pelos Secretariados Diocesanos e Vicariais da Pastoral Juvenil. Importantes são os momentos de formação, de oração, de compromisso na pastoral paroquial, de opção por situações de fronteira nas paróquias, de campanhas missionárias. O Encontro Nacional, os Encontros de Animadores, os Retiros, os Encontros Regionais, as Férias Missionárias, a 'Ponte' (experiência de férias num país de Missão), a participação na Peregrinação a Fátima da Família Espiritana,... marcam o plano de actividades dos JSF. A aprovação dos Estatutos pela Coordenação Nacional a 6 de Fevereiro de 2000 é uma data histórica. Nesta mesma reunião se assinou um Protocolo com a ONG Sol Sem Fronteiras (fundada pelos JSF em 1993) a fim de que esta coordenasse as campanhas e os projectos missionários dos JSF.

A onda JSF alastra e há já grupos em França, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Angola...



Centro Espírito Santo e Missão (CESM)

O CESM é um centro de encontro, reflexão, partilha e celebração onde os cristãos podem aprofundar a sua vida espiritual. A descoberta de uma espiritualidade missionária espiritana é uma das propostas que a equipa de animação, constituída por religiosos e leigos, oferece quer através de retiros e encontros, ou simplesmente partilhando com eles o silêncio e a vida de comunidade.

No CESM, a oração ocupa o lugar central

Fraternidades Espiritanas

São grupos espirituais de leigos e leigas, jovens ou adultos, que procuram no mesmo cenáculo a força e a luz do Espírito Santo que os anima e fortalece no exercício da sua vocação missionária na Igreja e no mundo. Na linha da espiritualidade missionária espiritana, as Fraternidades são também um esforço para alargar e viver os laços de comunhão que une religiosos e leigos na Missão que a Igreja lhes confia.

A Família Missionária nasceu em Braga e é uma associação de cristãos empenhados na animação missionária das comunidades e grupos sociais e na cooperação para o desenvolvimento dos paí-

Jovens Sem Fronteiras durante um Encontro Nacional



As Fraternidades são um espaço de oração, reflexão e encontro



ses mais pobres e está estreitamente ligada ao esforço missionário dos Espiritanos. Os seus membros pertencem à LIAM, aos JSF e a outros sectores da Animação Missionária Espiritana, onde continuam a exercer as suas responsabilidades.

Voluntariado Missionário

É um modo de seguir Jesus, um caminho de solidariedade com os mais pobres, uma maneira de construir a fraternidade universal, uma forma de lutar pela Justiça e pela Paz, uma aventura de Fé para gente com coragem.

A experiência dos que já partiram mostra que o Voluntariado Missionário Espiritano é uma das grandes apostas para o Terceiro Milénio. Partir por um, dois, três ou mais anos é uma forma corajosa de ser missionário. Se queres dar uma parte da tua vida numa situação de fronteira, contacta os Espiritanos.



O Voluntariado tem aberto novos espaços de Missão e encontro de culturas

Antigos Seminaristas (ASES)

Pelos seminários espiritanos passaram milhares de jovens. A Associação dos Antigos Seminaristas do Espírito Santo (ASES) foi fundada em 1958 e, até hoje, não parou. De norte a sul do país, promove encontros, convívios e apoia projectos missionários dos espiritanos. Publica um Boletim Informativo, o Uniasés, que faz a ligação e vai dando conta das campanhas em favor da Missão.

'Justiça e Paz'

A promoção da Justiça e Paz é uma das prioridades dos espiritanos portugueses. A nível de Província existe uma comissão de Justiça e Paz. Os seus objectivos são sensibilizar todos os confrades para esta causa e agir, em ligação com outras comissões de justiça e paz e ONGs, para transformar a realidade social segundo parâmetros do Evangelho.

Estamos em ligação, nomeadamente, com a AEFJN (Rede Europa-Africa para a Fé e a Justiça), através da inserção na antena portuguesa, e ainda com as outras comissões de Justiça e Paz das Províncias da Europa, fazendo nossas as campanhas comuns. Estivemos envolvidos, nomeadamente, nas campanhas pela legalização em Portugal dos imigrantes clandestinos, pelo perdão da dívida externa dos países pobres, na da moratória para a pena de morte no ano 2000, contra as crianças soldados e contra as armas ligeiras.

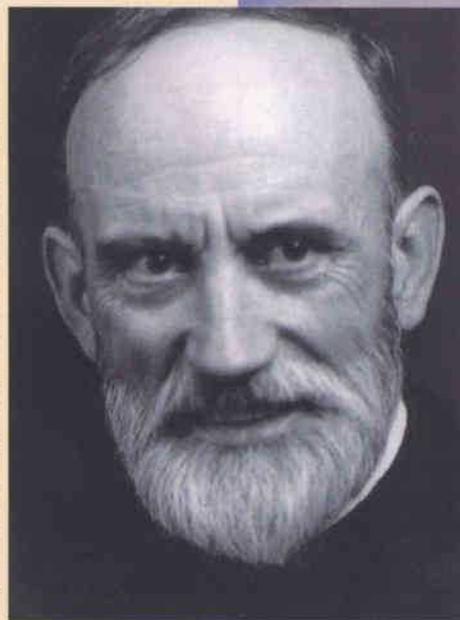
Centro Padre Alves Correia (CEPAC)



O CEPAC, fundado em 1993, é uma instituição particular de solidariedade social, cujo objectivo principal é o apoio a imigrantes africanos. Embora tenha um atendimento diário na sua sede (R. Santo Amaro, à Estrela, 43 - Lisboa), pretende alargar a sua acção a todas as zonas do país onde haja comunidades de imigrantes africanos que necessitem e possam beneficiar da sua acção.

Como objectivos principais, o CEPAC aposta no apoio administrativo e documental; no esclarecimento e defesa dos direitos dos imigrantes e suas famílias; no apoio às famílias com carências económicas; no apoio jurídico em processos litigiosos; na promoção cultural e social; na orientação escolar e pedagógica dos filhos dos imigrantes; no apoio aos jovens estudantes africanos; na assistência religiosa católica; na informação e sensibilização da opinião pública sobre os problemas específicos da imigração.

O P. Joaquim Alves Correia foi um conhecido missionário espiritano. Nasceu em Recarei (Paredes), foi missionário na Nigéria (8 anos) e Procurador das Missões (21 anos). Devido à sua luta em favor dos Direitos Humanos e da justiça social, foi exilado em 1946 para os Estados Unidos pelo regime de Salazar. Foi Professor na Universidade de Duquesne (Pittsburg) onde morreu em 1951. O CEPAC é uma homenagem a este missionário considerado um dos pais da democracia portuguesa.



OP. Joaquim Alves Correia, profeta, amigo dos pobres, um dos pais da democracia portuguesa





Serviço Espiritano de Solidariedade (SES)

O SES nasceu da resposta dada pelo Capítulo Provincial de 1991 a um apelo dos missionários em Angola. Daí para cá, toda a família espiritana se tem empenhado o envio de muitas toneladas de bens de primeira necessidade para apoiar o trabalho dos missionários em situação de fronteira, sobretudo em Angola. Mas outras situações, como a Guiné-Bissau, Moçambique, Amazónia, México, Paraguai, etc... têm beneficiado do SES. Da ajuda de emergência, o SES quer passar ao apoio de projectos de desenvolvimento e de pastoral.

COMUNIDADES ESPIRITANAS EM PORTUGAL

AGUILHA-CASCAIS

Tel. 21 445 84 40
Fax 21 445 16 70
e-mail: teologia@espiritanos.org
Seminário da TORRE D'AGUILHA
2785-599 S. DOMINGOS DE RANA

COIMBRA

Tel. 239 71 76 56
Fax 239 71 86 14
e-mail: csspcoimbra@mail.telepac.pt
TRAV. DO ESPÍRITO SANTO, 10
3000-157 COIMBRA

ESTRELA

Tel. 21 393 30 00
Fax 21 393 30 19
e-mail: Cssp@netc.pt
Liam.lisboa@netc.pt
SANTO AMARO A ESTRELA, 51
1200-801 LISBOA

FRAIÃO-BRAGA

Tel. 253 68 35 56
e-mail: csspbraga@mail.telepac.pt
SEMINÁRIO DO FRAIÃO
4710-035 BRAGA

FUNDÃO

Tel. 275 75 35 16
R. JOSÉ GERMANO CUNHA, 39
6230-366 FUNDÃO

GODIM-RÉGUA

Tel 254 31 21 77
Fax 254 31 45 69
e-mail: csspgodim@mail.telepac.pt
SEMINÁRIO DAS MISSÕES - GODIM
5050-068 PESO DA RÉGUA

PORTO

Tel. 22 610 25 15
Fax 22 617 12 39
e-mail: csspporto@mail.telepac.pt
RUA DO PINHEIRO MANSO, 62
4100-409 PORTO

S. BRÁS DE ALPORTEL-ALGARVE

Tel. 289 84 21 25
Fax 289 84 21 25
RESIDÊNCIA PAROQUIAL
8150 S. BRÁS DE ALPORTEL

SILVA-BARCELOS

Tel. COMUNIDADE: 253 88 11 21
Tel. NOVICIADO: 253 88 19 89
Fax 253 88 35 53
e-mail: Info@inst-missio-espirito-santo.rcts.pt
SEMINÁRIO DAS MISSÕES - PENA
4750-693 SILVA BCL

VIANA DO CASTELO

Tel. 258 81 90 00
Fax 258 81 90 01
e-mail: csspviaana@mail.telepac.pt
RUA DOS SANTOS MÁRTIRES
BAIRRO DAS URSULINAS
4900-311 VIANA DO CASTELO

CEPAC - CENTRO PADRE ALVES CORREIA

Tel. 21 395 61 16 - 21 396 84 52
Fax 21 396 84 52
RUA DE S. AMARO, À ESTRELA, 43
1200-801 LISBOA

Publicações

Acção Missionária

Pode dizer-se que a LIAM começou com o jornal "Entre Nós", que seria o antecessor da "Acção Missionária". Com efeito, a primeira iniciativa que abriu o caminho à futura LIAM foi a distribuição do pequeno jornal Entre Nós, em Fátima, em Maio de 1937.

Em 1940 o jornal muda de nome: passa de Entre Nós a Acção Missionária. O seu director era o director da LIAM, o PAgostinho de Moura.

A formação e a informação são vitais para a Animação Missionária. É que a Missão também se escreve. Na viragem do século e do milénio, beneficiou de uma renovação editorial e gráfica, sendo a primeira e última página impressas a cores.

É distribuído apenas por assinatura, pelo correio. O jornal está na internet, em www.espiritanos.org/am. O email da redacção é a-missionaria@netc.pt



Fundação para Cuidar o Futuro

Encontro

A revista "Encontro" apareceu a 1 de Janeiro de 1963 e recebeu o seu nome de baptismo a partir do Movimento Missionário de Professores. A missão da Igreja emergia dos documentos do Concílio Vaticano II como a tarefa fundamental do povo de Deus e será nessa onda que o "Encontro" embarcará, muito orientada para os jovens.

Em 1988, a cor substituiu o preto e branco no dossier e, no ano 2000, a revista passou a imprimir-se toda a cores, depois de uma renovação gráfica e editorial. Está na Internet em www.espiritanos.org/encontro. O email da redacção é encontro@netc.pt.

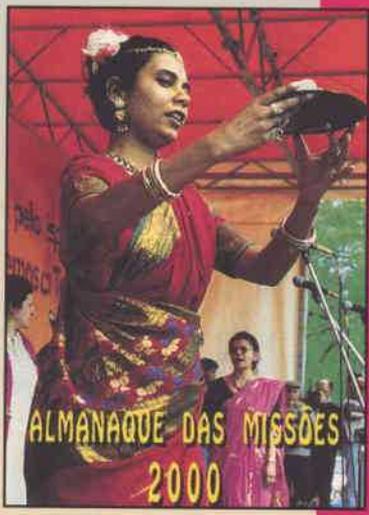


Livros

A Editorial LIAM, ao longo dos anos, foi publicando obras de cariz missionário. Nos últimos tempos, fez a aposta anual de um livro com temas e dinâmicas para os Núcleos da LIAM e outros grupos.

Almanaque, Calendário e Agenda

São milhares os Calendários, Almanaque e Agendas das Missões que são distribuídos em Portugal, países lusófonos e comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. São um precioso meio de formação e informação missionários e um apoio forte ao trabalho dos missionários na linha da frente.





Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro

Endereço:

Congregação do Espírito Santo
Casa Generalícia
195, Clivo di Cinna
1 - 00136 ROMA
Fax: 39-6 / 35 45 06 76

Conselho Geral 1992-1998:

P. Pierre Schouvar, Superior Geral;
P. Bernard Kelly; P. Godfrey Odigbo;
P. Bernardo Bango; P. Sergio Castriani;
P. Jean-Michel Jolibois;
P. Abel Moreira Dias; P. Frans Wijnen.

Concepção do Album:

Grupo Internacional Espiritano
"História-Aniversários":
P. Jean-Claude Pariat, Coordenador;
P. Vincent O'Toole e Ghislan de Banville,
arquivistas; P. Paul Coulon; P. Casimir Eke;
P. Henry J. Moloney; P. Gaëtan Renaud;
P. Adélio Torres Neiva.

Ilustração:

Capa: pintura haitiana de M. Chery; Misereor,
Alemanha.
Pinturas: MM. André Lagrange, França;
Chery, Haiti, Misereor; Lati Sabi, Índia; Obra
Pontifícia Missionária, França; Maurice Briault e
Peter Gross, Espiritanos; Jauvenet.

Fotografias:

Osservatore Romano, Roma; Obra dos Órfãos
Aprendizes de Auteuil, Paris; Abadia Beneditina
de Keur Moussa, Senegal;
Centro de Informação Missionária (C.I.M.),
Paris; Congregação de S. José de Cluny;
Congregação das Irmãs Missionárias do Espírito
Santo; PP. Ghislan de Banville, Jean-Pierre
Buecher, Lucien Heitz, Bernard Hym, Jean-Paul
Karrer, Gabriel Myotte-Duquet, Jean-Claude
Pariat, espiritanos; Théodor Van Der Beek,
Firmino Cachada, J. Carlos Coutinho,
Veríssimo Teles e Tony Neves.

Texto e realização:

P. Jean-Claude Pariat

Concepção gráfica:

Didier Gaugler, Éditions du Signe

Agradecimentos:

Confrades espiritanos historiadores:
PP. Antonio Brásio, Portugal (†); Joseph Theodor
Rath, Alemanha (†); Joseph Michel, França (†);
Henry J. Koren, Estados Unidos; Sean Farragher,
Irlanda; Mme Geneviève Karg, responsável dos
arquivos-fotos do C.I.M., Paris; PP. René
Charrier e André Ducry; Direcção da Obra dos
Órfãos Aprendizagem de Auteuil em Paris, onde se
encontra o fresco, abrangendo "230 anos de
história dos espiritanos" pintado por André
Lagrange, 1935. Responsável da Peregrinação
Padre Laval e da Igreja de Santa Cruz,
Port Louis, Ilha Maurícia, onde se encontra
o fresco do P. Laval.

Edição Portuguesa:

A. Torres Neiva e Tony Neves

Editor:

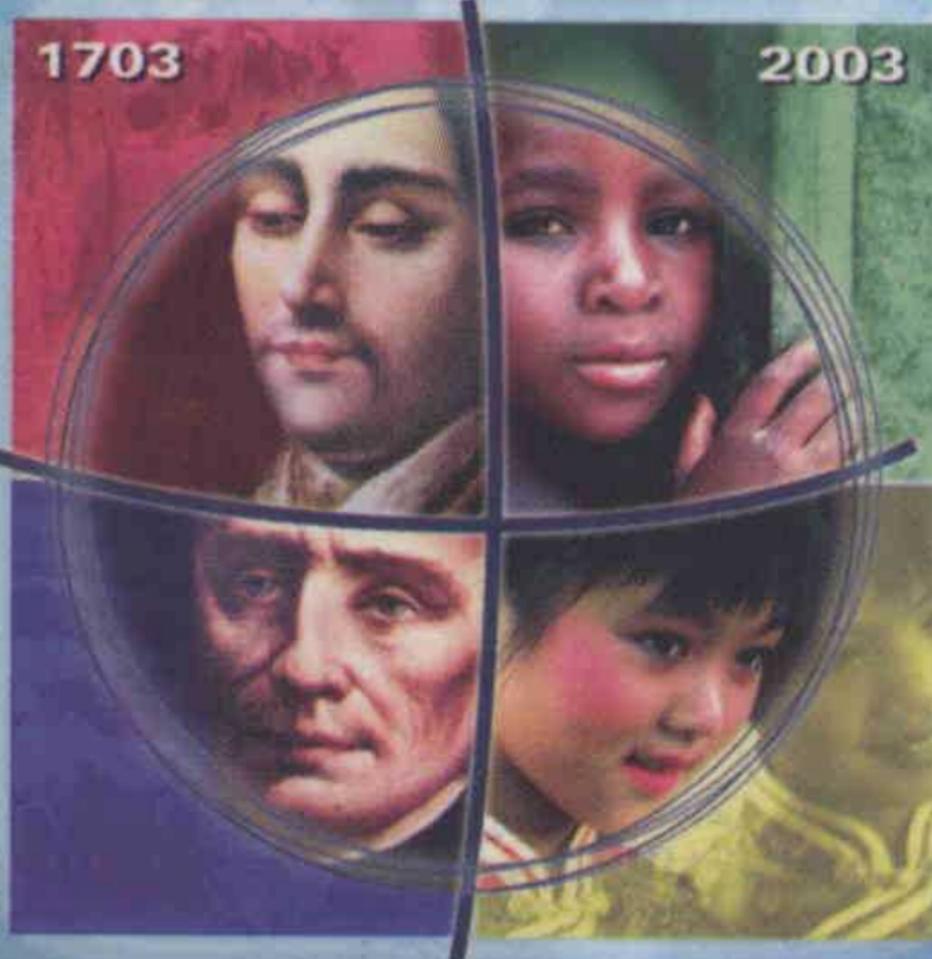
Éditions du Signe

B.P. 94 - 67038 Strasbourg Cedex 2
Tel. 00 33 388 78 91 91 - Fax. 00 33 388 78 91 99



© Éditions du Signe 2000
Todos os direitos reservados - ISBN: 2-7468-0148-5
Impresso no Itália por Albograf, Roma

Missionários do Espírito Santo



Fundação Cuidar o Futuro

300 anos de Missão



www.espiritanos.org